

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS CLÁSSICAS

ARTUR COSTRINO

A lição dos declamadores: Sêneca, o rétor, e as suasórias

São Paulo

2010

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS CLÁSSICAS

A lição dos declamadores: Sêneca, o rétor, e as suasórias

Artur Costrino

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculos da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Martinho dos Santos

São Paulo

2010

FOLHA DE APROVAÇÃO**Artur Costrino****A lição dos declamadores: Sêneca, o rétor, e as suasórias.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas, do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre sob orientação do Prof. Dr. Marcos Martinho dos Santos.

Defendido e aprovado em ____ de _____ de 2010 pela banca examinadora constituída pelos professores:

Prof. Dr. Marcos Martinho dos Santos
FFLCH/Universidade de São Paulo

Prof. Dr. Pablo Schwartz Frydman
FFLCH/Universidade de São Paulo

Prof. Dr. Alessandro Rolim de Moura
Universidade Federal do Paraná

DEDICATÓRIA

A meus avós: vivos em meu coração.

AGRADECIMENTOS

A meu orientador, Marcos Martinho dos Santos, sem o qual este trabalho seria plenamente impossível;

A Luciana Fernandes de Siqueira, *flamma mea*, por todo o apoio, atenção e carinho;

A meus amigos sempre presentes e prontos para ajudar;

A minha família, pela paciência;

Obrigado.

EPIGRAFE

Aliquem habeat animus quem vereatur, cuius auctoritate etiam secretum suum sanctius faciat. O felicem illum qui non praesens tantum sed etiam cogitatus emendat! O felicem qui sic aliquem vereri potest ut ad memoriam quoque eius se componat atque ordinet! Qui sic aliquem vereri potest cito erit verendus. (...) Elige eum cuius tibi placuit et vita et oratio et ipse animus ante se ferens vultus; illum tibi semper ostende vel custodem vel exemplum. Opus est, inquam, aliquo ad quem mores nostri se ipsi exigant: nisi ad regulam prava non corriges.

(Sêneca, *Ad. Luc.* 1, XI, 9-10)

RESUMO

Este trabalho tem como objetivos a tradução anotada e um estudo a respeito da obra *Suasórias* de Sêneca, o rétor. A tradução tenta seguir de modo rente o texto original, enquanto as notas procuram informar ao leitor algum acontecimento histórico ou personagens citados por Sêneca ou pelos declamadores. Já o estudo divide-se em três capítulos, o primeiro, procura detalhar algumas questões básicas sobre a *declamatio*, tendo ainda como subcapítulo um estudo mais aprofundado sobre as fontes desse fenômeno romano; o segundo capítulo versa sobre a forma constituinte da obra, ou seja, as *sententiae*, *diuisiones* e *colores*; o terceiro e último capítulo analisa de perto a relação entre suasória e prosopopeia, suas semelhas e diferenças.

PALAVRAS-CHAVE: Declamação, Suasória, Sêneca, o rétor, Prosopoeia, Retórica Epidítica, *Sententiae*, *Diuisiones*, *Colores*.

ABSTRACT

This dissertation has as its aims an annotated translation and a study about the work *Suasoriae* of Seneca, the elder. The translation attempts to follow closely on the original text, while the notes inform the reader some historical event or characters cited by Seneca or even by the reciters. The study is divided into three chapters, the first attempts to clarify some basic questions about the *declamatio*, and also has, as its subchapter, a further study on the sources of this Roman phenomenon, the second chapter deals with the constituent form of the work, i.e. the *sententiae*, *diuisiones* and *colores*, the third and final chapter examines closely the relationship between *suasoria* and *prosopopeia*, their resemblances and their differences.

KEYWORDS: Declamation, *Suasoria*, Seneca, the elder, *Prosopopeia*, Epideictic Rhetoric, *Sententiae*, *Diuisiones*, *Colores*.

SUMÁRIO

1. Primeiras questões sobre o gênero declamatório.....	10
1.1 Alguns detalhes sobre as origens gregas da declamação.....	20
2. Sobre as <i>sententiae</i> , <i>diuisiones</i> e <i>colores</i>	28
2.1. <i>Sententiae</i>	28
2.2. <i>Diuisiones</i>	32
2.3. <i>Colores</i>	34
3. Questões sobre a Suasória e a Prosopopeia.....	38
4. Tradução do Livro das Suasórias.....	45
5. Bibliografia.....	94
5.1. Antiga.....	94
5.2. Moderna.....	95
6. Anexo: <i>Suasorium Liber</i>	97

1. primeiras questões sobre o gênero declamatório

Ao começarmos nosso estudo a respeito da declamação, em geral, e da suasória, em particular, é difícil não atentarmos àquele excerto escrito por Sêneca, o rétor, logo no prefácio de sua primeira controversia:

Declamabat autem Cicero non quales nunc controuersias dicimus, ne tales quidem quales ante Ciceronem dicebantur, quas thesis uocabant. Hoc enim genus materiae quo nos exercemur adeo nouum est ut nomen quoque eius nouum sit: controuersias nos dicimus; Cicero causas uocabat. Hoc uero alterum nomen Graecum quidem, sed in Latinum ita translatum ut pro Latino sit, scholastica, controuersia multo recentius est, sicut ipsa “declamatio” apud nullum antiquum auctorem ante Ciceronem et Caluum inueniri potest, qui declamationem <a dictione> distinguit; ait enim declamare iam se non mediocriter, dicere bene; alterum putat domesticae exercitationis esse, alterum uerae actionis. Modo nomen hoc prodiit; nam et studium ipsum nuper celebrari coepit: ideo facile est mihi ab incunabulis nosse rem post me natam. (Contr. I pr. 12)

No entanto, Cícero declamava não aquilo que nós chamamos de “controvérsias”, nem certamente aqueles que se falavam antes de Cícero, que se chamavam “theses”. Pois esse gênero de matéria no qual nós nos exercitamos é de tal modo novo que também o nome dele é novo. Nós dizemos “controvérsias”; Cícero chamava de “causas”. Em verdade, este outro nome, certamente grego, mas traduzido ao latim como se fosse latino, “escolástica”; “controvérsia” é muito mais recente, assim como a própria “declamação” não pode ser encontrada em nenhum autor antigo antes de Cícero e Calvo, o qual distingue “declamação” de “dicção”, pois diz que ele ainda não declama aceitavelmente, mas fala bem. O primeiro julga que se trata de um exercício doméstico; o segundo, de uma ação verdadeira. Há pouco o nome apareceu, pois também o próprio estudo começou a ser apreciado recentemente. Assim é fácil para mim conhecer esta matéria, que nasceu depois de mim, desde o berço.

Apesar do que Sêneca reporta, devemos ter alguma cautela com suas palavras. Como nos lembra Fairweather (Fairweather, 1984, p. 543-4):

The delivery of rhetorical exercises on judicial and deliberative themes had been practised by Greek rhetoricians and their pupils for centuries before the elder's Seneca time, and had entered the Latin school curriculum at least as early as Cicero's boyhood. So we must not be misled, because in Contr. I pr. 12 Seneca calls declamation rem post me natam, into thinking of it as a development peculiar to the Silver Age of Latin literature. It may well have been within Seneca's lifetime that it first became common practice for adult amateurs to declaim in public: this was a consuetudo which was evidently not fully accepted in the time of Labienus (Contr. X pr. 4), but its introduction was only the last step in the evolution of Roman declamatio.

O uso de exercícios retóricos sobre temas judiciais e deliberativos havia sido praticado por rétores gregos e por seus pupilos por séculos antes do tempo de Sêneca, o velho, e tinha entrado no curriculum escolar latino pelo menos durante a infância de Cícero. Então nós não podemos nos deixar levar, porque na Contr. I pr 12. Sêneca chama a declamação de *rem post me natam*, a pensar que ela é um desenvolvimento peculiar à literatura da Idade de Prata latina. Pode muito bem ter sido durante a vida de Sêneca que ela se tornou uma prática comum a adultos amadores de declamar em público: isto era uma *consuetudo* que evidentemente não era totalmente aceita na época de Labieno (Contr. X pr. 4), mas sua introdução foi apenas o último passo na evolução da *declamatio* romana.¹

¹ Fairweather usa termos que não estão, muita vez, acordados com a prática recente de evitar anacronismos. Sabemos que “literatura” é palavra recente; não a forma, mas a ideia que ela nos transmite data do início do século XIX, por isso seu emprego, apesar de comum, é perigoso, pois pode fazer-nos cair numa concepção Romântica de obra escrita. Também o termo “Idade de Prata” é bastante polêmico, pois demonstra uma gradação valorativa que, para nós, parece-me bastante distante de ter objetividade; ao contrário, é contaminada pela própria visão que os antigos (e o próprio Sêneca) tinham a respeito de algumas obras. Quanto a essa questão, o estudioso Pablo Schwartz Frydman, em sua tese de doutorado “Estratégias da tradição: Cícero nas *Declamationes* de Sêneca, o retor, e no *Dialogus de oratoribus* de Tácito”, página 9, em nota de pé de página, sustenta a seguinte posição: “embora essa denominação seja um pouco frouxa e imprecisa parece adequada a autores diferentes e paradigmáticos das letras latinas na idade imperial, como Sêneca, o Filósofo, Tácito, Plínio ou

A dúvida quanto à veracidade das afirmações de Sêneca, levantada pela estudiosa, é dirigida pelo fato de que já muito antes os Sofistas gregos praticavam exercícios similares. Podemos lembrar-nos de Górgias, sofista do século IV a.e.c. em seu *Elogio a Helena* ou em sua *Defesa de Palamedes*, em que, no primeiro, mostra por que não se deve culpar Helena pela guerra de Tróia; no segundo, por que Palamedes deve ser inocentado de sua acusação de ter cooperado com troianos. Podemos notar que em ambos há um tema judicial, ou seja, se o classificarmos segundo os critérios de Aristóteles (cf. *Retórica*, I, 4), diremos que ambos possuem uma causa particular, são acusações de atos passados e versam sobre o justo ou o injusto. Todavia esses acontecimentos são ditos mitológicos e, se ocorreram, foram muito anteriores à época de Górgias, por isso, tais discursos tornam-se forjados, de modo a assemelhar-se aos temas das declamações senequianas. O mesmo ocorre nas *Tetralogias* de Antifonte. Nessa obra, o sofista apresenta, como o nome deixa claro, quatro discursos para cada um dos três temas, sendo dois de defesa e dois de acusação. O primeiro deles fala sobre um homem rico que é acusado de assassinato de um homem conhecido por ser seu inimigo, que outrora trouxera uma acusação contra ele de peculato que ainda estava em processo. O morto e seu escravo foram encontrados sem indícios de terem sido roubados; o escravo sobreviveu apenas o tempo necessário para nomear o homem rico entre os assassinos (Fairweather, 1984, p. 544-5). Esse tema assemelha-se, em particular, à *Contr. X, 1*.

Além desses dois exemplos antigos de textos de sofistas gregos que se assemelham a controvérsias, houve outros de temas deliberativos, ou seja, que se assemelham a suasórias, antes mesmo da maturidade de Cícero, como nos lembra Thomas Stanley Simonds (Simonds, 1899, p. 57):

Juvenal. Cf. para uma justificativa dessa estética pós-clássica Dominik (Dominik, 1997, p. 50-68)”.

The Suasoriae, owing to their simpler nature, seem to have reached a complete development earlier than the Controversiae. Thus we find in 'Ad Herennium' III 2,2 as a subject of deliberation, whether "Karthago tollenda an relinquenda uideatur" [...]. All these subjects may be placed as parallels to those of the seven extant Suasoriae of Seneca.

As Suasórias, devido a sua natureza mais simples, parecem ter chegado a um desenvolvimento completo mais cedo do que as Controvérsias. Por isso nós encontramos em 'A Herênio' III, 2,2, como tema de deliberação, se “Cartago parece que deve ser suprimida ou abandonada” [...]. Todos esses temas podem ser postos lado a lado com aqueles das sete Suasórias de Sêneca.

Apesar do autor concordar com a visão de alguns antigos (como Quintiliano) de que a suasória é mais “fácil” que a controvérsia, ele nos dá claro exemplo de que já no início do século I a.e.c. (e muito possivelmente antes disso, já que a *Retórica a Herênio* não trata esse tipo de exercício como uma novidade metodológica de aprendizado da retórica), em Roma, temas deliberativos já permeavam o método de ensino retórico.

Michael Winterbottom (Winterbottom, 1980, p. 10) também parece corroborar a ideia de que a declamação tem não só sua forma, mas também suas personagens dependentes de uma origem grega:

Its inhabitants [of declamation] are stock characters, sympathetic (raped girls, disowned sons, tyrant-killers) or unsympathetic (pirates, strict fathers, tyrants) [...]. All the same, the roots of this world are greek, and they reach back at least to the fourth century B.C.

Seus habitantes [da declamação] são personagens marcados, com os quais simpatizamos (moças estupradas, filhos deserdados, tiranicidas) ou com os quais não simpatizamos (piratas, pais rígidos, tiranos) [...]. De todo modo, as raízes desse mundo são gregas, e elas remontam pelo menos até o quarto século a.e.c.

Vemos novamente corroborada a ideia de que, apesar das personagens típicas, lidamos, de qualquer modo, com uma atividade cujos inícios são de fato gregos.

Todavia, se os temas desses sofistas gregos e de antigos latinos se assemelham muito àqueles de Sêneca e da *declamatio* em geral², diferenciam-se quanto ao trato que recebem em cada uma dessas épocas, ou melhor, quanto à situação em que são usados. Michael Mendelson nos diz algumas palavras relativas a esse tema (Mendelson, p. 96):

In Cicero's time the forensic declamation, or case of law, was known simply as a causa or case, while later, under the Empire, it became known as a scholastica or school-theme to indicate the somewhat cloistered circumstances out of which these artificial orations arose. One popular textbook case dealt with Orestes (son of Agamemnon) whose mother, Clytemnestra, had murdered her husband, and who in turn is murdered by her son (Quintilian 3.11.4-13). As in all controversia, the declaimer would have to be prepared to argue both for and against, pro and contra Oreste's decision to murder his mother.

Na época de Cícero a declamação forense, ou caso de lei, era conhecida simplesmente como *causa*, enquanto que posteriormente, sob o Império, ela ficou conhecida como *scholastica* ou tema-escolar para indicar como que circunstâncias enclausuradas das quais surgiam esses discursos artificiais. Um popular caso escolar lidava com Orestes (filho de Agamenão) cuja mãe, Clitemnestra, tinha assassinado seu marido, e que por sua vez é assassinada pelo seu filho (Quintiliano 3.11.4-13). Como em toda *controversia*, o declamador teria que estar preparado para arguir igualmente por e contra, *pro* e *contra* a decisão de Orestes de matar sua mãe.

Mendelson identifica, pois, *causa* com *scholastica*, seguindo a lição do próprio Sêneca: “Nós dizemos 'controvérsias'; Cícero chamava de 'causas'. Em verdade, este outro nome, certamente grego, mas traduzido ao latim como se fosse latino, 'escolástica', é muito mais recente que 'controvérsia', assim como 'declamação'” (Sen. Contr. I, praef. 12). Além disso, diz o autor

² Cf. *Declamationes Maiores* e *Declamationes Minores* atribuídas a Quintiliano e *Declamationes* de Calpúrnio Flaco.

que “em toda *controuersia*, o declamador teria que estar preparado para arguir igualmente por e contra”, de modo que, pelo que se pode entender, parece ser comum saber defender, nas declamações, tanto um lado quanto o outro de uma mesma situação-problema.

No entanto, apesar de treinar os ambos os lados de um discurso, não era comum que o mesmo declamador os dissesse em uma mesma declamação ou ocasião, como nos relata Fairweather (Fairweather, 1984, p. 543-4):

Already in the 5th century B.C. sophistis had been using fictitious judicial themes to demonstrate their ability to make the worse seem the better case. Their method of treating these themes was different from that customary in the schools of the elder Seneca's time [...]. in Seneca's time the custom was for a declaimer to choose to speak either for the prosecution or the defense, and to declaim only one speech, which was supposed to fulfill the functions of both the actiones of a real court case.

Já no século V a.e.c. sofistas usavam temas judiciais fictícios para demonstrar sua habilidade em fazer o pior caso parecer o melhor. Seu método de tratar esses temas era diferente do costume nas escolas do tempo de Sêneca, o velho [...]. no tempo de Sêneca o costume era o declamador escolher falar ou pela acusação ou pela defesa, e declamar apenas um discurso, que deveria preencher as funções de ambas as *actiones* de um caso de um corte real.

De acordo com a autora, as práticas eram diferentes, não tanto quanto aos temas, mas sim de acordo com o tratamento que recebiam. Enquanto os antigos sofistas declamavam tanto um quanto outro lado da questão, a prática escolar romana, de acordo com Fairweather, que cita o próprio Sêneca como informante dessa característica (Contr. IX pr. 5, Contr. X, 5, 12, Contr. IX pr. 2 e Contr. IV pr. 3), é diferente na medida em que não era costumeiro declamar as duas partes, mas escolhia-se uma. Portanto, por esse aspecto, podemos perceber essa pequena diferença, e comprovar que, ao menos nisso, as práticas gregas e romanas se diferenciavam.

Há ainda a questão dos nomes dos exercícios. *Causa, scholastica, thesis, declamatio*, pode ser que representem de fato coisas diferentes, como parece sugerir Sêneca ao dizer que a declamação é nova e nascida depois dele, que nos reporta, ou pode ser apenas um problema de nomenclatura diferente para coisas iguais. Sobre isso, vejamos o que nos diz Edward (Edward, 1928, p. xiv):

It would appear that before Cicero's time the school exercise was what is called thesis, a discussion of a general question such as "Ought one to marry?", "Is town life better than country life?" In Cicero's day the theme was called causa: and was generally framed on some historical incident or modelled on a cause that had been actually pleaded in the forum. At the same time Cicero undoubtedly did declaim, or at any rate knew topics quite like those that form subject of Seneca's Controuersiae. After Cicero's time the exercise received the name controuersia; the newer term in Seneca's day was scholastica. The change of name indicates in each case a change either of subject matter or of method of treating it.

Ao que parece, antes da época de Cícero, o exercício escolar era o que é chamado de “tese”, uma discussão sobre uma questão geral do tipo “deve-se casar?”, “a vida na cidade é melhor que a vida no campo?” Na época de Cícero o tema era chamado de “causa”: e era geralmente baseado em algum incidente histórico ou modelado em uma causa que tivesse sido de fato pleiteada no fórum. Ao mesmo tempo, Cícero sem sombra de dúvidas declamou, ou ao menos conheceu tópicos bem parecidos com aqueles que formam o assunto das *Controuersiae* de Sêneca. Depois da época de Cícero, o exercício recebeu o nome de *controuersia*, o termo mais novo na época de Sêneca era *scholastica*. A mudança de nome indica em cada caso uma mudança tanto de tema da questão quanto do método de tratá-la.

Segundo Edward, pois, a tese era uma questão mais abrangente do que a causa, que já tinha personagens e lugares definidos; não fica claro se uma veio antes da outra de acordo com esse autor, mas sim que eram coisas diferentes. Parece, então, que “causa” era usado tanto para esses exercícios quanto para a prática, o que, de acordo com o que lemos, não

acontece com o termo “controvérsia”, que não seria empregado em âmbito “profissional”, apenas em regime escolar ou performático. Tal termo teria então convivido com um mais recente, “escolástica”, que o autor não distingue do anterior, mas talvez possamos inferir por essa linha de raciocínio que esse termo só era empregado em âmbito escolar, não em ocasiões de performance pública.

Ouçamos ainda mais um especialista no assunto, Pablo Schwartz Frydman, que tratou a questão da nomenclatura com mais zelo (Frydman, 2004, p. 65-6):

No que diz respeito ao período pré-ciceroniano, cuja característica, segundo Sêneca, eram os exercícios que recebem o nome grego de *thesis* (teses), o material de que dispomos para nos referir a ele é bem escasso, e, portanto, torna-se difícil chegar a conclusões definitivas. Quintiliano define as *theseis* ou *quaestiones infinitae* (questões definidas) em oposição às *causae* (causas) ou *quaestiones finitae* (questões definidas), próprias do âmbito judicial. As questões indefinidas eram discussões dialéticas, em que os participantes defendiam uma ou outra das posições em conflito (*in utramque partem*) sem referência a pessoas, tempos, lugares e outras circunstâncias (cf. Quint. III, 5, 5). Tratava-se de temas gerais de natureza abstrata, especulativa ou filosófica. Tais exercícios, desenvolvidos com frequência nas escolas dos filósofos, eram adequados à elaboração de *loci communes*, que também eram utilizados na oratória forense, na declamação e até em gêneros poéticos como a sátira. Quintiliano afirma que a questão indefinida é mais ampla que a causa, que é derivada dela. Assim, a questão indefinida “deve o homem casar?” (*an uxor ducenda*) é logicamente prévia à questão definida “deve Catão casar” (*an Catoni ducenda*) (cf. Quint. III, 5, 8). Há na definição de Quintiliano, portanto, uma antecedência lógica da tese a respeito da causa, mas nada obriga a pensar que tal deva ter sido a ordem histórica em que sucederam essas classes de exercícios. Ao contrário: há evidências de que exercícios de tipo judicial devem ter existido bem antes da época de Cícero. Talvez o problema seja sobretudo terminológico. Com efeito, é possível que Sêneca, ao falar em “teses”, estivesse pensando em outros exercícios, diferentes dos praticados em escolas de filosofia.

Aprendemos então a diferença entre tese e causa, que parece estar na obra de Sêneca. Com efeito, além desses exercícios estarem presentes nas escolas dos filósofos, como nos diz o texto acima, também eram parte integrante dos *progymnámata*, ou seja, manuais de exercícios retóricos que circulavam entre as escolas de retórica tanto na Grécia quanto em Roma. Esses exercícios eram dados em ordem crescente de dificuldade e variavam em número de manual para manual. De qualquer modo, a “tese” era um exercício comum aos manuais e aparecia sempre entre as últimas posições, de modo que era considerado, então, um exercício difícil. Esses exercícios, em Roma, costumavam ser ministrados pelo gramático, antes mesmo do aluno ingressar na escola do rétor. Alguns desses manuais datam do século II a.e.c., portanto, anteriores ao tempo de Sêneca. Logo, independente de quem veio antes, a causa ou a tese, ambas surgiram antes da declamação e diferenciam-se dela.

Ainda devemos investigar o que de fato Sêneca considera *rem post me natam*, o que a diferencia das anteriores. Ainda de acordo com Frydman (Frydman, 2004, p. 67):

O segundo momento no panorama histórico da declamação traçado por Sêneca centra-se na época de Cícero, etapa em que se difunde o termo “declamação” para os discursos de exercitação, sem finalidade prática, realizados no âmbito privado. Segundo a citação de Sêneca, Calvo os define contrapondo-os aos discursos judiciais efetivamente pronunciados no foro. O próprio Cícero comenta que praticava assiduamente a declamação, e acrescenta que esse termo, em conformidade com a afirmação de Sêneca, é de uso recente.

Cícero, como o próprio Sêneca diz, considerava a declamação uma prática doméstica, contrapondo-a ao âmbito público do fórum. De modo que, ao que parece, nossa afirmação anterior de que “controvérsia” (como parte de “declamação”) era usada apenas em âmbito escolar ou performático deve ser válida e serve para nomear uma prática mais recente do que as “causas” e “teses”. Por fim continua Frydman (Frydman, 2004, p. 68):

A declamação de controvérsias é apresentada por Sêneca como uma novidade de seu tempo (*rem post me natam*) e que, segundo suas palavras, não representam mera mudança terminológica, mas sim um tipo de exercício que se diferenciava das “causas” declamadas por Cícero (*hoc... genus materiae... adeo nouum est, ut nomen quoque eius nouum sit*).

Ainda que não seja evidente em que consistiam essas diferenças, algumas conjecturas podem ser feitas. Alguns aspectos da declamação, já insinuados no período anterior, parecem ter sido definidos com maior clareza nessa época. Com efeito, Cícero menciona a declamação como um exercício escolar, mas sugere também a inovação de sua prática entre adultos, como uma forma de relaxamento intelectual ou divertimento. Enquanto a primeira prática estava associada a escolas e professores, a declamação entre adultos, ao contrário, restringia-se ao âmbito privado da casa e aos amigos mais próximos. Como diz Frydman (Frydman, 2004, 68-9):

Nos tempos de Sêneca, a escola do retor centralizava já as duas práticas. Por conseguinte, a elas assistiam ocasionalmente pessoas adultas, que não eram retores, mas gostavam de ouvir e até pronunciar declamações.

Como vemos, a declamação então parece ter sido considerada uma mistura entre prática escolar e performance adulta de entretenimento. Portanto, o pensamento de Frydman está de acordo com o de Edward e, até onde podemos inferir, também com o de Fairweather. O que podemos aprender com essas passagens desses estudiosos e com o trecho de Sêneca é que, se é possível delimitar, aquilo que nasceu depois do rétor foi essa mistura de exercício escolar e apresentação pública performática. Ainda podemos tentar inferir então que o termo mais recente, *scholastica*, poderia ser uma especificação maior das funções da declamação, concernente apenas à prática escolar, todavia não temos elementos suficientes para sustentar essa última afirmação.

1.1. Alguns detalhes sobre as origens gregas da declamação

Acima falamos um pouco sobre as origens da declamação. Agora voltaremos um pouco mais para o passado grego dessa prática, atentando principalmente a exercícios e costumes anteriores que deram origem à declamação.

Suetônio, em seu *De Rhetoribus*, dá-nos seu ponto de vista sobre como começaram os exercícios declamatórios, principalmente em Roma:

Sed ratio docendi nec una omnibus nec singulis eadem semper fuit quando uario modo quisque discipulos exercuerunt. Nam et dicta praeclare per omnes figuras, per casus et apologos aliter atque aliter exponere et narrationes cum breuiter ac presse tum latius et uberius explicare consuerant, interdum Graecorum scripta conuertere ac uiros inlustres laudare uel uituperare, quaedam etiam ad usum communis uitae instituta tum utilia et necessaria tum perniciosa et superuacanea ostendere, saepe fabulis fidem firmare aut demere quod genus thesis et anasceuas et catasceuas Graeci uocant: donec sensim haec exoluerunt et ad controuersiam uentum est. (Suet. De Rhetoribus, 25.8)

Mas a maneira de ensinar nem sempre foi uma para todos nem única a mesma para cada um, pois que cada qual exercitou seus discípulos de modo vário. Pois se acostumaram tanto a expor aquilo que foi dito de modo ilustre, quanto os apólogos, de uma e outra maneira por meio de todas as figuras, e a explicar as narrações não só com brevidade e precisão, mas ainda também com mais vigor e mais riqueza, entrementes, a traduzir os escritos dos gregos e a elogiar ou vituperar homens ilustres; a mostrar também que algumas coisas instituídas ao uso da vida comum são, por um lado, úteis e necessárias, por outro lado, perniciosas e supérfluas; freqüentemente a confirmar ou tirar a credibilidade de umas histórias, o qual gênero de tese os gregos chamam tanto de *anaskeuai* quanto de *kataskeuai*. Até que estes exercícios se esvaeceram imperceptivelmente e se chegou à controvérsia.

Fica claro por essa passagem que, ao menos para Suetônio, as declamações (referidas por uma de suas partes, as controversias) vieram dos *praeexercitamina*, ou, em grego, *progymnasmata*, ou seja, os exercícios preparatórios feitos por estudantes que aspiravam começar seus estudos mais aprofundados de teoria e prática retórica.

No entanto, apesar do que nos reporta Suetônio, a *declamatio* tem, além de sua função propriamente didática, um lado puramente demonstrativo, que é aquele que mais nos interessa, pois é essa que Sêneca, o velho, reporta-nos. Ela não era praticada apenas por jovens alunos, futuros oradores; ela também era praticada por professores já consagrados, ou por pessoas que nada tinham a ver diretamente com o ensino de retórica³. Isso para que os ouvintes admirassem a habilidade do declamador.

Para Edward:

How is it that what was at first merely an exercise of the schools of rhetoric, or the term applied to the private practice of a distinguished orator, has become in the early years of Augustus's reign a fashionable and public performance, a thing practised for itself, and to such an extent that all classes of society are enthusiastic about it? The cause must be found in the changed political conditions. The republic was extinct at Philippi; the power of Augustus finally established at Actium, the prince had concentrated all power in his own hands: the assemblies of the people were now infrequent or of no political importance, the deliberations of the senate had lost significance and reality; their decisions might be forestalled at any moment by the Emperor's personal intervention. Free oratory on great themes, such as had inspired the eloquence of Cicero, was no longer heard. Genuine pleading, where the decision could be affected by the advocate, was confined to the centumviral courts and to causes that did not lend themselves to oratory⁴.

³ Como o próprio Suetônio escreve a respeito de Nero, que teria declamado duas vezes em público antes de ser imperador.

⁴ Edward, William A. *Sêneca the elder: Suasoriae*. Bristol Classic Press, 1928, pág. xvi-xvii.

Como é que o que era primeiramente um mero exercício das escolas de retórica, ou um termo aplicado à prática privada de um distinto orador, tornou-se nos primeiros anos do reinado de Augusto uma performance pública e atraente, uma coisa praticada por ela mesma, e, de certo modo, algo pelo qual todas as classes sociais se animavam? O motivo deve ser encontrado na mudança de condições políticas. A república estava extinta desde Philipi; o poder de Augusto finalmente estabelecido em Ácio, o príncipe concentrou todo o poder em suas próprias mãos: as assembleias do povo eram agora erráticas ou de nenhuma importância política, as deliberações do senado perderam significância e contato com a realidade; suas decisões poderiam ser revogadas a qualquer momento pela intervenção pessoal do Imperador. A oratória livre sobre temas importantes, tais como aqueles que inspiraram a eloquência de Cícero, já não eram ouvidos. Pleitos genuínos, em que a decisão poderia ser produzida pelo advogado, estava confinada às cortes centunvirais e a causas que não prestavam à oratória.

De acordo com Edward então, essa prática epidítica da *declamatio* tem uma motivação política para ter surgido, a saber: a mudança de regime político, da República, para o Império, em que a oratória teria menor importância, dada a crescente e vasta autoridade do Imperador, de modo a tornar a discussão pública quase que inválida, uma vez que ela já não teria mais o valor e aplicabilidade que tivera.

Independentemente da validade da afirmação de Edward, devemos notar que, mesmo que possamos talvez encontrar diferenças textuais, essa prática declamatória romana tem suas raízes ainda na Grécia antiga, em ocasiões de performance oratória epidítica.

Como o próprio Sêneca escreve “*declamabat autem Cicero non quales nunc controuersias dicimus, ne tales quidem, quales ante Ciceronem dicebantur, quas thesis uocabant*”. O próprio autor faz certa aproximação entre as *controuersiae* e as *thesis*. De modo que, se essa antecedeu àquela, devemos examinar a questão mais de perto.

Durante o século V a.e.c., na Grécia, particularmente em Atenas, houve um movimento que, posteriormente, foi chamado de Primeira Sofística. Ele consistia basicamente de pessoas cobravam por seus ensinamentos retórico/filosóficos. Tais pessoas muitas vezes proferiam discursos de exibição (*epidéixis*), tanto para mostrar suas habilidades discursivas (e assim talvez angariar mais alunos), quanto para fornecer exemplos para discursos de alunos. Para tanto, esses discursos forjados muitas vezes assumiam características de discurso judiciais (como o *Elogio de Helena* e a *Defesa de Palamedes*, de Górgias), ou deliberativos como as *theseis*.

O exercício da *thesis*, além de também constar em pelo menos alguns manuais já mais recentes de *progymnasmata*, consistia em uma proposição abstrata que sobre a qual deveria ser feito um discurso completo tanto a favor, quanto contra. Por exemplo, “*sitne ius id quod maiori parti sit utile*” (o direito é aquilo que é útil à maioria?) ou “*quem ad modum sit res publica administranda*” (de que maneira a república deve ser administrada?). Podemos perceber que no exercício da *thesis* não há nenhuma referência a alguma pessoa em particular ou época ou circunstância.

Como escrito acima, esse exercício já era usado por sofistas do século V a.e.c. Temos exemplos disso desde o diálogo intitulado *Fedro*, de Platão, em que a personagem Lísias parece defender uma *thesis* (227c; 230e-234b). Entre os romanos, Quintiliano escreve que o exercício da *thesis* foi primeiramente usado como prática educativa por Aristóteles e, seu pupilo, Teofrasto (XII. 2.25). Assim, a *thesis* usada como método filosófico também se tornou exercício, usada tanto por acadêmicos quanto por peripatéticos. Todavia, percebamos que ainda falamos de filosofia, não de retórica (embora Hermágoras afirme que a *thesis* fazia parte da retórica, assim como a *hipóthesis*, ou seja, o discurso a respeito de alguma questão particular, por exemplo: a república deve ser administrada por César?).

Esses exercícios, as *hypóthesis*, já são bastante semelhantes, ao menos, às *suasoriae* de Sêneca, pois são justamente discursos sobre alguma questão particular. Todavia, como diz Fairweather:

The history of rhetorical exercises of the *hypóthesis* type is harder to trace. Regrettably little relevant information has survived from the Hellenistic schools, so that it is easy to be misled by the elder Seneca's talk of *rem post me natam* (Contr. I pr. 12) into thinking that *suasoriae* and *controuersiae* were indeed phenomena which sprang up from nowhere in Augustan Rome⁵.

A história do exercício retórico da *hypóthesis* é mais difícil de traçar. Infelizmente pouca informação relevante das escolas helenistas sobreviveu, então é fácil ser levado a pensar erradamente pela conversa de Sêneca, o rétor, de *rem post me natam* (Contr. I pr. 12) que as *suasoriae* e as *controuersiae* foram de fato um fenômeno que brotou de nenhuma na Roma de Augusto.

Por isso, não só nós, como talvez o próprio Sêneca, tenhamos dificuldades para aproximar a *declamatio* à *hypóthesis*, dada a escassez de fontes sobre esse último; e talvez isso tenha levado Sêneca a afirmar que nasceram depois dele as controvérsias e suasórias, um vez que Sêneca não arrola a palavra *hypóthesis* como um dos nomes dados àquilo que se fazia na época de Cícero ou anteriormente.

De qualquer modo, temos outras maneiras de percorrer a história desses exercícios. Filostrato, em sua *Vida dos Sofistas*, reporta-nos que a primeira sofística, iniciada por Górgias no século V a.e.c., tratava principalmente de temas mais abstratos, assim, mais afins com a *thesis*. No entanto, essa não era a única vertente da primeira sofística, pois nela também podemos encontrar diversos exemplos de situações mais “particulares”, tais como o *Elogio de Helena*, e a *Defesa de Palamedes*, de Górgias, entre outros. Esses discursos são fictícios, evidentemente, e não levam o ouvinte a tomar nenhuma decisão, assim como as controvérsias

⁵ Fairweather, Janet. *Seneca the elder*. Cambridge University Press, 1981, pág 106.

e suasórias de Sêneca. Portanto, podemos dizer com alguma certeza que, ao menos o aspecto epidítico das suasórias e controvérsias, ou seja, a declamação em público visando mostrar as habilidades do orador, pode ser encontrado ainda no século V a.e.c. .

Além disso, se pensarmos na segunda sofística e em seu fundador Aésquines, e em sua maneira de ensinar a retórica, ainda no século IV a.e.c., perceberemos outras semelhanças entre o que Sêneca nos reporta e nos métodos, agora educacionais, da segunda sofística. Nesse período surgiram os temas e tipos de personagens que fazem parte dos exercícios de declamação, a saber, homens ricos e pobres, tiranos, piratas etc. Desse modo pode-se concluir também que o aspecto educativo das controvérsias e suasórias também depende de uma fonte mais antiga, grega, mais precisamente dessa segunda sofística.

Por esses, e por outros exemplos⁶, podemos ter certeza de que exercícios retóricos que forjavam situações deliberativas já eram feitos, pelo menos, desde o século III a.e.c.

Voltemo-nos agora aos exercícios baseados em situações judiciais. Temos evidências da existência deles desde o século V a.e.c. na coletânea de textos chamada *Tetralogias*, atribuída ao sofista Antifão. As tetralogias são compostas por três casos jurídicos fictícios, cada um acompanhado por quatro modelos de discurso, dois da defesa e dois da acusação. Supostamente Antifão, ou quem quer que seja o autor, teria composto isso para servir como exercício e exemplo a seus discípulos.

De acordo com Fairweather:

In the first Tetralogy the given fact of the case appear to have been these. A man has been found murdered one night in an isolated spot, the slave with him having been mortally wounded. Neither has been robbed of his cloak. The man who is in charge with the murder is a rich man, who was a known enemy of the murdered man, and had recently been accused by him of embezzling sacred monies. The case was still waiting to be heard at the time of the *Diipoleia* when the murder

⁶ Quintiliano II. 4. 41 sobre Demétrio de Falerno.

took place. The wounded slave, when asked to identify the murderer by the people now bringing the charge, presumably the murderer man's relatives, named the rich man, but since then has died⁷.

Na primeira Tetralogia o fato dado do caso parece ter sido esse. Um homem foi encontrado morto em uma noite em um lugar isolado, o escravo que estava com ele estava mortalmente ferido. Nenhum dos dois teve seu manto roubado. O homem que foi acusado de assassinato era rico, e um notório inimigo do assassinado, e recentemente tinha sido acusado por ele de apropriar-se de dinheiro sagrado. O caso ainda esperava para ser ouvido na época da *Diipoleia* quando o assassinato aconteceu. O escravo ferido, quando lhe foi pedido para identificar o assassino perante o povo que agora trazia a acusação, presumivelmente os parentes do homem morto, indicou o homem rico, mas depois morreu.

Podemos notar a semelhança da situação descrita acima com diversas controvérsias expostas por Sêneca, todavia, para podermos comparar, vejamos uma:

INIVRIARVM SIT ACTIO. Quidam, cum haberet filium et divitem inimicum, occisus in spoliatus inventus est. Adulescens sordidatus divitem sequebatur; dives eduxit in ius eum et postulavit, ut, si quid suspicaretur, accusaret se. Pauper ait: 'accusabo, cum potero' et nihilominus sordidatus divitem sequebatur. Cum peteret honores dives, repulsus accusat iniuriarum pauperem.

Um homem que tinha um filho e um inimigo rico foi achado morto, mas não roubado. O jovem, vestido de luto, começou a seguir o homem rico. O homem rico o levou à corte para que se o jovem suspeitasse de algo, deveria acusá-lo. O homem pobre disse: “Acusarei quando puder”, e continuou a seguir, de luto, o homem rico. O homem rico pleiteou um cargo público, mas foi rejeitado e acusa o homem pobre de injúria. (Sen. Contr. X. 1.)

⁷ Idem, pág. 111.

Em ambos temos uma pessoa supostamente assassinada sem haver algum roubo, em ambos vemos que a vítima tinha um inimigo rico que é suspeito, em ambos há um terceiro elemento (escravo/filho) que acusa o homem rico. O que se segue à proposta dessa primeira Tetralogia é justamente o discurso em defesa do homem rico e depois o de acusação. Justamente o que acontece nas controvérsias. As demais tetralogias também apresentam temas que são facilmente encontrados nas controvérsias.

Assim, resta-nos apenas pensar que Sêneca não conhece as raízes gregas da declamação; ou, ao menos, ele não reconhece que havia uma prática epidítica, mas apenas educativa, como podemos perceber por essa passagem: “Aesquines, non ille orator – tunc enim non declamandi studium erat-, sed hic ex declamatoribus nouis dixit”, “Ésquines, não aquele orador – então não havia o costume de declamar – mas este novo dentre os declamadores disse” (Contr. I. 8. 16).

Por fim, podemos depreender que a declamação era bipartite, pois tinha tanto uma finalidade puramente educativa, quanto uma performática, de entretenimento. Ambas já eram utilizadas desde o quinto século a.e.c. Ambas, muita vez, na Grécia, tinham, ao mesmo tempo, tanto o valor performático quanto o instrutivo. Em Roma, primeiramente surgiram tais exercícios como prática escolar e, ao que tudo indica, posteriormente angariaram a performance epidítica também como finalidade, voltando, deste modo, a apresentar sua dupla-função, como seus antepassados gregos.

2. Sobre as *sententiae*, *diuisiones* e *colores*

Não é por acaso que as palavras *sententiae*, *diuisiones* e *colores* são parte do título original da obra de Sêneca. Elas são, de fato, a maneira pela qual se organiza toda a obra. A seguir, tecemos alguns comentários a cada uma dessas palavras.

a) *sententiae*

Sêneca não nos reporta, ao menos pelo que sabemos, nenhuma controvérsia ou suasória integralmente, mas, como diz em seu primeiro prefácio⁸, a pedido de seus filhos, reporta-nos os ditos mais famosos de cada tema, não todo o discurso. Para nos dar exemplos do que havia de melhor ou pior na oratória escolar ou epidítica, Sêneca transmite-nos, primeiramente, as frases mais memoráveis, às quais ele atribui o nome de *sententiae*. De fato, é impreciso dizer que é ele quem atribui tal nome, uma vez que o nome remete a exercícios presentes nos manuais de *progymnasmata* gregos e possivelmente também já latinos, nos quais havia exercícios tais como a sentença (gr. *gnóme*; lat. *sententia*) e também o uso (gr. *khreía*; lat. *usus*).

Vejamos, por ordem cronológica, como alguns especialistas trataram o tema das *sententiae*. Primeiro Edward (Edward, 1928, p. xxxiv):

Sententiae may appear anywhere in the speech. They are merely the remarkable things that the rhetor said. Any striking or clever expression is a sententia. The term in this use is narrower in meaning than sententia as 'a general maxim', 'a sententious remark', 'a moral saying', although Seneca uses it in this sense too. The term involves always something terse, pointed, antithetic, witty or sparkling. It does not merely denote the opinion of the rhetor as to the application of a law to a particular case.

⁸³ Seneca, Contr. I, 22: [...] cum uos sententias audire uelitis et quidquid ab illis abduxero molestum futurum sit. “pois vocês querem ouvir sentenças e o que quer que eu aduza além delas será molesto”.

As *sententiae* podem aparecer em qualquer lugar do discurso. Elas são meramente as coisas notáveis que o rétor disse. Qualquer expressão arrebatadora ou arguta é uma sentença. O termo neste uso é mais restrito em significado do que uma sentença como uma “máxima geral”, “expressão sentenciosa”, “dito moral”, embora Sêneca a use neste sentido também. O termo envolve sempre algo lapidar, agudo, antitético, engenhoso ou brilhante. Ele não denota apenas a opinião do rétor quanto à aplicação de uma lei a um caso particular.

Edward demonstra uma visão um tanto indefinida do que na Antiguidade era entendido por sentenças. Pois, depois que afirma que o uso que se faz das *sententiae* é restrito, ele arrola significados modernos de “sentença”, tais como uma “máxima geral”, “expressão sentenciosa”, “dito moral”, que, de acordo com Edward, seriam usados também, porém, em menor quantidade por Sêneca, o rétor. O autor restringe as *sententiae* relatadas por Sêneca a “frases de efeito”.

No prefácio do primeiro livro de *Controvérsias*, Sêneca discute o estilo e maneiras de Pórcio Latrão (Sen. *Contr.* I, praef., 23). Em meio a essa discussão, Sêneca nos conta a respeito do treino que esse declamador desenvolvia sobre a composição de *epiphonemata*, *enthymemata* e *sententiae*.

Solebat autem et hoc genere exercitationis uti, ut aliquo die nihil praeter epiphonemata scriberet, aliquo die nihil praeter enthymemata, aliquo die nihil praeter has translaticias quas proprie sententias dicimus, quae nihil habent cum ipsa controuersia implicitum, sed satis apte et alio transferuntur, tamquam quae de fortuna, de crudelitate, de saeculo, de diuitiis dicuntur; hoc genus sententiarum supellectilem uocabat. Solebat schemata quoque per se, quaecumque controuersia reciperet, scribere.

Costumava no entanto usar também este gênero de exercício, de modo que, num dia, não escrevia nada além de epifonemas; noutro dia, nada além de entimematas; noutro dia, nada além destas passagens tradicionais que nós propriamente chamamos sentenças,

que nada têm vinculado com a controvérsia mesma, mas também são colocadas de modo assaz apto alhures, tanto quanto aquelas que se dizem sobre a sorte, sobre a crueldade, sobre o tempo. Este gênero de sentenças ele chamava de bagagem. Costumava também escrever figuras por elas mesmas, tais quais fossem aceitas numa controvérsia.

Percebemos que, logo no início do texto, Sêneca faz uma observação quanto às *sententiae*. Parece-nos que *sententia*, ao menos nessa obra, é uma denominação mais geral, que engloba figuras mais específicas como os epifonématas e os entimématas e quiçá outras. Por isso podemos olhar com desconfiança para o comentário de Edward, uma vez que tantas subdivisões raramente poderiam querer significar algo restrito.

Com esse passo de Sêneca parece concordar a classificação de Quintiliano dos principais tipos de sentença (VIII, 5, 3):

Antiquissimae sunt quae proprie, quamvis omnibus idem nomen sit, sententiae vocantur, quas Graeci gnomas appellant: utrumque autem nomen ex eo acceperunt quod similes sunt consiliis aut decretis. Est autem haec vox universalis, quae etiam citra complexum causae possit esse laudabilis, interim ad rem tantum relata ut "nihil est tam populare quam bonitas": interim ad personam, quale est Afri Domiti: "princeps qui vult omnia scire necesse habet multa ignoscere".

As mais antigas são aquelas que, embora todas tenham o mesmo nome, são chamadas de sentenças, as quais os gregos dão o nome de gnomas: receberam ambos os nomes pelo seguinte: porque são semelhantes a conselhos ou decretos. É, porém, genérico esse vocábulo, que é digno de ser citado mesmo fora do contexto da causa, ora referido apenas à matéria, por exemplo: “nada é tão popular quanto a bondade”; ora à pessoa, tal qual a de Domício Afro: “o príncipe que quer saber todas as coisas deve necessariamente perdoar muitas coisas”.

Quintiliano explica, pois, o que são *sententiae*, a saber: ditos atemporais, que podem ser entendidos como verdadeiros por qualquer um em qualquer época. Podem elas ser argutas ou

não. No entanto, como ele nos ensina, essas são as mais antigas, pois todas agora têm o mesmo nome, ou seja, apesar de serem coisas diferentes, são conhecidas como *sententiae*. Vejamos como prosegue Quintiliano (VIII, 5, 4): *Hanc quidam partem enthymematis, quidam initium aut clausulam epichirematis esse dixerunt, et est aliquando, non tamen semper* “Alguns disseram que essa [= sentença] é parte do entimema; outros, início ou conclusão do epiquerema, e é algumas vezes, contudo não sempre”.

Vemos aqui uma diferenciação de *sententia* e *enthymema*, pois esse último, de acordo com o que lemos, parece ser uma parte maior que pode contar uma sentença, ou seja, é algo mais abrangente do que a *sententia*, pois essa tem um caráter menos geral e pode ser colocada em muitos lugares. Continua Quintiliano: *Est enim epiphonema rei narratae vel probatae summa adclamatio* “É, de fato, epifonema a exclamação final da matéria narrada ou da provada”. Portanto Quintiliano, como vemos, assim como Sêneca, distingue espécies de *sententiae*, que variam de acordo com sua posição, intensidade ou uso. Como vemos nesse último exemplo, epifonema difere de entimema pela posição onde se encontra e de sentença pura pelo uso mais específico que possui.

Como nota Fairweather ao falar sobre a estrutura da obra de Sêneca (Fairweather, 1984, p. 538):

The primary purpose of these extracts, one must suppose, was to demonstrate the declaimers' mastery over the various species of sententiae. Indeed, Seneca may have reckoned that they contained practically nothing but sententia, prepared as he was (Contr. IX, 2,24) to use this term with reference to descriptive sentences as well as to the types of utterance which are classified as sententiae by Quintilian (Inst. VIII, 5, 1ff).

O primeiro propósito desses excertos, pode-se supor, era demonstrar a maestria dos declamadores sobre as várias espécies de *sententiae*. De fato, Sêneca deve ter percebido que eles continham praticamente nada além de *sententiae*, uma vez que estava preparado (Contr. IX, 2,24) para usar esse termo referindo-se a sentenças descritivas

assim como a tipos de pronunciamentos que são classificados por Quintiliano como *sententiae* (Inst. VIII, 5, 1sq).

E, em outra obra, a mesma autora diz (Fairweather, 1981, p. 31-2):

The sententiae recorded in the opening section of Seneca's surveys are of many different kinds. They were taken, one suspects, from all the different parts of a declamation, some from the proemium, some from the narratio, and so on.

As *sententiae* citadas na sessão de abertura das compilações de Sêneca são de muitos tipos diferentes. Elas eram tiradas, suspeita-se, de todas as diferentes partes de uma declamação: algumas do proêmio, algumas da narração, e assim por diante.

A autora demonstra estar alerta para a variedade das sentenças presentes no texto de Sêneca. Além disso, o fato de que, possivelmente, as sentenças foram retiradas de diversos lugares das declamações mostra a variedade dos tipos de sentenças apontados por Sêneca e discutidos por Quintiliano.

Sendo assim, a observação das sentenças presentes na obra de Sêneca é mais complexa do que parece à primeira vista, pois nem têm sempre o mesmo fim, nem são tiradas do mesmo lugar do discurso, nem, no mesmo lugar do discurso, ocupam a mesma posição etc. De modo que essa questão merece uma análise mais aprofundada para a melhor compreensão da obra de Sêneca.

b) *diuisio*

Após parte dada ao tratamento das *sententiae* por cada declamador da obra de Sêneca, segue-se a *diuisio*. Há pouca discrepância entre os estudiosos em relação a essa parte. De acordo com o Edward (Edward, 1928, p. xxxiv):

The diuisio is then a brief summary of the plan of the speech. It enumerates the quaestiones, the various points at issue, and how the rhetor arranged them, and the degree of importance he attached to them. To discover a fresh point to be debated pro and com, a still finer thread in the argument, was of course, the thing to aim at.

A *diuisio* é então um breve resumo do plano do discurso. Ela enumera as *quaestiones*, os vários pontos em debate, e como o rétor as dispunha, e o nível de importância que ele atribui a elas. Descobrir um novo ponto a ser debatido a favor e contra, uma linha argumentativa ainda mais sutil, era, é claro, aquilo que se almejava.

Como diz o autor, a divisão é uma explicação – feita pelo próprio declamador na declamação epidítica, pelo professor, na declamação didática – da organização do discurso. Fairweather,, por sua vez, explica *diuisio* assim:

After the sententiae comes a section devoted to diuisio. Here we are given analyses of the scheme of argument used by a few of the leading rhetores, notably Latro, with whose perceptiveness in the detecting of basic issues Seneca wished to impress us (Contr. I pr. 20f.). He outlines the main questions at issue, and very concisely, using a very few standart terms and phrases to guide the reader (Fairweather, 1981, p. 32).

Depois das *sententiae* vem uma seção dedicada à *diuisio*. Aqui nos são dadas análises do esquema de argumentação usada por alguns dos principais rétores, principalmente por Latrão, com cuja percepção em detectar os problemas básicos Sêneca queria nos impressionar (Contr. I, praef., 20s). Ele delinea as principais questões em debate, e muito concisamente, usando alguns poucos termos e frases padrões para guiar o leitor.

De toda a coletânea, o declamador a que é dado maior destaque é, de fato, Pórcio Latrão. Em verdade, Sêneca sempre reporta-nos a divisão feita por Latrão das controvérsias e suasórias. Vale ressaltar aqui que tal procedimento, de acordo ao menos com Winterbottom⁹,

⁹ Winterbottom, 1974, p. xviii.: But this [*diuisio*] happened only rarely even in the law-court; it was surely infrequent in the epideitic declamation. “Mas isto [a divisão] acontecia apenas raramente na corte; ela era certamente infrequente na declamação epidítica”.

era raro tanto no tribunal, quanto na retórica epidítica, pois servia mais como expediente didático do que persuasivo. O próprio Winterbottom ainda diz (Winterbottom, 1974, p. xvii):

On the epigrams follow the “division”. In the schoolroom the practice was for the master to lay down the main lines along which his pupils were to argue; these lines Quintilian calls the “bare bones of the controuersia”, to be clothed in flesh in his own model declamation and the speeches of his pupils.

Depois das sentenças vem a “divisão”. Na sala de aula a prática era que o mestre expusesse as principais linhas de argumentação que seus pupilos deveriam arguir; estas linhas Quintiliano chama de “os ossos nus da *controuersia*”, que deveriam ser revestidos com carne em sua própria declamação-modelo e nos discursos de seus pupilos.

Assim, podemos dizer que a divisão era algo bastante inerente à prática do ensino de retórica romana principalmente pelas *Declamationes* atribuídas a Quintiliano em que há uma parte chamada *sermo*, em que, assim como na *diuisio*, o narrador (mais especificamente no caso dessa última obra, o professor) diz por que questão a controvérsia ou suasória deve ser abordada, a saber, principalmente pelo *ius* e pela *aequitas*.

c) *colores*

Por fim, chegamos à última das partes do esquema de Sêneca para sua obra. Também nesse ponto, os estudiosos modernos pouco discordam, uma vez que parece não haver problemas a respeito desse tópico. De fato, os *colores* aparecem logo depois da *diuisio*; de acordo com Edward (Edward, 1928, p. xxxv):

Lastly we have the colores. These from the nature of the case cannot appear in the Suasoria, as will be evident at once if we briefly explain what they are. The colores are

the pleas alleged by the accused in the explanation or extenuation of his act, or by the defender to make the accused appear guilty or more guilty, to deepen as it were the shade of his guilty. They constitute the colour given to the act by the speaker. In a suasoria as you merely have a speaker pointing out to some historical character the advantage or disadvantage of a future course of action you cannot have colores. The color may be found anywhere in the controversia, implicit or explicit.

Por fim nós temos os *colores*. Esses, por sua própria natureza, não podem aparecer nas *Suasórias*, como ficará evidente logo que explicarmos o que eles são. Os *colores* são os matizes alegados pelo acusado como explicação ou extenuação de seu ato, ou pelo acusador para fazer o acusado parecer culpado ou mais culpado, para aprofundar, por assim dizer, a sombra de sua culpa. Eles constituem a coloração dada pelo orador ao ato. Em uma suasória, como você tem apenas um orador apontando a alguma personagem histórica a vantagem ou a desvantagem de algum curso futuro de ação, você não pode ter *colores*. A coloração pode ser encontrada em qualquer lugar em uma controvérsia, implícita ou explícita.

Como vimos, as “colorações” são os matizes de interpretação que cada declamador encontra para melhor sustentar o ponto de vista escolhido em uma controvérsia. Assim, desde que o declamador não contradiga ou diga algo muito alheio ao que está escrito no tema, ele pode conduzir o discurso aonde melhor lhe aprouver. Não é possível haver “colorações” nas suasórias, pois não há atos a serem discutidos, mas situações que podem acontecer, de modo que não pode haver “matizes de interpretações” em ações que ainda não ocorreram.

Há uma pequena diferença de interpretações quanto a essa última parte da obra de Sêneca, pois nela, além das “colorações”, há diversas anedotas e casos esparsos contados por Sêneca. Vejamos o que diz Winterbottom (Winterbottom, 1974, p. xviii):

The colores follow the division. A “colour” (as it seems easiest to translate) was a line of approach to the case, a method of interpreting the facts that was to the advantage of the speaker. Seneca gives a selection of possible approaches, often commenting on their

usefulness or good sense, citing freely from the declamations, and getting diverted into engaging anectodes.

Os *colores* seguem a divisão. Uma “cor” (como parece o mais fácil de traduzir) era uma linha de abordagem do caso, um método de interpretar os fatos que servia para a vantagem do discursador. Sêneca dá uma seleção de abordagens possíveis, frequentemente comentando a utilidade ou o bom senso delas, citando livremente partes das declamações, e oferecendo entretenimento ao concatenar anedotas.

De acordo com Winterbottom, pois, juntamente com o comentário às “colorações”, Sêneca conta anedotas e histórias que lhe aconteceram quando mais jovem. Todavia, Fairweather parece ter uma visão diferente disso (Fairweather, 1981, p. 32-3):

Color was a technical term meaning the complexion which one gave to the past actions of the litigants in a controversia. For, as long as he did not actually contradict the given facts of the case, the declaimer was free to give whatever damning, or mitigating, interpretation he chose, to actions described in the theme. Seneca does not, however, restrict himself to the discussion of colores in the closing section of his surveys. He usually digresses into other, often more interesting, topics.

Color era um termo técnico que significava a compleição que alguém dava às ações passadas dos litigantes em uma controvérsia. Pois, desde que ele não contradissesse realmente os fatos dados do caso, o declamador era livre para dar qualquer interpretação danosa ou mitigante que ele escolhesse, às ações descritas no tema. Sêneca, entretanto, não se restringe à discussão de *colores* na seção final de sua compilação. Ele frequentemente se desvia para outros tópicos, muita vez mais interessantes.

Fairweather parece subdividir a última parte da obra de Sêneca em uma discussão sobre as “colorações” e uma outra, onde há uma miscelânea de digressões de diversos tipos. De qualquer modo, não há conflito de leituras, uma vez que a obra é composta em forma de

epístola, e ainda por cima epístola dirigida aos filhos, de modo que não raro a forma é, se não confusa, misturada.

Sêneca não usa, em toda a sua obra, as palavras *inuentio*, *dispositio*, *elocutio*. Isso sugere uma diferença de abordagem entre aquela retórica mais “técnica” dos manuais e a abordagem mais didática das declamações, em que, ao invés desses termos mais conhecidos, ele usa as *sententiae*, *diuisiones*, *colores*. Evidentemente não são equivalentes, todavia guardam relações entre si. As *sententiae* são parte da *elocutio*, por serem usadas para começar ou encerrar uma argumentação, enfatizarem um assunto etc. As *diuisiones* são parte da *inuentio* e da *dispositio*, pois, como planos de organização do discurso, versam sobre o que falar e qual ordem é a melhor. E os *colores* podem, de certo modo, ser parte da *inuentio*, pois cabe ao declamador nelas descobrir interpretações para as ações. Como quer que seja, a questão sobre o motivo pelo qual Sêneca emprega esses termos (que certamente são mais específicos do que *inuentio*, *dispositio*, *elocutio*) não é de fácil resposta, uma vez que temos poucos documentos a respeito e mesmo na antiguidade esse assunto não foi muito abordado.

3. Questões sobre a suasória e a prosopopeia

Como vimos anteriormente, suasória e controvérsia são as partes daquilo que conhecemos como declamação. Sabemos também que essa prática que apareceu em Roma no século I a.e.c. se espalhou por boa parte dos domínios romanos tanto como prática escolar para jovens quanto como prática performática para adultos. Vejamos algumas definições dos especialistas a respeito; por exemplo, esta de Shenk (Shenk, p. 115-6):

The suasoria, a declamation taught in schools of rhetoric rather than an elementary exercise taught in the grammar school, demanded an audience, and its purpose was usually persuasion. Every suasoria was in part an impersonation, as the student in composing it had to assume a role as an advisor or counselor, and therefore had to adapt his “arguments, his manner, his tone, to the type of person he was supposed to be, whether an ordinary citizen, or a soldier, or a senator, or a member of a military council, or a courtier, according to the circumstances of the debate” (Bonner 285). But the schoolboy also had to persuade the specific historical or mythical figure he was advising on course of action. The young scholar was to counsel, say, the Spartans to stand fast at Thermopylae, or Agamemnon whether to sacrifice his daughter Iphigenia or not.

A *suasoria*, uma declamação ensinada nas escolas de retórica mais do que um exercício elementar ensinado na escola de gramática, necessitava de uma audiência, e o seu propósito era frequentemente a persuasão. Toda suasória era em parte uma interpretação, pois o estudante ao compô-la tinha que assumir um papel de preceptor ou conselheiro, e portanto tinha que adaptar seus “argumentos, seu jeito, seu tom, ao tipo de pessoa que se esperava que ele fosse, um cidadão comum, um soldado, um senador, um membro do conselho militar, um mensageiro, de acordo com as circunstâncias do debate” (Bonner 285). Mas o aluno também tinha que persuadir a figura histórica ou mitológica específica que ele estava aconselhando, ao modo de ação. O jovem aluno deveria aconselhar, digamos, os espartanos a resistir nas Termópilas, ou Agamenão a sacrificar sua filha Ifigênia ou não.

Diz ele que o aluno, além de adequar-se à situação, deve “persuadir” a personagem histórica ou mitológica. Ora, não há personagem para ser persuadida. O exercício versa sobre a habilidade do orador, mas, se ele conseguiria convencer a personagem ou não é impossível de ser julgado, assim como mesmo que se tratasse de *oratio*, isto é, do chamado discurso verdadeiro (*alethinòs lógos, uera oratio*), não se poderia julgar do resultado do discurso, que é externo a este e depende dos ouvintes, mesmo verdadeiros, mas tão-só da potência para persuadir, que é inerente ao discurso e independe dos ouvintes, mesmo verdadeiros. Como diz Aristóteles no início da *Retórica*, assim como não cabe ao médico curar, mas descobrir os meios necessários à cura, assim também não cabe ao orador persuadir, mas descobrir os argumentos necessários à persuasão. Desse modo, nada impede, por extensão, que se entreveja a potência para persuadir inerente, igualmente, a um discurso de aparato, como a declamação.

As suasórias versam sobre temas deliberativos, ou seja, de acordo com a classificação aristotélica, sobre ações futuras, sobre o útil e o prejudicial, perante uma assembleia. No entanto, como sabemos, dado o caráter fictício dos temas, nenhuma dessas ações pode ter, de fato, uma resolução, uma vez que são ou sobre temas mitológicos ou históricos, por isso não decidem sobre uma ação futura, mas sim demonstram a habilidade do orador. (Clark, 1957, p. 218):

A suasoria is an academic exercise in deliberative oratory. Actual deliberative oratory urges a person or an assembly to take action in the future. In his Panegyricus Isocrates counsels the Greeks to union against the Persians. Demosthenes, in his Philippics, counsels the Greeks to resist the Macedonian ruler. Aristeides, a professor of rhetoric in the second century, composed a deliberative oration which persuaded Emperor Marcus Aurelius to rebuild Smyrna after it had been destroyed by an earthquake (Philostratus, Lives of the Sophists, 582).

Uma suasória é um exercício acadêmico em retórica deliberativa. Oratória deliberativa de verdade incita uma pessoa ou uma assembleia a empreender uma ação no futuro. No seu *Panegírico*, Isócrates aconselha os gregos a se unir contra os persas. Demóstenes, em suas *Filípicas*, aconselha os gregos a resistir ao comandante macedônio. Aristides, um professor de retórica do segundo século, compôs uma oração deliberativa que persuadiu o Imperador Marco Aurélio a reconstruir Esmirna após ela ter sido destruída por um terremoto (Filóstrato, *Vida dos Sofistas*, 582).

Nesse excerto, Clark comenta o que é um discurso deliberativo verdadeiro que, de acordo com os critérios aristotélicos já vistos, visa a uma ação futura, dirige-se a uma assembleia ou a um comandante, versa sobre o útil ou prejudicial. No passo seguinte, o autor comenta não o discurso deliberativo verdadeiro, mas o fictício (Clark, 1957, p. 218):

Students in school or college do not usually have enough knowledge or experience to give actual counsel. For this and for other good reasons the school exercises in deliberative oratory in Greece and Rome were based on themes from legend and history – themes familiar to the boys from their reading and from the lectures of the professor of literature (the grammaticus). If a boy, in his suasoria, was to counsel Alexander, Caesar, Cicero, or Agamemnon, he would have to imagine himself one of their contemporaries and then compose such a speech as a contemporary might deliver. Hence the exercise of suasoria, as it was practiced in the schools, required that the student compose prosopopoeiae. These are speeches in which the student supplies the words which someone else, real or fictitious, might in agreement with the laws of necessity and probability have composed and delivered under a given set of circumstances. Whenever a character in a play or novel is represented as making a speech the result is prosopopoeia. [...] most controuersiae as well as all suasoriae were composed as prosopopoeiae in the declamation schools.

Estudantes na escola ou faculdade geralmente não têm conhecimento ou experiência suficientes para dar conselhos de verdade. Por essa e por outras boas razões, os exercícios escolares em oratória deliberativa na Grécia e em Roma eram baseados em temas extraídos da lenda e da história – temas familiares aos meninos devido a suas

leituras e às aulas do professor de literatura (o *grammaticus*). Se um menino, em sua suasória, devia aconselhar Alexandre, César, Cícero ou Agamenão, ele deveria imaginar a si mesmo como um de seus contemporâneos e então compor um discurso que um contemporâneo pudesse fazer. Daí o exercício da suasória, assim como era praticado nas escolas, requeria que o estudante compusesse prosopopeias. Essas são discursos nos quais o estudante fornece as palavras que outra pessoa, real ou fictícia, poderia ter dito, de acordo com as leis da necessidade e probabilidade, e discursado dadas certas circunstâncias. Sempre que uma personagem em uma peça ou romance é apresentada fazendo um discurso, o resultado é uma prosopopeia. [...] muitas controvérsias assim como todas as suasórias foram compostas como prosopopeias nas escolas de declamação.

Percebemos aqui algumas lacunas e anacronismos. Primeiramente, o autor compara jovens romanos a jovens contemporâneos a ele ao dizer que “amiúde os jovens não têm conhecimento ou experiência para aconselhar”, de modo que parece julgar aqueles por estes.¹⁰ Em seguida, o autor diz que “por outras boas razões” as escolas usavam temas fictícios, mas não nos diz quais sejam essas outras “boas razões”. Depois parece que Clark e Shenk concordam quanto ao fato da necessidade da prosopoeia. No entanto, temos de verificar se é isso mesmo que acontece em Sêneca, ou seja, se em todas há a presença de interpretação por parte dos declamadores. Para tanto, escolhemos um exemplo de discurso presente na primeira suasória, cujo provável¹¹ tema é: “Alexandre delibera se navegará no Oceano”:

ALBVCI SILI. Terrae quoque suum finem habent et ipsius mundi aliquis occasus est. nihil infinitum est. Modum magnitudini facere debes, quoniam Fortuna non facit. Magni pectoris est inter secunda moderatio. Eundem Fortuna victoriae tuae quem naturae finem facit: imperium tuum cludit Oceanus. O quantum magnitudo tua rerum quoque naturam supergressa est: Alexander orbi magnus est, Alexandro orbis angustus

¹⁰4 Marcos Martinho dos Santos, a respeito desse tema, diz: “De fato, é curioso Clark referir-se a “esudantes de escolas e faculdades”... Porém, isso de dizer que jovens não são aptos a aconselhar está de acordo com os pressupostos da retórica antiga, por exemplo, com os pressupostos de Aristóteles, que diz que, por carecer de experiência das ações da vida, o jovem não é discípulo apto à política (Nic. I, 3, 1095 a), que é o lugar da deliberação.”

¹¹ Dizemos provável porque nenhum manuscrito possui o início do livro de suasórias de Sêneca.

est. Aliquis etiam magnitudini modus est: non procedit ultra spatia sua caelum; maria intra terminos suos agitantur. Quidquid ad summum pervenit, incremento non reliquit locum. non magis quicquam ultra Alexandrum novimus quam ultra Oceanum.

Albúcio Silão: As terras também têm seu fim, e até para o mundo existe algum ocaso. Nada é infinito. Deves traçar um limite para a grandeza, já que a Fortuna não traça. É de um grande peito a moderação em meio às coisas favoráveis. A Fortuna traça para tua vitória o mesmo fim que para a natureza. O teu império está encerrado no oceano. Ó, quanto a tua grandeza ultrapassa até mesmo a natureza! Alexandre é grande para o mundo, o mundo é estreito para Alexandre. Mesmo a grandeza tem algum fim: o céu não se estende para além do seu espaço, os mares se agitam dentro dos seus confins. Qualquer coisa que chegue ao cume não deixa lugar para o crescimento. Não conhecemos nada mais para além de Alexandre do que para além do Oceano.

Em momento algum desse excerto, o “eu suasório¹²” coloca-se como uma personagem definida. Ele, de fato, dirige-se a Alexandre, fala com ele como se fosse uma segunda pessoa. Porém a questão da “interpretação” talvez pare por aí. Ainda mais, esse declamador “Albúcio Silão” aparece diversas outras vezes tanto nas suasórias quanto nas controvérsias e sua elocução se acomoda a cada uma das situações propostas pelos temas. Todavia, é válida a ideia de Clark se aproximarmos a adequação à interpretação, embora talvez possamos entendê-las como coisas diferentes. De qualquer modo, notamos que pode haver prosopopeia nas suasórias, porém não é necessário que haja.

Em verdade, os estudiosos modernos falam sobre “contemporaneidade”, ao passo que os antigos comentadores das declamações em momento algum discutem essa questão. A dúvida do que é ou não é contemporâneo e como tratar algo assim pressupõe uma visão de tempo que é diferente da nossa, daí o anacronismo da aplicação desse critério a textos antigos.

¹² Cunhamos essa nomenclatura dada a necessidade óbvia de diferenciar o orador do discurso, e de manter um rigor terminológico, uma vez que “eu lírico” não poderia aplicar-se à esta situação, já que não se trata de uma peça lírica.

É interessante notar o que Quintiliano nos diz a respeito da questão “suasória vs. prosopoeia” (Quint. III, 8, 49): *Ideoque longe mihi difficillimae videntur prosopopoeiae, in quibus ad relicum suasoriae laborem accedit etiam personae difficultas: namque idem illud aliter Caesar, aliter Cicero, aliter Cato suadere debet* “E assim de longe as prosopopeias me parecem as mais difíceis, nas quais ao trabalho restante da suasória acrescenta-se ainda a dificuldade da personagem; pois a mesma coisa César deverá aconselhar de um modo, Cícero de outro, Catão de outro”. Percebemos que Quintiliano então parece julgar que suasória e prosopopeia são coisas diferentes, já que as prosopopeias crescem dificuldade às suasórias, mas não as definem. A primeira pode, mas não precisa, conter a segunda, mas o contrário não é verdadeiro, já que é possível fazer uma prosopopeia sem fazer uma suasória. É interessante notar ainda que Clark cita e traduz essa mesma passagem de Quintiliano acima posta, no entanto parece talvez não perceber a diferença entre uma e outra coisa. O exercício da prosopopeia, presente nos manuais de *progymnasmata* gregos, propunha uma interpretação de uma personagem famosa. Por exemplo, “o que teria dito Níobe ao encontrar seus filhos mortos?”, o jovem então deveria interpretar Níobe, suas falas e entonações de acordo com a verossimilhança e o decoro. As suasórias, por serem tiradas de temas mitológicos ou históricos, foram identificadas com esse exercício justamente pela presença de situações e personagens famosas. As suasórias de Sêneca falam sobre Alexandre, o grande, os trezentos de Esparta, Agamenão e Ifigênia e Cícero; temas muito conhecidos por boa parte dos romanos. A história de Níobe e de seus filhos, usada como exemplo logo acima, pode ter duas abordagens possíveis: uma própria da prosopopeia “que diria Níobe ao encontrar seus filhos mortos?” e outra própria da suasória “que deveria fazer Níobe ao encontrar seus filhos mortos”. Na primeira o aluno devia interpretar Níobe, na segunda, aconselhá-la a tomar alguma ação.

Essa questão foi abordada aqui pois percebemos que estudiosos como Clark e Shenk tomam como certo que prosopopeia e suasória são a mesma coisa, enquanto vimos que não só a prática, expressa pelo exemplo de suasória tirada de Sêneca, não é assim, como tampouco a teoria antiga, expressa por Quintiliano. Interessante também notar que ambos os estudiosos, em seus textos, têm uma preocupação em comparar e transpor métodos da educação antiga para os dias modernos.

Ouçamos, por fim, Winterbottom (Winterbottom, 1974, p. 52): Speeches by deliberators themselves were a variation on suasoriae, with the separate name of prosopopeiae, 'speeches in character' "Discursos dos próprios deliberadores eram uma variação de suasórias, com o nome separado de prosopopeias, 'discursos de personagem'". Vemos então que, de acordo com esse estudioso, baseado em Quintiliano, a prosopopeia, além de um exercício dos *progymnasmata*, pode ser uma espécie de suasória.

4. tradução

Para a confecção da tradução, utilizei-me da edição feita por Michael Winterbottom, publicada pela editora Loeb em 1974.

Livro das suasórias

1. Alexandre delibera sobre se navegará no Oceano¹³.

A suasória versa sobre Alexandre, o Grande (356 -352 a.e.c.), rei da Macedônia. O declamador deve colocar-se no lugar de um membro de um conselho de guerra, em que se discutirá se Alexandre, tendo conquistado A Ásia e a Índia, deve ou não ir além ao explorar o oceano, até então jamais cruzado (Cf.

Quinto Cúrcio). O começo da suasória foi perdido, no entanto, o título provavelmente está correto, uma vez que é referido pelo próprio Sêneca (*Controuersiae*. VII, 7, 19) “*illa suasoria in qua deliberat Alexander, na Oceanum nauiget, cum exaudita uox esset: ‘quousque inuicte?’*”

1... permitem: a tudo aquilo a que a natureza deu grandeza, deu também um limite. Nada é infinito a não ser o oceano. Dizem que no oceano jazem terras férteis e, além, atrás do oceano, de novo nascem outros litorais, outro mundo, e, a natureza das coisas não cessa em parte alguma, mas sempre, quando parece ter acabado, daí, ressurge nova. Facilmente se imaginam essas coisas, porque não se pode navegar o oceano. Que seja o suficiente para Alexandre ter vencido lá onde, para o mundo é o suficiente luzir. Dentro dos limites dessas terras, Hércules mereceu o céu. O mar ali permanece imóvel, uma massa inerte da natureza, que como que se perde em seu próprio limite; novas e terríveis figuras, portentos grandes mesmo para o Oceano, os quais essa vastidão profunda nutre; luz inusitada na alta escuridão e o dia suprimido pelas trevas, o próprio mar, de fato, grave e quedo e, ou nenhum, ou

¹³ Alexandre da Macedônia, 356 – 323 a.e.c., filho de Felipe da Macedônia. Tendo dominado a Grécia, partiu para a Ásia Menor, travando guerra contra os Persas e dominando-lhes todo o Império. Célebre é o episódio aqui usado na suasória. Tendo expandido seu império até o Oriente Próximo, finalmente subjugados os persas, decidiu, em 327 a.e.c., a contragosto de parte de suas tropas, levar a guerra até Índia, com o intuito de conquistar também o Oceano além dela.

desconhecidos astros. Esta é, Alexandre, a natureza: depois de tudo, o oceano, depois do oceano, nada.

2 Argentário: Pára! O teu mundo te chama de volta; vencemos lá onde tem luz. Nada é tão grande que eu mesmo busque com perigo para Alexandre.

Pompeio Silão: Chegou aquele dia, Alexandre, muito aguardado, no qual faltaria a ti o que fazer. Iguais são os limites tanto do teu reino quanto do mundo.

Mosco: É tempo de Alexandre cessar com o mundo e com o sol. Aquilo que conheci, venci; agora ambiciono o que não conheço. Quais povos tão ferozes existiram que não tenham adorado Alexandre com o joelho no chão? Que montes tão hórridos existiram cujos cumes o soldado vencedor não tenha calcado? Erguemos mais troféus do que os do pai Liber¹⁴. Não buscamos o mundo, mas perdemos. Imenso e intocado pela experiência humana, o pélagos, vínculo do mundo inteiro e vigilante das terras, vastidão não agitada pelo remo, litorais ora inquietos pela onda que se enfurece, ora desertos pela onda que se retira; a negra escuridão comprime as ondas, e não sei como, aquilo que a natureza furtou aos olhos humanos, a noite eterna sepultou.

Musa: Horrível grandeza de bestas e a profundidade imóvel. Está provado, Alexandre, que nada resta a vencer, volta!

3 Albúcio Silão: As terras também têm seu fim, e até para o mundo existe algum acaso. Nada é infinito. Deves traçar um limite para a grandeza, já que a Fortuna não traça. É

¹⁴ Título de Júpiter, i.e, o Júpiter Livre, equivalente ao Zeuv~ [Eleuqerivo~ dos gregos. Assim, entende-se a oração como “levantamos mais troféus quantos os tem Júpiter”.

de um grande peito a moderação em meio às coisas favoráveis. A Fortuna traça para tua vitória o mesmo fim que para a natureza. O teu império está encerrado no oceano. Ó, quanto a tua grandeza ultrapassa até mesmo a natureza! Alexandre é grande para o mundo, o mundo é estreito para Alexandre. Mesmo a grandeza tem algum fim: o céu não se estende para além do seu espaço, os mares se agitam dentro dos seus confins. Qualquer coisa que chegue ao cume não deixa lugar para o crescimento. Não conhecemos nada mais para além de Alexandre do que para além do Oceano.

Marullo: Buscamos os mares, entregamos as terras a quem? Procuo um mundo que não conheço, abandono aquele que conquistei.

4 Fabiano: O quê? Essa escuridão difusa por todo o pélagos parece-te admitir quem navegue, ela que rechaça até quem olhe? Ela não é a Índia, nem aquela terrível reunião de feras. Apresenta bestas atroz, olha com que tempestades e vagalhões ela se enfurece, as quais ela impele para o litoral, tamanho o concurso dos ventos, tamanha é a insânia do mar convulso desde as profundezas. Não há nenhuma calmaria presente aos navegantes, nenhuma salvaguarda, nada conhecido; a natureza, rude e imperfeita, recuou profundamente. Nem sequer aqueles que fugiam de Alexandre buscaram o oceano. Algo sagrado espalhou o Oceano ao redor das terras por natureza. Aqueles que já examinaram o movimento dos astros e reduziram a uma lei certa e as sucessões anuais do inverno e do verão, ainda assim hesitam em relação ao Oceano, se porventura flui ao redor das terras como um grilhão, ou se recolhe em sua própria órbita e ferve dentro desses golfos pelos quais se navega, como se dentro de certos alvéolos de sua grandeza. Depois de si, ele tem o fogo, de que ele próprio é incremento, ou o ar? O que fazeis, camaradas? Enviais o conquistador do gênero humano, o

grande Alexandre, para algo que se discute o que seja? Lembra, Alexandre, abandonas tua mãe¹⁵ em um mundo mais subjogado do que apaziguado.

5 Divisão: Céstio dizia que esse gênero de suasórias deveria ser declamado diferentemente, quando fosse mais para adular do que para aconselhar. Uma sentença não deve ser dita do mesmo modo em uma cidade livre e entre reis, para quem até mesmo aquilo que é proveitoso deve ser aconselhado todavia de modo que deleite. E entre os próprios reis há uma diferença: alguns toleram mais, outros menos, a verdade. Aprendemos que Alexandre era um daqueles que são os mais soberbos e altivos além da medida de um ânimo mortal. Por fim, para que se abandonem outros argumentos, a própria suasória prova a insolência dele: o seu mundo não o contém.

E assim, dizia que nada deveria ser dito a não ser com a suma veneração do rei, para que não acontecesse o mesmo que aconteceu ao preceptor dele, primo de Aristóteles¹⁶: matou-o intempestivamente, por causa de gracejos licenciosos; pois, como quisesse ser visto como um deus e tivesse sido ferido, tendo visto o sangue dele, o filósofo dissera que se admirava que não fosse ichor, tal como flui nas veias dos deuses abençoados. Ele se vingou desta agudeza com a lança.

Isto foi exposto elegantemente em uma epístola de C. Cássio¹⁷ enviada a M. Cícero¹⁸: brinca muito com a estupidez do jovem Cn. Pompeio²⁰, que reuniu um exército na Espanha e foi vencido na batalha de Munda²¹; então, diz: “nós também rimos dele, mas temo que ele

¹⁵ Olímpia.

¹⁶ Callístenes, primo de Aristóteles. Foi morto por conspiração (Curt. 8.8.21). Clitus que foi assassinado por insolência (id. 8. 1. 45).

¹⁷ Caio Cássio Longino, senador e amigo de Cícero. Lutou na guerra civil travada por César e Pompeio ao lado deste, comandando parte de sua frota. Após a derrota de Pompeio, foi poupado por César e retirou-se para Roma.

¹⁸ Marco Túlio Cícero, o mais célebre orador romano, 106 – 43a.e.c.

¹⁹ Cic. *Ad. Fam.* 15.19.4, aqui citada de cabeça por Sêneca.

²⁰ Cneu Pompeio, filho de Pompeio Magno, rival de César. Reuniu as últimas forças do exército do pai na Espanha a fim de, junto do general Tito Labânio, combater as forças de César.

²¹ Planície a Sudoeste da Espanha onde as últimas forças do exército de Pompeio, agora reunidas por seu filho, foram derrotadas por César.

também ria de nós - com o gládio. No que concerne a todos os reis, estas coisas devem ser receadas em relação aos gracejos”.

6 Dizia que junto a Alexandre uma sentença deveria ser dita de modo que, o ânimo dele fosse acariciado, com muita adulação, mas que alguma moderação deveria ser observada, para que parecesse veneração, não adulação, e não acontecesse algo tal qual aconteceu aos Atenenses quando as blandícias públicas deles não só foram descobertas, mas também castigadas. Pois, como Antônio quisesse ser chamado “Pai Líber” e ordenasse que este nome fosse inscrito em suas estátuas, também fosse forjado “Líber” no traje e no séquito, os Atenenses foram a seu encontro quando chegava com os cônjuges e filhos e o saldaram como “Dioníso”. Ter-lhes-ia sido melhor se a agudeza ática tivesse cessado ali. Disseram que eles próprios lhe prometiam a sua Minerva em matrimônio e pediam que se casasse; Antônio disse que casaria, mas, como dote, ordena a eles mil talentos. Então um dos greguinhos disse: “Senhor, Zeus tomou tua mãe, Semele, sem dote”. Este ficou sem punição, mas os esposais dos atenienses foram estimados em mil talentos. Quando estas coisas foram exigidas, muitas reclamações injuriosas foram expostas, algumas chegaram ao próprio Antônio. Por exemplo, aquela que foi escrita embaixo da estátua dele, porque ao mesmo tempo ele tinha tanto Otávia quanto Cleópatra como esposa: “Antônio tem Otávia e Atena, pega para ti as tuas coisas”²². 7 Délio disse a melhor, o qual Messala Corvino chama de “desultor” das guerras civis, porque prestes a passar de Dolabela para Cássio, fez um pacto por sua salvação, se tivesse matado Dolabela; depois passou de Cássio para Antônio, e por fim desertou de Antônio para César. Este é o Délio cujas epístolas lascivas para Cleópatra são conhecidas. Como os atenienses pedissem tempo para juntar o dinheiro e não o granjeassem, Délio disse: “mas ainda diz que eles te devem neste dia do ano, de dois anos, de três anos”.

O encanto das histórias me conduziu para longe; assim, que eu me volte para o propósito.

²² A fórmula do divórcio.

8 Céstio dizia que esta suasória deve ser dita com grandes louvores a Alexandre; assim a dividiu de tal modo que primeiro dizia que, mesmo que o Oceano pudesse ser navegado, não devia ser navegado; bastante glória foi conquistada; devem ser governadas e ordenadas as coisas que conquistou a caminho; deve olhar pelo soldado cansado por tantas vitórias; deve pensar sobre sua mãe; e ajuntou várias outras causas. Depois adicionou aquela questão, a de que o Oceano não pode ser navegado.

9 O filósofo Fabiano fez igual a primeira questão: mesmo que o Oceano possa ser navegado, não deve ser navegado. Mas fez diferente a primeira razão: deve ser imposta uma medida para as coisas favoráveis. Aqui disse a sentença: a grande felicidade é unicamente aquela que se detém por seu próprio arbítrio. Depois disse o lugar sobre a inconstância da fortuna e, como tivesse descrito que nada é estável, que tudo flutua e ora é alçado, ora rebaixado por movimentos incertos, que as terras são engolidas, e os mares secam, os montes afundam, em seguida exemplos de reis depostos do seu fastígio, adicionou: “permite antes que a natureza se extinga que a tua fortuna”.

10 Tratou também a segunda questão de outro modo; pois a dividiu de modo a negar, em primeiro lugar, que houvesse quaisquer terras habitáveis no Oceano ou além do Oceano. Depois, se houvesse, todavia não seria possível chegar até elas; em seguida falou da dificuldade da navegação, da natureza do mar ignoto que não tolera a navegação. Por último, mesmo que pudesse ser percorrido, não é de tanto interesse. Neste ponto disse que as coisas incertas são buscadas, as certas abandonadas; os povos se revoltariam se fosse divulgado que Alexandre ultrapassou os limites da natureza; aqui passou à mãe, sobre a qual disse: “de que modo ela tremeu, até mesmo quanto ao fato de que estava prestes a atravessar o Granico²³”.

11 A sentença de Glicão é célebre: “Isto não é Simoi ou Granico. Se isto não fosse algo ruim, não estaria no fim do mundo”. Esta todos quiseram imitar. Plucião disse: “Isto é o que há de

²³ Rio no Noroeste da Turquia, às bordas do qual, na expansão, Alexandre travou, em 334 a.e.c., a batalha de mesmo nome contra os persas, liderados por Dario II.

maior justamente porque isto está além de tudo – e além disto não há nada”. Artemão disse: “Estamos discutindo se devemos transnavegar. Nós não estamos nas encostas do Helesponto, ou no mar Pamfílio, esperando a maré baixa. Isto não é o Eufrates ou o Indo, mas sim o fim do mundo, o confim da natureza, o elemento mais antigo ou a origem dos deuses”. Apartúrio disse: “Neste caminho o navio irá diretamente ao amanhecer: pelo outro caminho, para o desconhecido lugar onde o sol se põe”.

Céstio descreveu assim: o Oceano retumba como se se indignasse porque tu deixas as terras.

12 De todas as coisas que foram ditas, desde que os homens disertos começaram a enlouquecer, julgavam que a mais torpe era a de Dorião, dita em paráfrase de Homero, quando o Ciclope cegado jogou uma rocha no mar. Mecenas dizia que em Vergílio se podia entender estas coisas, de torpes, chegavam a ser tanto grandes quanto também sãs. É empolado: “Uma montanha é destruída pela montanha”. Que diz Vergílio? Arrasta não uma pequena parte da montanha”. Empenha-se na grandeza de modo que não se afaste imprudentemente da credibilidade. É inchado: “e uma ilha é capturada e arremessada”. Que diz Vergílio sobre os navios? “Acreditarias que navegam as Cíclades²⁴ revolvidas”. Não diz que isto acontece, mas que pareceu. Aceita-se com ouvidos condescendentes, embora não seja crível, porque foi desculpado antes de ser dito.

13 Nesta mesma suasória, deparei-me com uma sentença muito mais torpe de um tal Menétrato, declamador não desprezado em seu tempo, quando descrevia a grandeza das bestas nascidas no Oceano: . . . Esta sentença, com a qual eu desculpe Musa, que disse uma monstruosidade maior que Caríbdis e Cila²⁵: “Caríbdis, naufrágio do próprio mar”, e, para que não tresloucasse uma só vez em um único assunto: “o que pode ser salvo lá onde o próprio mar perece?”.

²⁴ Arquipélago de ilhas do mar Egeu, a sudeste do continente grego.

²⁵ Duas monstruosidades míticas descritas no canto XII da Odisséia. Situavam-se uma no lado oposto da outra, de modo que Odisseu é forçado a escolher por qual delas atravessar no transcurso de sua jornada para casa. Tradicionalmente, associa-se a corrente ocupada pelas bestas míticas ao estreito de Messina, na Itália.

Damas, explorando o caráter, introduziu a mãe de Alexandre falando, quando descrevia que novos perigos se sobrepuseram incessantemente aos primeiros.

Bárbaro disse, quando introduziu o exército dos macedônios se desculpando, esta expressão: . . .

14 Arélio Fusco disse: “declaro que o teu mundo te abandona antes que a tropa”.

Latrão, sentado, disse essa frase; não desculpou a tropa, mas disse: “Comanda, eu seguirei. Quem me promete um inimigo, quem uma terra, quem um dia, quem um mar? Dá-me lugar onde eu assentar os acampamentos, onde levar as insígnias. Deixei os pais, deixei os filhos, peço passagem. Porventura estou antes do tempo no Oceano?”

15 Os declamadores latinos, na descrição do Oceano não foram de muito vigor; pois descreveram ou pouco ou muito curiosamente. Nenhum deles foi capaz de dizer tão espirituosamente quanto Pedão, que, acerca da navegação de Germânico, diz:

E já veem o dia e o sol deixados atrás.

Há já algum tempo, dos desterrados confins conhecidos do orbe,

são ousados em ir por trevas inacessíveis

até as metas das coisas e os extremos litorais do mundo.

Agora crêem que aquele, que carrega sob pensas ondas

monstros horrendos, o Oceano, que (carrega) cruéis baleias

por toda a parte e cães marinhos, se encapela após prender

as embarcações o próprio estrondo aumenta o medo;

agora crêem que os navios afundam na lama,

e a frota foi desertada pelo vento ligeiro e

eles mesmos são deixados às feras marinhas por causa dos destinos inertes,

por um acaso infeliz, para serem dilacerados.

E alguém, elevado no alto da proa, lutando para romper a névoa
 com a aguerrida visão, como nada é capaz de distinguir,
 tendo sido roubado o mundo,
 verte seu peito angustiado nestas palavras:

“para onde somos carregados? O próprio dia escapa
 e a última natureza enclausura em trevas perpétuas o mundo abandonado.
 Porventura buscamos povos assentados além, sob uma outra extremidade,
 e um outro mundo intocado pelos ventos? Os deuses nos chamam de volta
 e vetam que os olhos mortais conheçam o fim das coisas.
 Por que violamos com os remos mares alheios e águas sagradas
 e perturbamos as moradas quietas dos deuses?”

16 Nenhum dos declamadores gregos se saiu tão bem nesta suasória quanto Glicão, mas ele disse muitas coisas de modo não menos magnífico que torpe, mostrar-vos-ei o poder de ambos, eu queria fazer-vos experimentar não adicionando o meu julgamento nem separando as coisas sãs das corruptas. Poderia ter ocorrido que vós louvásseis mais aquelas coisas que são insanas. Mas isso pode acontecer, não obstante, mesmo que eu faça a distinção. Disse de modo belo aquelas coisas: . . . (Mas fez aquilo que costumava, de modo que estragou a sentença com uma adição supérflua e inchada; assim adicionou: . . .) . Uma deixa alguns hesitantes quanto ao seu julgamento – eu não hesito desaprovar: “Adeus, terra; adeus, sol. Os macedônicos estão correndo ao Caos.

2. Os trezentos espartanos enviados contra Xerxes, uma vez que os grupos de trezentos enviados de toda a Grécia fugiram, deliberam se também eles próprios fugirão.

Esta suasória se refere ao célebre episódio dos 300 espartanos que enfrentaram os exércitos persas, liderados por Xerxes, quando da sua segunda invasão em 480 a.e.c., na passagem das Termópilas.

Cf. Heródoto, *Historia*, VII.

1 Arélio Fusco Pai: Ora, penso, foi escolhida uma idade inexperiente, e um espírito que se quebraria pelo medo, e mãos que não suportam armas inusuais, e corpos enfraquecidos pela velhice ou pelas chagas. Como devo chamar? Os mais poderosos da Grécia? Ou espartanos? Ou seletos? Ou deverei retomar tantas batalhas dos pais e tantas destruições de cidades, tantos espólios de povos vencidos? E agora se traem os templos fundados sem muralhas? Envergonho-me da nossa deliberação; envergonha-me, ainda que não tenhamos fugido, ter deliberado tais coisas. Mas Xerxes veio com tantos milhares de soldados. Ó, espartanos, ide contra os bárbaros. Não me refiro às vossas façanhas, nem aos avós, nem aos pais, por cujo exemplo o engenho se desenvolveu para vós desde a infância. Envergonha-me exortar assim espartanos. Em oposição, estamos seguros. Ele pode trazer na frota o o Oriente inteiro; pode exhibir para os que olham um número inútil. Este mar, que tanto se estende, de imenso se comprime em espaço mínimo, é recebido por estreitos insidiosos e com dificuldade dá passagem à menor embarcação, e os seus remos ainda são apertados por todo o inquieto mar que flui ao redor, pelos bancos de areia que enganam o curso, escondidos em lugares mais fundos, pelas asperezas dos rochedos e outras coisas que decepcionaram as preces dos navegantes. 2 Envergonha-me, repito, que espartanos, e armados, procurem como ficar **seguros**. Não levarei os espólios dos persas? Certamente cairei nu sobre os espólios. Ele saberá que nós ainda temos outros trezentos não que fujam dessa maneira, mas que também caiam dessa maneira. Esse deve ser vosso espírito. Não sei se podemos vencer; não podemos ser vencidos. Digo estas coisas não a homens que necessariamente estão prestes a perecer; mas, se é necessário cair, errais se acreditais que a morte deve ser temida. A ninguém a natureza deu sopro eterno, e o dia para o fim da vida está estabelecido para os que nascem. Pois foi a partir de uma débil matéria que um deus nos moldou; por isso os corpos sucumbem

às mínimas coisas. Somos arrebatados por uma sorte repentina; a infância está sujeita ao mesmo destino, a juventude cai pela mesma causa. Também escolhemos quase sempre a morte, uma vez que é um retiro da vida para a segura. Mas não há fim para a glória; também às mulheres este caminho para a morte é frequente para obter a glória. Quê! Citarei Licurgo²⁶? Quê! Homens impávidos em todo o perigo, que a memória consagrou? Que eu invoque unicamente Otríades, e posso enumerar exemplos para trezentos.

3 Triário: Não se envergonham os espartanos de serem vencidos nem mesmo pela batalha, mas pelo mito dos inimigos? É algo grandioso, um alimento da virtude, nascer espartano. Para a vitória certa, todos teriam permanecido; para a morte certa apenas os espartanos. Que Esparta não seja circundada por pedras; ela tem seus muros lá onde tem seus homens. É melhor chamarmos de volta cada grupo de trezentos que fugiu que os seguirmos. Mas ele, Xerxes, perfura montes; recobre mares. Nunca a prosperidade soberba ficou firme em lugar sólido, e os grandes fastígios dos enormes impérios foram arruinados pelo esquecimento da fragilidade humana. É lícito que saibas que não chegam ao fim as coisas que foram conduzidas à inveja. Xerxes mudou mares, terras e a natureza de sua posição; morramos os trezentos, para que aqui ele encontre pela primeira vez algo que não possa mudar. Se um conselho tão demente era o que havia de aprazer, por que não preferimos fugir para a multidão?

4 Pórcio Latrão: Com efeito, para isto nos demoramos: para empurrar a fila dos fugitivos? Voltais as costas ao rumor? Saibamos ao menos quão forte seja esse de quem fugimos. Mesmo pela vitória a infâmia não pode ser apagada; ainda que todas as coisas se façam corajosamente, aconteçam felizmente, muito todavia foi subtraído do nosso nome: já

²⁶ Célebre herói e legislador espartano do século VIII a.e.c. que estabeleceu as bases dessa sociedade, sendo cultuado pela mesma.

deliberamos, embora espartanos, sobre se fugiríamos. Mas de fato morreremos! No que me diz respeito em verdade, após esta deliberação, não temo nada que se não retornar. Mitos abalam-nos as armas? Agora, agora lutemos; a virtude teria passado despercebida entre os grupos de trezentos. [Os demais certamente fugiram]. Se de fato me perguntais o que penso, falarei tanto em meu, quanto em favor da Grécia: fomos eleitos, não abandonados.

5 Gávio Salino: Para qualquer homem é torpe ter fugido; para um espartano, até mesmo ter pensado.

Marullo: Para isto resistimos: para que não nos escondêssemos na multidão dos que fugiam? Têm como se desculpem os grupos de trezentos da Grécia: “julgamos seguras as Termópilas já que deixávamos lá os espartanos.

Cesto Pio: Julgaste quão torpe era fugir, espartanos, não fugindo por tão longo tempo. Para todas as cidades há aquilo que lhes convém: Athenas é famosa pela eloquência, Tebas, pelos ritos, Esparta, pelas armas. Por isso a rodeia o rio Eurotas²⁷, que endurece a meninice para suportar a milícia futura; por isso são difíceis os píncaros do bosque de Taígeto²⁸, se não para os espartanos; por isso jactamo-nos do deus Hércules²⁹, que pelas obras mereceu o céu; por isso os nossos muros são as armas. 6 Ó grave infâmia à virtude dos antepassados: os espartanos se contam, não se valoram! Vejamos quão grande é a multidão, de modo que certamente Esparta possua ainda, que não fortes soldados, ao menos verazes mensageiros. De modo que não somos vencidos nem sequer pela guerra, mas por uma mensagem? Merecidamente, por Hércules, desprezou tudo aquele de que os espartanos não aguentam ouvir falar. Se não é permitido vencer Xerxes, seja permitido ver. Quero saber por que fujo.

²⁷ Principal rio da região da Lacônia, na península do Peloponeso, onde se situa a cidade de Esparta.

²⁸ Nome do mais alto conjunto de montanhas do Peloponeso (2,400km de altura)

²⁹ O mais afamado herói grego, de origem espartana.

Até agora não sou semelhante aos atenienses em coisa alguma, nem pelos muros, nem pela educação. Nada imitarei deles antes que a fuga?

7 Pompeio Silão: Xerxes muitos trouxe consigo, as Termópilas aceitam poucos. Seremos entre os fortes os mais covardes, entre os covardes os mais lentos. Nada representa quantos povos o Oriente espalhou por nosso mundo e quão grande nação Xerxes arraste consigo; a nós concernem tantos quantos o lugar aceitou.

Cornélio Hispano: Viemos por Esparta, resistamos pela Grécia; vencamos os inimigos, já vencemos os aliados. Que esse bárbaro insolente saiba que nada é mais difícil que furar o flanco da armada espartana. <Os outros certamente fugiram>. Eu na verdade alegro-me porque se retiraram; deixaram as Termópilas livres para nós. Não haverá nada que se oponha à nossa virtude, que se misture nela; o espartano não se esconderá na multidão; para onde quer que Xerxes olhe, verá Espartanos.

8 Blando: Eu citarei os preceitos das mães: “ou neles ou com eles”? É menos torpe voltar da guerra desarmado que fugir armado. Citarei as palavras dos prisioneiros? Um espartano, capturado, disse: “mata-me, não sou escravo”. Ele não poderia ser capturado se tivesse querido fugir. Descrevi os terrores pérsicos; tudo isso nós ouvimos quando éramos enviados. Que Xerxes veja trezentos, e saiba quanto se estimou a guerra, de quantos o lugar é capaz. Não voltemos nem mesmo como mensageiros, se não como os últimos. Quem fugiu, não sei; Esparta-me estes companheiros. Descrição das Termópilas. Agora me deleita que os grupos de trezentos tenham fugido; fizeram as Termópilas estreitas para mim.

9 Contra.

Cornélio Hispano: Mas eu vejo que será a maior infâmia para a nossa cidade se Xerxes não tiver derrotado na Grécia ninguém antes dos espartanos. Nem mesmo uma testemunha da nossa virtude poderemos ter; acerca de nós, acreditarão naquilo que os inimigos narrarem. Tendes minha opinião; no entanto, ele é também o de toda a Grécia. Se alguém aconselha outra coisa, não quer que vós sejais bravos, mas destruídos.

Cláudio Marcelo: Eles não vão nos vencer, mas, sim, nos destruir. Fizemos o suficiente em favor de nosso nome, retiramo-nos por último. Antes de nós, a natureza foi vencida.

10 Divisão: Fiz menção desta suasória, não porque nela houvesse algo de agudo que vos pudesse estimular, mas para que soubésseis quão brilhantemente Fusco tinha falado, ou quão licenciosamente. Eu mesmo não darei minha opinião. Será do vosso arbítrio julgardes os seus desenvolvimentos vigorosos ou demasiados. Asínio Polião dizia que isto não era conselho, mas divertimento. Recordo-me que, quando jovem, nada era tão perceptível quanto esses desenvolvimentos de Fusco, que todos nós entoávamos, cada qual com um tom de voz, cada um com a modulação que lhe era própria, por assim dizer. Mas, uma vez que incidi na menção de Fusco, entretecerei célebres descrições de todas as suasórias, ainda que nada se apresente que agrade qualquer outro que não um suasor.

11 Nesta suasória, Fusco usou aquela divisão popular, dizendo que não era honroso fugir, mesmo que fosse seguro; em seguida, que era igualmente perigoso fugir ou lutar; e, por último, que era mais perigoso fugir. Os inimigos deviam ser temidos por aqueles que lutam; tanto os inimigos quanto os aliados deviam ser temidos por aqueles que fogem.

Céstio passou pela primeira parte, como se ninguém duvidasse de que era torpe fugir; depois passou ao seguinte: se isso não era necessário. Disse: “estas são as coisas que vos desconcertam: os inimigos, a fuga dos aliados, o pequeno número dos vossos”.

Certamente não nesta suasória, mas nesta matéria cita-se aquela sentença bastante eloquente de Dorião, quando fez Leônidas dizer isto aos trezentos, algo que, julgo, está também em Heródoto: “Tomai o desjejum: jantareis no Hades”.

12 Asílio Sabino, o mais gracioso sarrista entre os rétores, ao referir esta sentença de Leônidas, disse: “eu teria lhe prometido ir para o almoço, teria recusado ir para a janta”.

Átalo, o estóico, que, afastado por Sejano, se mudou, homem de grande eloquência, de longe o mais sutil e o mais facundo destes filósofos que a vossa época viu, rivalizou com uma sentença tão grandiosa e nobre e parece-me ter falado mais animosamente que o primeiro: . . .

Ocorre a mim uma ideia expressa por Cornélio Severo, não sei se pouco corajosamente, na medida em que relativa aos romanos. Tendo sido anunciada a batalha para o dia seguinte, introduz os soldados comendo e diz:

E, estendidos pela grama,
disseram: “este é o meu dia”.

Certamente de modo muito elegante ele expressou o afeto dos ânimos daqueles que dependem da sorte incerta, mas a grandeza dos ânimos romanos foi pouco observada; pois jantam como se não tivessem confiança no amanhã. Quanto de ânimo tinham aqueles espartanos, que não puderam dizer: “este é o meu dia”.

13 O gramático Porcelo apontara nesse verso como que um solecismo, porque, embora tivesse introduzido muitos, dizia: “este é o meu dia”, e não: “este é o nosso”, e numa frase ótima repreendia aquilo, que era ótimo. Pois muda de modo que seja “nosso”; perecerá toda a elegância do verso, no qual o mais decoroso é aquilo que é extraído da fala comum, pois está

no lugar de um provérbio: “este é o meu dia”; e, quanto te tiveres voltado ao sentido, nem sequer a calúnia dos gramáticos, que deve ser repelida por todos os grandes engenhos, terá lugar, pois não foram todos que falaram ao mesmo tempo, como em coro, com um gramático comandando a tropa, mas cada um deles: “este é o meu dia”.

14 Mas para que eu retorne a Leônidas e os trezentos, cita-se a mais bela sentença de Glicão: . . .

Nesta mesma suasória não cito de memória nenhuma sentença digna de algum grego a não ser de Damas: “Para onde fugireis, hoplitas, muralhas?”.

Sobre a posição do lugar, Hatério falou elegantemente; tendo descrito as estreitezas do lugar muito eloquentemente: “lugar nascido para trezentos”.

Céstio, tendo descrito as honras as quais viriam a obter se pela pátria tombassem, adicionou: “jurar-se-á pelas nossas tumbas”. Nicetes, bem mais habilmente, desenvolveu esta ideia e adicionou: . . . “a não ser que Xerxes tivesse sido mais antigo que Demóstenes³⁰”. Ele falou a sua sentença ou, certamente não emprestada, tendo descrito a oportunidade do lugar e os flancos protegidos por todos os lados dos que lutam e os estreitos dispostos às costas, mas adversos aos inimigos: . . .

15 Potamão foi um grande declamador de Mitilene, que vigorou no mesmo tempo em que Lésbocles, de grande nome e de engenho correspondente ao nome. Julgo que deve ser apontado para vós quão grande foi a diversidade de ânimos neles em uma sorte semelhante, muito mais porque é pertinente à vida do que se fosse pertinente à eloquência. Ambos perderam um filho no mesmo dia: Lésbocles fechou a escola; ninguém o ouviu declamar novamente; Potamão portou-se com mais ânimo: após o funeral do filho, dirigiu-se à escola e declamou. Julgo, todavia, que ao padecimento de ambos faltou moderação: aquele suportou a sorte mais duramente do que convinha a um pai; este, mais brandamente do que convinha a um homem.

³⁰ O orador ateniense, 384 – 322 a.e.c.

16 Potamão, pronunciando suas suasórias sobre os trezentos, expunha quão torpemente os espartanos tinham feito isto mesmo de ter deliberado sobre a fuga, e assim por último concluiu: . . .

Muitos ensandeceram nesta suasória acerca de Otríades; Murrédio, que disse: “os atenienses fugiram, pois não aprenderam as letras do nosso Otríades”. Gargônio disse: “Otríades, que pereceu para que iludisse, reviveu para que vencesse”. Licínio Nepo: “quando, tendo-o como exemplo, devíeis ter vencido até mesmo mortos”. Antônio Ático parece ter merecido a palma entre estas sentenças pueris, pois disse: “Otríades, vencedor, quase deixando o sepulcro, pressionou as chagas com os dedos a fim de que inscrevesse... no troféu. Ó tinta negra digna de um espartano! Ó homem de quem nem sequer as letras foram sem sangue!”. Cácio Crispo, rétor de um município, discursou afetadamente, após o relato do exemplo de Otríades: “uma coisa convém aos restantes, outra aos espartanos; nós somos educados sem folgas, vivemos sem muros, vencemos sem vida”.

17 Houve um Sêneca, cujo renome pôde ter chegado até vós, de engenho confuso e turbulento, que desejava dizer coisas grandiosas de tal modo que, por fim, ele era tanto atingido quanto escarnecido por uma doença dessa; pois tanto não queria ter nem servos, exceto os grandes, nem vasos de prata tampouco, exceto os grandes. Gostaria que acreditásseis em mim, que não brinco; a insanidade dele chegou a tal ponto, que comprou também calçados que para ele eram grandes, não comia figos, exceto condilomas, concumbina tinha uma de enorme estatura. A ele, que aprovava todas as coisas grandes, foi lhe atribuído o cognome ou, como diz Messala, cognomento, e começou a ser chamado de Sêneca Grandião. Uma vez, quando eu era jovem, ele, nesta suasória, depois de ter apresentado uma objeção: “mas todos que tinham sido enviados da Grécia fugiram”, com as mãos erguidas, firmando-se nas pontas dos pés, - pois assim costumava fazer, para que se tornasse maior – exclama: “alegro-me, alegro-me!”. Admirados nós do que de tão bom o

atingira, acrescentou: “Xerxes será todo meu”. Assim também disse: “esse, que roubou os mares com suas frotas, que circunscreveu as terras, dilatou as profundezas, comanda a nova face da natureza, disponha os exércitos contra o céu; eu terei por companheiros os deuses”.

18 Seniano disse de modo muito mais potente: “ele sitia as terras com armas, o céu com flechas, os mares com correntes; espartanos, se não socorrerdes, o mundo está capturado”.

Direi uma tola sentença de gênero muito licencioso de Víctor Estatório, do meu município, com cujas fábulas muito dignas de memória, pode-se deleitar alguém. Ele, na ocasião desta suasória, assumiu a réplica, disse: “mas somos trezentos”; e assim respondeu: “trezentos, mas varões, mas armados, mas espartanos, mas nas Termópilas: nunca vi trezentos mais numerosos”.

19 Latrão, nesta suasória, depois de ter tratado tudo que a matéria comportava: que eles podiam também vencer, que certamente podiam voltar invictos pela ajuda do lugar, então falou aquela sentença: “se mais nada, seremos certamente a dilação da guerra”. Depois disso, lembro-me de que um discípulo de Latrão, Abrônio Silão, pai deste Silão que escreveu pantomimas e não só abandonou o grande engenho, mas o manchou, recitava um poema no qual reconhecemos o pensamento de Latrão nestes versos:

Ide avante, ó Dânaos³¹, cantando grande peã,

Ide triunfantes; Heitor³², dilação da guerra, caiu.

Então, os ouvintes eram tão diligentes, para não dizer tão maldosos, que nem uma única palavra podia ser roubada; mas agora para qualquer um é lícito dizer em segurança os discursos *Contra Verres*³³ como se fossem suas.

³¹ Como *Argivos*, *Dânaos*, na *Iliada*, designa os gregos.

³² Personagem épica, o maior guerreiro troiano; é vencido apenas quando Aquiles retorna à guerra.

³³ Célebre discurso proferido por Cícero na sua acusação movida contra o magistrado governador da Sicília, Caio Verres.

20 Mas, para que saibais que um pensamento bem dito pode ser ainda mais bem dito, notai quão mais decorosamente, mais que os demais, Vergílio disse isto que já era muito célebre, “Heitor, dilação da guerra, caiu”:

“o que quer que tenha cenado junto aos muros da adversária Tróia, a vitória dos gregos deteve-se pela mão de Heitor e Enéias”.

Messala dizia que Vergílio deveria ter acabado aqui; o que se segue:

“e afastou-se deles até o décimo ano”,

seria para enchimento; Mecenas comparava esse ainda ao primeiro.

Mas para retornar às Termópilas, Díocles de Caristo disse: . . .

21 Apatúrio disse: . . .

Deve-se render um testemunho de estupidez ao rétor Corvo, que disse: “Por que, se Xerxes já navega até nós pelo seu próprio mar, não fugimos, antes que a terra seja roubada de nós?”. Este é o Corvo que, como dirigisse uma escola em Roma, declamou uma controvérsia para aquele Sósio, que submetera os judeus, sobre aquilo que dissertava junto às matronas dizendo que os filhos não deveriam ser criados e por causa disto é acusado de lesar a república. Nesta controvérsia, esta sentença dele era risível: “entre as caixinhas e os ingredientes de bom cheiro ficou a assembléia mitrada”.

22 Mas, se quereis, darei a vós um também historiador engraçado. Aquele Tusco; que fizera como réu de majestade Escauro Mamerco, no qual a família dos Escauros foi extinta, homem tanto de ânimo perverso, quanto de engenho infeliz, quando declamou esta suasória disse: “esperemos, se nada mais estamos para fazer, que o bárbaro insolente ao menos não diga: ‘vim, vi, venci’”, embora o divino Júlio tenha dito isto muitos anos depois, após ter conquistado o Farnace”.

Dorião disse: “homens...”. Nicócrates, o espartano, dizia que esta sentença haveria de ser distinta se tivesse sido cortada ao meio.

23 Mas, para que eu não vos enfatue por muito mais tempo, uma vez que eu disse que haveria de adicionar os desenvolvimentos de Arélio Fusco, aqui porei o fim a esta suasória. O ornamento excessivo e o arranjo entrecortado deles poderão ofender-vos quando chegardes à minha idade; enquanto isso, não duvido que agora vos agradarem os próprios vícios que haverão de vos ofender.

3. Agamenão delibera sobre se sacrificará Ifigênia, uma vez que Calcas nega que de outro modo seja possível navegar.

Essa suasória pauta-se no mito do sacrificio de Ifigênia, filha de Agamêmnon, rei Argos e comandante da expedição que foi a Troia reaver Helena, e Clitemnestra, sua esposa. O mito é explorado, dentre diversos poetas, pelo Tragediógrafo Eurípides. Cf. *Ifigênia em Áulis*. Agamêmnon, caçando uma lebre, teria se gabado de ser o melhor caçador de todos, ofendendo assim a deusa Ártemis, que interrompe os ventos no Golfo de Áulis, na Beócia, exigindo a filha do rei como sacrificio para fazê-los soprar novamente.

1 Aurélio Fusco Pai: Deus verteu os mares não em outra condição que para que nem todos os dias fossem como pedimos; e esta não sorte é só para o mar. Olha o céu. Os astros não estão sob a mesma condição? Algumas vezes, tendo impedido as chuvas, queimam o solo, e os pobres agricultores colhem as sementes cremadas, e é esta, de tempos em tempos, a lei para o ano todo. Outras vezes, os céus limpos se fecham, e o dia inteiro sobrecarrega o céu com nuvens; o solo afunda, e a terra não retém o que lhe foi confiado. Outras vezes, os astros têm curso incerto, e os tempos variam, nem os sóis levantam demasiadamente, nem as chuvas caem além do devido; o que quer que tenha se ressecado com o calor, o que quer que tenha se

diluído com a chuva demasiada, é temperado reciprocamente pelo outro. Quer a natureza tenha disposto isso; quer, como contam, a lua regule isso pelo seu curso – ela que, se está cheia de sua luz e surge igualmente esplendorosa nos chifres, afasta as chuvas, se, aproximando-se a nuvem, mostra seu orbe mais aviltado, não põe fim às chuvas antes que retome a luz –; quer esse poder não seja sequer da lua, mas os ventos, que prevalecem é que controla o ano; o que quer que seja, foi fora da ordem do deus que o mar foi seguro para o adúltero. Mas não poderei castigar a adúltera³⁴. A salvação da pudica é prioritária. Para que eu não temesse algo pela virgindade desta, eu perseguia o adúltero. Uma vez capturada Tróia, eu pouparei as virgens dos inimigos. A virgem de Príamo³⁵ até agora nada tem a temer.

2 Céstio Pio: Pois eu vos invoco agora, deuses imortais. Assim haveis de abrir os mares? Antes, obstai. Não háis de imolar sequer os filhos de Príamo. Descreve agora a tempestade. Padecemos todas essas coisas, e não cometemos o parricídio. Que ritual é este: matar uma virgem no templo da deusa virgem? Ela de mais boa vontade terá esta como sacerdotisa do que como vítima.

Cornélio Hispano: São hostis, diz, as tempestades, e enfurecem-se os mares, e ainda não cometi o parricídio. Esses mares, se um deus os regesse com o seu poder, teriam sido fechados para adúlteros.

Marullo: Se não nos é dado caminho para a guerra, voltemos para os filhos.

³⁴ Helena, esposa de Menelau, rei de Esparta. .

³⁵ Rei de Troia.

Argentário: Novamente recaímos na maldição fatal de nossa família; por causa da adúltera perecem os filhos do irmão. Por este preço eu não quero que ela retorne. Já Príamo faz uma guerra pelo filho adúltero³⁶.

3 Divisão: Fusco dividiu esta suasória de tal modo que dissesse que, ainda que não se pudesse navegar de outro modo, não era para se cometer [o parricídio]. Tratou isto de tal modo que negou que devesse ser cometido uma vez que era homicídio, porque se pagaria mais do que se buscava; busca-se Helena, paga-se Ifigênia; vinga-se o adultério, comete-se o parricídio. Depois disse que ainda que não a tivesse imolado, havia de navegar; que aquela demora era da natureza, do mar e dos ventos; a vontade dos deuses não é entendida pelos homens.

Céstio diligentemente dividiu este ponto; pois disse que os deuses não interpunham o seu arbítrio nos assuntos humanos; mesmo que interponham, a vontade dos deuses não é entendida pelo homem; mesmo que seja entendida, os fados não podem ser mudados. Se não existem os fados, não se conhecem as coisas futuras; se existem, estas não podem ser mudadas.

4 Silo Pompeio, ainda que houvesse algum tipo certo de adivinhação, negou que se deveria acreditar em augúrios. “Logo, por que, se Calcas³⁷ desconhece, afirma? Primeiro, ele julga que sabe” – aqui disse o lugar-comum contra todos que afetassem este conhecimento; depois se irrita contigo, contra a vontade combate, busca para si a confiança junto a todos os povos por meio de tão grande testemunho.

Nesta descrição que coloquei primeiro nesta suasória, Arélio Fusco quis imitar versos de Vergílio; no entanto, ele os buscou muito longe e os inseriu com a matéria como que os rejeitando, certamente não os desejando. Disse, pois, sobre a lua: “ela que, se está cheia de sua

³⁶ Páris, o raptor de Helena.

³⁷ O vidente dos argivos que, dentre outras predições, descobre o descontento de Ártemis, razão pela qual os ventos não sopram em Áulis.

luz e surge igualmente esplendorosa nos chifres, afasta as chuvas, se, aproximando-se a nuvem, mostra seu orbe mais aviltado, não põe fim às chuvas antes que retome a luz”.⁵ Já Vergílio quão mais simplesmente e também mais felizmente disse estas coisas:

A lua, quando primeiro recolhe os fogos retornantes,
se prender o negro ar com o chifre obscuro,
maximamente se preparará a chuva para os agricultores e para o mar.

E novamente:

Mas se
ela for pura pelo céu com os chifres sem brilho.

Fusco costumava tirar muitas coisas de Vergílio, de modo, fosse bem reputado por Mecenas³⁸; pois frequentemente narrava, por um agrado, que se aprazia em alguma descrição vergiliana, assim como falou nesta mesma suasória: “por que aprouve ter esse homem no ofício de intérprete? Por que deus elegeu esta boca? Por que sorteou este peito mormente para o encher com tanto poder?”. Ele dizia que tinha imitado o “cheia de deus”³⁹ vergiliano.

6 Já o nosso Galião costuma expor isto de modo muito conveniente. Lembro-me de que nós ambos tínhamos ido de uma audição de Nicetes até Messala. Nicetes com seu ímpeto agradara muito aos gregos. Messala perguntava a Galião o que lhe parecera Nicetes. Galião disse: “cheia de deus”. Todas as vezes que ouvia algum destes declamadores que os doutos chamam de “quentes”, de pronto dizia: “cheia de deus”. O próprio Messala nunca de outro modo o interrogou, ao vir de uma audição de um novo homem, se não não dizendo: “por

³⁸ Caio Mecenas, 70 – 8 a.C, foi conselheiro político de Augusto, o primeiro imperador e patrono dos poetas do período, Vergílio entre eles.

³⁹ Essas palavras não aparecem em nenhum texto de Vergílio que tenha chegado até nós.

acaso era cheia de deus?” E assim, a expressão já lhe era tão familiar que lhe escapava também quando não queria. 7 Junto a César, como se tivesse feito menção do engenho de Hatério, recaindo no costume, disse: “também ele era cheia de deus”. Àquele, que perguntava o que ele queria dizer com isso, referiu o verso de Vergílio, e contou como isto uma vez lhe havia escapado junto a Messala e posteriormente nunca pôde deixar de escapar. O próprio Tibério, o Teodoreu, se ofendia com o engenho de Nicetes e assim deleitou-se com a anedota de Galião.

Galião dizia que isto tinha agradado muito ao seu Nasão⁴⁰; e assim ele fez aquilo que fizera em muitos outros versos de Vergílio, não para roubar, mas para tomar de empréstimo claramente, desejando que isso fosse reconhecido; está então numa tragédia dele:

“Sou levada para cá e para lá, ai, cheia de deus”.

Agora, se quiserdes, retornarei a Fusco e imediatamente vos satisfarei com as descrições dele, e sobretudo com aquelas que colocou num tratamento semelhante a este, ao dizer que o conhecimento das coisas futuras absolutamente não havia sido concedido.

4. Alexandre, o grande, delibera sobre se invadirá a Babilônia, uma vez que lhe fora anunciado o perigo pela previsão do áugure.

Este episódio se deu no ano de 331 a.e.c., após Alexandre vencer Dario mais uma vez, na batalha de Galgamela, agora na Mesopotâmia, atual Iraque. Havendo os Persas recuado, Alexandre vislumbrou a chance ímpar de marchar ao Sul e conquistar a mais histórica cidade mesopotâmica.

⁴⁰ Públio Ovídio Nasão (43 a.e.c – 17/18 e.c.), um dos mais conhecidos poetas romanos; escreveu, principalmente, elegias.

1 Arélio Fusco. Quem é que reivindica para si o conhecimento das coisas futuras? De ser de uma inusitada sorte aquele que canta sob a ordem de um deus; não se contentou com o mesmo útero no qual nós, ignorantes, nascemos: que apresente certa imagem do deus aquele que exhibe as ordens de um deus. Assim é; pois coage tamanho rei e governante de tamanho mundo, ao medo. Seja grande e acima do costumeiro da sorte humana esse a quem é permitido aterrorizar Alexandre; ponha esse seus pais entre os astros e tire sua origem do céu; deus reconheça seu vate; não no mesmo limite de anos passe a vida, esteja fora de toda a necessidade dos destinos a cabeça, que antecipa aos povos as coisas futuras. Se verdadeiras são essas coisas, por que todas as idades não se aplicam assim a este estudo? Por que não procuramos desde a infância os deuses e a natureza por onde é permitido, já que os astros se abrem a nós e é permitido ficar entre os deuses? Por que então nos fatigamos em eloquência inútil, ou gasta-se a mão com armas perigosas? Ou os engenhos se terão erguido melhor por um outro penhor que pelo conhecimento do futuro? Aqueles, porém, que se lançaram, como proclamam, no meio dos penhores dos destinos, investigam o dia natal e tomam como um prenúncio de todos os anos a primeira hora da vida; 2 calculam que movimento os astros terão tomado, para que partes correram, se o sol se contrapôs sinistro ou se refulgio plácido; se a lua recebeu plena luz ou os inícios da fase crescente, ou escondeu na noite sua cabeça obscura; se Saturno acolheu aquele que nasce para o cultivo dos campos, ou Marte, o militar para as guerras, ou Mercúrio, o comerciante para o lucro, ou a branda Vênus não favoreceu aquele que nasce, ou Júpiter o elevou do inferior ao superior; tantos deuses tumultuando perto de uma única cabeça! 3 Eles anunciam o futuro: disseram que muitos viverão por muito tempo, mas seu dia surpreendeu-os quando nada temiam; a outros deram um fim próximo, mas eles sobreviveram trazendo vidas inúteis; prometeram aos recém-nascidos anos felizes, mas a Fortuna os apressou para toda a injúria. Pois vivemos com sorte incerta; essas coisas são forjadas para cada um por causa do engenho, não a partir da fé. Haverá algum lugar em

todo o mundo que não te terá visto vencedor? A Babilônia fecha-se para àquele a quem o Oceano se abriu?

4 Divisão. Sei que nesta suasória Fusco não tratou nada senão as mesmas questões que referi acima, pertinentes ao conhecimento do futuro. Aquilo que nos agradou não posso preterir. Arélio Fusco costumava declamar uma controvérsia sobre aquela mulher que, depois de ter dado à luz três mortos, disse que havia sonhado que dava à luz em um bosque. Terei sido muito ultrajante convosco se toda a controvérsia, a qual eu entendo que digo...Fusco, como declamasse e, pela parte do avô que não reconhecia o filho, tratasse o lugar contra os sonhos e a providência dos deuses e tivesse dito que aquele que os enviava para os trabalhos de parto desmerecia a magnitude deles, disse em sumos clamores aquele verso de Vergílio:

“com efeito isto é um trabalho para os deuses, esta preocupação os molesta quedos”.

5 Um aluno de Fusco, de quem poupo a vergonha, quando declamava esta suasória sobre Alexandre diante de Fusco, julgou igualmente belo pôr o mesmo verso e disse:

“com efeito isto é trabalho para os deuses, esta preocupação os molesta quedos”.

Fusco disse a ele: “se tivesses dito isto com Alexandre ouvindo, terias sabido que em Vergílio há também aquele verso: 'enterrou a espada até os copos'”.

E porque costumais ser molestos para mim a respeito de Fusco, por que é que ninguém parecia discursar mais cultamente, apresentarei a vós explicações de Fusco. Ele dizia suasórias de muito boa vontade, e mais frequentemente em grego do que em latim.

Hybreas nesta suasória disse: “Que escudo a Babilônia achou em um augúrio!”

5. Os Atenienses deliberam sobre se retiram os troféus pérsicos ou não, uma vez que Xerxes ameaça retornar se não retirassem.

Após a derrota persa na batalha de Salamis, no ano 480 a.e.c, os gregos finalmente puderam retornar às suas cidades, muitas destruídas. A situação aqui apresentada é, pelo que se sabe, puramente fictícia, uma vez que Xerxes jamais fizera tais ameaças. Cf. Heródoto, *Histórias*, VIII.

1Aurélio Fusco: Envergonho-me de vossa vitória, se acreditais que Xerxes tenha fugido de modo que possa retornar. Tantos milhares mortos; nada foi deixado de tamanha luta a ele, para ameaçar-nos, a não ser o que a custo possa segui-la, tantas vezes a frota foi afundada. Por que referirei Maratona⁴¹, por que Salamina⁴²? Envergonha-me dizer: ainda hesitamos ou acaso vencemos? Xerxes virá? Seu ânimo está abalado, não se de que modo, acerca da memória das perdas e não evoca as armas abaladas. De fato, o medo anterior é garantia do futuro, e as coisas perdidas avisam para que não ouse vir a perder. Assim como, por vezes, o ânimo se exalta nas coisas alegres e mede a esperança a partir do presente, assim também é alquebrado pelas coisas adversas. Todo o dia oprime o ânimo quando a ignomínia oprime a esperança, quando não se lembra de nenhuma batalha a não ser daquela em que fugiu; fixa-se em seus danos e põe de lado as aspirações em que foi malfadado. Se fosse vir, não ameaçaria; a ira arde em suas chamas e não se desfaz em pactos. 2 Não avisaria se fosse vir, nem nos armaria pelo seu anúncio, nem instigaria a vitoriosa Grécia, nem provocaria armas felizardas; antes viria de encontro a nós sem prevermos; pois já antes movera armas não anunciadas. Tudo quanto o Oriente pôde se esvaiu no primeiro ataque contra a Grécia; aquele, enfurecido por aquele número de homens, apontou armas até contra os deuses. Tantos milhares foram extintos antes de Xerxes, tantos sob ele mesmo; jazem mortos; ninguém

⁴¹ Planície na qual se travou a batalha entre atenienses e persas (quando ainda era Dario I o rei destes), resultada da interferência ateniense na revolta das cidades jônias da Ásia menor sob o jugo persa. Cf. Heródoto, *História*, III.

⁴² Batalha travada no estreito entre o continente e a ilha de Salamina, no ano de 480 a.e.c.. Foi a batalha decisiva da segunda invasão persa. Nela, a frota dos gregos, comandada pelos atenienses, destruiu a maior parte da frota persa, frustrando os planos de Xerxes de conquistar todo o continente.

sobreviveu a não ser os que fugiram. Quê? Falarei de Salamina? Quê? Referirei Cinegiro⁴³ e a ti, Polizelo⁴⁴? E ainda se debate se vencemos? Eu pus estes troféus para os deuses, afixei-os à vista de toda a Grécia, para que ninguém temesse a ameaça de Xerxes. Pobre de mim! Pus os troféus com Xerxes lutando; retirá-los-ei com ele fugindo? Agora nós, Atenas, somos vencidos. 3 Acreditar-se-á que Xerxes não só voltou, mas venceu. Xerxes não pode retirar os troféus a não ser por meio de nós. Acreditai em mim, é difícil reorganizar forças gastas, renovar esperanças rompidas e erguer-se de uma batalha penosa para a confiança num desfecho melhor.

Céstio Pio: “Fare”, diz ele, “guerra”. Ele promete-me outros troféus. Pode vir maior do que quando foi vencido?

Argentário: Não vos envergonhais? Xerxes estima mais os vossos troféus do que vós!

4 Divisão. Fusco assim dividiu: Mesmo que Xerxes esteja para vir, se não os retiramos, não se devem retirar os troféus; é confissão de servidão fazer aquilo que é ordenado. Se vier, venceremos; isto não deve ser tratado por mais tempo; sobre isso digo: “venceremos aquele que vencemos”. Mas nem mesmo ele virá; se fosse vir, não avisaria; está quebrado tanto nas forças quanto no ânimo.

Céstio também adicionou aquilo, que tratou na primeira parte: que era ilícito aos atenienses retirar os troféus; neles está um direito comum da Grécia inteira; a guerra foi comum, a vitória comum.

⁴³ Irmão do tragediógrafo Ésquilo que se destacou na batalha de Maratona, chegando a perder um braço, segundo Heródoto, ou dois, segundo outras versões.

⁴⁴

Em seguida, disse que, na verdade, era ímpio; nunca aconteceu que alguém levantasse as mãos contra as obras consagradas de sua virtude. Esses troféus não são dos atenienses, são dos deuses; a guerra foi deles; a eles Xerxes perseguia com grilhões, a eles com flechas. Aqui [ele disse] tudo que pertencia à ímpia e soberba campanha de Xerxes.

5 O quê? Teremos uma guerra? Tivemos. E se tiveres afastado Xerxes, encontrar-se-á outro inimigo; grandes impérios nunca estão em paz. Enumeração das guerras travadas prosperamente pelos atenienses.

Em seguida: Não haverá guerra; pois Xerxes não virá; aqueles que outrora foram os mais soberbos, são depois muito mais tímidos.

Por fim: Mesmo que venha, virá com quem? Recolherá os restos de nossa vitória; trará aqueles que na primeira guerra não quis, por serem como inúteis, e alguns que acaso o seguiram da fuga. Não tem nenhum soldado que não esteja ou fatigado ou vencido.

6 Argentário contentou-se com estes dois argumentos: ou Xerxes não virá ou não deve ser temido se vier. Insistiu apenas nestes e disse o que é excepcional: “Retirai os troféus” insiste. “Se venceste, por que enrubesces? Se foste vencido, por que ordenas?” Ele trouxe um lugar de fato útil: julgava que certamente nem Xerxes nem nenhum dos persas ousaria invadir a Grécia; mas tanto mais era para eles vigiar os troféus, se algum inimigo alguma vez houvesse de vir de lá, quanto mais, à vista dos troféus, os ânimos dos soldados se acenderiam, o dos inimigos se quebrariam.

7 Blando disse: Que ele antes reabasteça em Ato⁴⁵ e reconduza os mares à sua antiga aparência. Ele quer parecer à posteridade como quando veio; que pareça como quando voltou.

Triário, após rejeitar toda divisão, apenas exultou porque ouvia que Xerxes vinha: vem para eles uma nova vitória, novos troféus.

Pompeio Silão usou um charmoso gênero de sentença; ele disse: “Se não retirardes os troféus, eu irei’. Xerxes quer dizer isto: 'se não retirardes os troféus, poreis outros’”.

⁴⁵ Monte na península Calcídica, a sudeste da Tessalônia.

8 Somente Gálião declamou a outra parte e, exortando-os a retirar os troféus, disse que nada era subtraído à glória; de fato, haveria de permanecer a memória da vitória, que era perpétua; os próprios troféus são consumidos tanto pelas intempéries quanto pelo tempo; a guerra teve de ser travada pela liberdade, pelas esposas, pelos filhos; por algo supérfluo e em nada pernicioso se faltasse não deve ser travada . Aqui disse que Xerxes viria de qualquer maneira e o descreveu entumescido contra os próprios deuses; depois disse que ele tinha grandes forças; ele nem tinha levado todas as tropas para a Grécia, nem tinha perdido todas na Grécia; deve-se temer a variedade da fortuna; as forças da Grécia estão exaustas e já não podem suportar uma outra guerra; ele tem uma imensa multidão de homens. Neste lugar disse a sentença mais eloquente, a qual é digna que se coloque ou na oratória ou na história: “eles podem morrer por mais tempo do que nós vencer”.

6. Cícero delibera se pede ou não desculpas a Antônio

A suasória pauta-se na possibilidade de permanecer vivo que Marco Antônio teria oferecido a Cícero, uma vez que, enfraquecido politicamente pela formação do segundo triunvirato, fora declarado inimigo público e era procurado.

1. Q. Hatério: que a posteridade saiba que a Cidade podia ter servido a Antônio⁴⁶, Cícero não podia. Tu deverás louvar Antônio; nesta causa, até mesmo de Cícero as palavras fugirão. Acredite em mim, mesmo que tu te guardes com cuidado, todavia Antônio fará algo que Cícero não possa calar. Se entendes, Cícero, ele não diz “peça para viver” mas “peça para servir”. Como poderás, no entanto, entrar neste senado, cruelmente esgotado, torpemente

⁴⁶ Marco Antônio, 83 – 30 a.e.c., era o braço direito de César desde as Guerras Gálicas. Pela vontade de César, após sua morte, Antônio sucedeu-o como cônsul, mas aliou-se a Otaviano Augusto e Marcos Lépidio, formando o segundo triunvirato, a fim de defender Roma da marcha dos exércitos de Bruto e Cássio, assassinos de César que, por força das acusações abertas de Antônio, foram forçados a retirar-se de Roma para a Gália. Sua antipatia por Cícero intensificou-se após a morte de César, já que o orador tornou-se seu maior opositor e o principal nome daqueles que viam em Antônio não mais do que a continuação da tirania de César. Uma vez que firmou a aliança com os outros dois triúmviros, seus opositores foram imediatamente declarados inimigos de Roma e proscritos.

repleto? No entanto, tu quererás entrar no senado no qual não verás Cn. Pompeio, ou M. Catão⁴⁷, ou Lucullo⁴⁸, ou Hortêncio⁴⁹, ou Lentulo⁵⁰ e Marcelo⁵¹, ou os teus, eu digo, os teus cônsules Hircio e Pansa⁵²? Cícero, o que há para ti em uma época estranha? Agora os nossos tempos se foram. 2. M. Catão, apenas o maior exemplo de como viver e morrer, preferiu morrer a pedir – e nem era a Antônio que pediria – e armou aquelas mão continuamente puras do sangue civil até o último dia contra o peito mais sagrado. Cipião⁵³, quando voltara o gládio contra o peito, disse aos soldados que procuravam (os que embarcaram em seu navio) o comandante “o comandante está bem”. Vencido, falou com voz de vencedor. Tu dizias “impeça-me, Milão⁵⁴, de implorar aos juízes; vai agora e implora a Antônio.

3. Pórcio Latrão: Alguma vez Cícero falou de modo que Antônio não temesse, alguma vez Antônio de modo que Cícero temesse? A sede de Sula de sangue civil voltou para a cidade, e mortes de cidadãos romanos são dadas como impostos na venda triunviral. A ruína de Farsalus, de Munda, de Mutina⁵⁵ é superada pela lista de uma única tabela, as cabeças de cônsules são pesadas a ouro: Cícero, deveu usar-se de tuas palavras: “ó tempos, ó costumes!” Verás olhos que ardem com crueldade e ao mesmo tempo com soberba; verás aquela face não de homem, mas de guerra civil; verás aqueles canais pelos quais passaram os bens de Cn Pompeio, aqueles flancos, aquela firmeza de todo corpo de um gladiador; verás aquele lugar no tribunal que há pouco o senhor dos cavaleiros, para quem era torpe arrotar, poluíra com

⁴⁷ Marco Pórcio Catão, filho de Catão, o jovem. Recebeu o perdão de César após lutar contra o mesmo ao lado de seu pai na batalha de Tapsus; como não recebesse a mesma clemência, seu pai suicidou-se. Aliou-se a Bruto e Cássio na conspiração que pôs fim a vida de César.

⁴⁸ Lúcio Licínio Lucullo, 118 – 57 a.e.c. Junto de Sula, foi o principal general romano a lutar nas campanhas do leste, as Guerras Mitridáticas, de lá voltando com inúmeras riquezas. Afamou-se também como patrono das artes liberais. Posteriormente tornou-se amigo de Pompeio.

⁴⁹ Quinto Hortênsio Hórtalo, 114 – 50 a.e.c. Legislador e orador romano. Embora rivais de tribuna, no senado Cícero e Hortênsio compactuavam geralmente as mesmas ideias. Retirou-se da vida pública, no entanto, em 61 a.e.c.

⁵⁰ Pode ser tanto Públio Cornélio Lentulo, cônsul em 57 a.e.c. e aliado de Cícero na conjuração de Catilina, quanto Lúcio Cornélio Lentulo, cônsul em 49 a.e.c. ambos eram, no entanto, partidários de Pompeio.

⁵¹ Marco Cláudio Marcelo, cônsul em 52 a.e.c., simpático a Pompeio.

⁵² Ambos cônsules em 43 a.e.c., ambos foram enviados com tropas, junto de Otaviano, embuídos de poder pela ação de Cícero no Senado, para combater em Antônio em Mutina. Ambos mortos na batalha, o poder dos exércitos ficou nas mãos de Otaviano.

⁵³

⁵⁴

⁵⁵ Todos nomes de lugares e batalhas que se travaram na guerra civil.

vômito: como um suplicante cairás aos joelhos dele implorando? Com aquela boca para a qual a Cidade deve a sua salvação erguerá palavras baixas em adulação? Envergonha-te; até Verres, exilado, pereceu mais bravamente.

4. Cláudio Marcelo Esernino: Que te ocorra o teu Catão, cuja morte foi louvada por ti; logo, o que julgas de tanto apreço de modo que deves a vida a Antônio?

Céstio Pio: Se tens em mente o desejo do povo, Cícero, quando quer que pereças, terás vivido pouco; se as ações, viveste o bastante; se as injúrias da Fortuna e o presente estado da Cidade, viveste por muito tempo; se a memória de suas obras, viverás para sempre.

Pompeio Silão: Que tu saibas que para ti não é proveitoso viver se Antônio permite que vivas. Então calar-te-ás quando Antônio faz promulgações e dilacera a Cidade e de modo que nem um gemido teu será livre? Eu prefiro que o povo romano prefira Cícero morto que vivo.

5. Triário: “Que Caríbide é tão voraz? Eu disse Caribide, que, se existiu, foi um único animal? Dificultosamente, por Hércules, o Oceano poderá absorver ao mesmo tempo coisas tantas e diversas.” Tu julgas que Cícero possa ser resgatado deste homem iracundo?

Aurélio Fusco Pai: Corra-se de armas a armas; vencedor fora, em casa somos trucidados, em nossa casa um inimigo interno pesa sobre nosso sangue; quem não julga isto, com a situação do povo romano, que Cícero é forçado a viver? Implorarás, Cícero, torpemente a Antônio em vão. Não um túmulo desconhecido te ocultará, o mesmo também não é o fim da tua virtude. A memória é a guardiã das obras humanas, pela qual a vida faz-se perpétua a grandes homens; ela te oferecerá como sagrado a todas as eras; 6. nada morrerá além do corpo, que cai em fragilidade, sujeito a doenças, exposto aos fados, objeto das proscricções; a alma tirada de uma origem divina, para a qual não há nem alguma velhice nem a morte, solta dos pesados grilhões do corpo recorrerá até seus assentos e aos conhecidos astros. E ainda, se nos voltarmos à idade e ao número de anos nunca observado pelos homens bravos, passaste os

sessenta, não podes não parecer que viveste excessivamente porque morres tendo sobrevivido à Cidade. Vimos os desvarios das armas civis em todo o mundo e, depois das batalhas itálicas e farsálicas, o Egito derramou sangue romano. Por que nos indignamos ser permitido a Antônio fazer contra Cícero o que se permitiu a um eunuco alexandrino fazer contra Pompeio? Assim são mortos aqueles que buscam refúgio junto aos indignos.

7. Cornélio Hispano: Foi proscrito aquele que seguiu a tua sentença. Toda a lista é prelúdio para a tua morte. Um permite que o irmão seja proscrito; o outro, o tio: que esperança tens? Tantos parricídios foram feitos que Cícero perecerá. Vamos, repassa todas as defesas, todas as clientelas e o maior dos teus benefícios, o próprio consulado: agora entendes que Cícero pode ser obrigado aceitar a morte, não a implorá-la.

Argentário: Mostram-se os delicados banquetes da realeza, e a abundância provida com o tributo dos povos; ele mesmo, estragado pelo vinho e pelo sono, lava os olhos deficientes até as cabeças dos proscritos. Agora por estas coisas não é suficiente dizer: “homem sem valor!”

8. Divisão: Latrão dividiu esta suasória assim: ainda que possas conseguir de Antônio a vida, não vale a pena implorar, daí: não podes vencer. No início colocou naquela parte que é torpe para qualquer romano, quanto mais a Cícero, implorar pela vida; neste lugar colocou exemplos de homens que se apoderavam de sua própria morte antecipadamente. Depois a vida será vil e mais pesada que a morte, uma vez que a liberdade tenha sido arrancada. Aqui descreveu toda a acerbidade da futura servidão. Depois: não haverá benefício da confiança alcançada. Aqui depois de ter dito: “haverá algo que ofenda Antônio, ou uma ação tua ou um dito, ou o silêncio ou uma expressão”, adicionou a sentença: ... agradecerás.

9. Albúcio dividiu de outra forma. A primeira parte fez: Cícero deve morrer, mesmo que ninguém assim proscruva. Aqui houve uma invectiva contra os tempos. Em seguida: ele deve morrer por sua própria vontade, porque deveria morrer mesmo que não quisesse morrer;

houve graves causas para o ódio; o próprio Cícero foi a maior causa da proscrição. E ele apenas dos declamadores tentou dizer que Antônio não era o único inimigo dele. Neste lugar, disse aquela sentença: “se para algum dos triúnviros não és odioso, és um peso”, e aquela sentença, que foi muito citada: “pede, Cícero, abrande um, para que sirvas a três”.

10. Céstio assim dividiu: Para ti, morrer é útil, honesto, necessário, para que livre e com dignidade íntegra consumas a vida. Aqui disse aquela sentença audaz: “que sejas cantado com Catão, quem não pode ser escravo mesmo antes de Antônio ser senhor”. Marcelo fez melhor ideia sobre Catão: foram tão mudadas todas as coisas da sorte do povo romano que alguém delibere se é melhor viver com Antônio ou morrer com Catão?

Mas voltemos à divisão de Céstio. Disse que é útil de modo que não padecesse também da tortura do corpo: ele não morreria de modo simples se caísse nas mãos de Antônio. Nesta parte, depois de ter descrito as ofensas dos que insultavam a Cícero, tantos os açoites quanto os tormentos, disse aquela sentença muito louvada: “tu, por Hércules, Cícero, quando vieres a Antônio, pedirás a morte”.

11. Vário Gemino assim dividiu: “exortar-te-ia, se agora uma ou outra coisa de qualquer maneira devesse fazer, ou morrer, ou implorar, de modo que antes prefiro que morras do que que implores”; e ele abarcou todas as coisas que tinham sido ditas pelos demais, mas adicionou ainda um terceiro: exortou-o a fugir: lá está M. Bruto, lá C. Cássio, lá Sex. Pompeio. E adicionou aquela sentença que Cássio Severo unicamente admirava: por que desanimamos? Também a cidade tem seus triúnviros. Em seguida percorreu também as regiões que poderia buscar: disse que Sicília tinha sido vingada por ele, a Cilícia administrada pelo egrégio procônsul, tanto a Achaia quanto a Ásia familiares aos estudos dele; o reino de Deiotaro obrigado pelos favores, o Egito tinha a memória dos favores e fazia a penitência da perfídia. Mas maximamente exortou à Ásia e à Macedônia ao acampamento de Cássio e de

Bruto. E assim Cássio Severo dizia que os outros tinham declamado que Vário Gemino havia dado um vívido conselho.

12. Poucos declamaram o outro lado. Quase ninguém ousou exortar Cícero a depreciar Antônio; bem julgaram sobre o espírito de Cícero. Gemino Vário declamou também o outro lado e disse: espero que eu persuade meu Cícero de modo que ele queria viver. Porque ele fala coisas elevadas e diz: “a morte não é prematura ao consular, nem triste ao sábio”, não me move: produz um ignorante; eu conheci muito bem o caráter do homem: ele fará, ele rogará. Pois o que pertence à servidão, ele não recusará; já tem o colo moído; tanto Pompeio quanto César o castigaram: vedes uma experiente propriedade. E disse muitíssimas outras chocarrarias, como era seu costume.

13. De tal modo dividiu que dissesse que ele haveria de implorar não torpemente, não de modo frustrado. Na primeira parte colocou aquele ponto: não é torpe que um cidadão vencido implore ao vencedor. Aqui, quantos não tinham implorado a C. César, e também a Ligário⁵⁶. Depois: certamente não era injusto que Cícero saudasse as dívidas, quem primeiro o havia proscrito, quem o julgasse inimigo. Depois: não haveria de implorar pela vida, mas pela Cidade, mas para si: viveu o bastante para si, mas pouco para a Cidade. Na seguinte parte disse que os inimigos costumam receber rogos: ele próprio recebeu rogos de Vaticínio. Mais facilmente pode implorar a Antônio, que embora esteja com os três, não admitiria que algum dos três roubasse tão especiosa ocasião de clemência. Talvez Antônio esteja irado com ele, que o julgava certamente não tão digno de implorar. 14. Enquanto descrevia quantos perigos havia na fuga, adicionou que a qualquer lugar que viesse ele deveria ser escravo: deveria equiparar ou a violência de Cássio, ou a soberba de Bruto, ou a estupidez de Pompeio.

Já que chegamos a esta suasória, não julgo ser impróprio indicar o modo pelo qual cada um dos historiadores dirigiu-se à memória de Cícero. Pois ninguém duvida que Cícero

⁵⁶ Quinto Ligário, soldado romano que, sendo acusado de traição contra César na campanha da África, foi defendido por Cícero e absolvido.

não tenha sido tão covarde que implorasse a Antônio, nem tão tolo a ponto de esperar que ele pudesse ser abrandado, exceto Asínio Polião, que permaneceu extremamente avesso à fama de Cícero. E ele ainda deu aos escolastas ocasião de outra suasória; de fato os escolastas costumam declamar: Cícero delibera se deve queimar seus discursos, uma vez que Antônio promete a sua salvação. Esta pode ser ineptamente falsa a qualquer um. 15. Polião quer que ela pareça verdadeira; e assim, pois disse nessa oração pró Lâmia que publicou. Asínio Polião: e assim nunca houve hesitação por parte de Cícero que não quisesse que as suas orações contra Antônio se espalhassem; ele se oferecia a produzir muitas vezes mais discursos contrários a eles com mais apreciação e até ele próprio os recitaria abertamente em público; e adicionara a estas outras coisas muito mais sórdidas, de modo que tornasse fácil que tudo isso seja falso de tal modo que nem o próprio Polião ousou colocar em suas histórias. De fato, aqueles que presenciaram esta ação dele a favor de Lâmia negam que ele tenha dito estas coisas – pois não se atrevia a mentir sob a ciência dos triúnviros – mas as teria composto posteriormente.

16. No entanto, não vos quero entristecer porque passo dos declamadores aos historiadores: farei o suficiente a vós. Mas talvez eu faça com que vós retrocedais a estas sólidas sentenças lidas e não possuídes a dureza dos escolastas; e, porque não conseguirei seguir isto diretamente, serei obrigado a vos enganar, assim como aquele que dará um remédio para crianças. Peguem seus copos.

Tito Lívio não só não diz que Cícero planejou as retratações que até negou que tivesse tempo; pois assim diz: 17. Tito Lívio: M. Cícero deixara a cidade sob a advento dos triúnviros, tendo como certo, que ele não podia ser resgatado de Antônio tanto quanto Cássio e Bruto de César; primeiro fugira pra Túsculo⁵⁷, daí para Formiano; por caminhos escusos vai como quem vai pegar um navio de Caieta⁵⁸. Donde algumas vezes ao alto mar embora, às vezes, os

⁵⁷ Cidade romana, hoje arruinada, na região do Lácio.

⁵⁸ Porto a sudeste de Roma, onde, crê-se, Cícero tinha posses.

ventos adversos jogam-no de volta, às vezes, ele mesmo não podia suportar o abalo da nave quando a onda cega retornava; enfim o tédio da fuga e da vida o pegou, e tendo voltado à morada referida acima, que estava a um pouco mais de mil passos do mar, disse “morrerei na pátria tantas vezes salva por mim”. Sabe-se bem que os servos estavam bravamente e fielmente preparados para lutar; conclui que ele mesmo teria ordenado que soltassem a liteira e sofressem quietos porque a sorte era iníqua. Saindo da liteira e mostrando a cerviz imóvel, a cabeça foi cortada. Isso não foi o bastante para a estúpida crueldade dos militares: cortaram também as mãos, maldizendo-as por terem escrito algo contra Antônio. Assim, a cabeça foi levada novamente até Antônio e, por suas ordens, colocada entre as duas mãos no rosto, onde aquele, como cônsul, onde, frequentemente, como consular, onde, naquele mesmo ano, ele foi ouvido contra Antônio com admiração pela eloquência como nenhuma voz humana em tempo algum. Com dificuldade os cidadãos podiam, levantando os olhos húmidos de lágrima, contemplar os membros mutilados.

18. Aufídio Bassão também não duvidou do espírito de Cícero; em verdade, que ele não só havia se oferecido à morte, mas também se exposto a ela. Aufídio Bassão. Cícero, ao afastar um pouco a cortina, viu em seguida os homens armados: “eu, de certo, fico aqui”, ele diz, “vem, veterano, e, se podes ao menos podes fazer isto certo, acerta o pescoço”. A seguir àquele que treme e hesita diz: “e se tivestes vindo a mim primeiro?”

19. Cremutião Cordão também disse que Cícero pensou consigo mesmo se seguiria Bruto, Cássio ou Sexto Pompeio. A ele tudo desagradou a não ser a morte. Cremutião Cordão. Após ver que Antônio estava feliz, quando tinha dito que sua proscrição estava terminada, porque estava não só saciado de imolar cidadãos, mas também atulhado, expôs [Cícero] sobre a rostra. E assim, no lugar ao qual ele tinha ido com muita frequência, cercado por uma turba ingente, a qual, pouco antes, ele cultivara com discursos pios, pelos quais salvara as cabeças de muitos, então elevado de outro modo por seus membros, foi olhado por seus cidadãos, com

sangue corrupto espalhado pela sua boca e cabeça pendurada. Pouco antes fora líder do senado e honra do nome romano, depois uma recompensa de seu assassino. Contudo o que principalmente dissolveu os peitos de todos em lágrimas e gemidos foi a visão da mão direita, ministra da eloquência divina, ligada á cabeça dele. Os assassinatos dos demais provocaram lutos privados; aquele único, público.

20. Brutedio Nigrão. Enquanto isso, fugido da outra parte da vila, Cícero era trazido através dos campos em uma cadeirinha; mas, como viu aproximar-se de si um soldado conhecido, chamado Pompílio, olhou lembrado , com uma expressão mais feliz, da defesa [que fez de tal soldado]. Entretanto aquele, que levará em conto os vencedores, toma a iniciativa de fazer essa mesma ação, e leva a cabeça cortada, daquele que nada fez em seu último momento de vida que pudesse ser censurado em qualquer outra parte da mesma, a Antônio. O soldado esqueceu que havia sido defendido por ele pouco antes. E este quis descrever a face miserável da cabeça colocada na rostra, mas foi impedido pela magnitude da tarefa. 21. Brutedio Nigrão. Como, de fato, pelo ordem de Antônio a cabeça foi vista colocada entre as duas mãos na rostra, no lugar em que tantas vezes fora ouvida, ao maior dos homens as oferendas fúnebres foram dadas em meio ao gemido e ao choro. A massa não ouviu, como de costume, a vida do corpo colocado na rostra, mas ela própria a narrou. Todas as partes tinha sido marcada por algum vestígio de uma famosa ação. Todos confessavam algum benefício que tinham feito por ele; certamente este benefício público era claro: aquela servidão daquele pior dos tempos difundida de Catilina até Antônio.

Em qualquer lugar que a morte de algum grande homem foi narrada por historiadores, ordinariamente é redigido um resumo de toda a vida e quase sempre o elogio fúnebre. Isto foi feito uma ou mais vezes por Tucídides⁵⁹, o mesmo usado por Salústio⁶⁰ em pouquíssimas pessoas. O generoso Tito Lívio mostrou isso em todos os grandes homens. Os historiadores

⁵⁹ Historiador grego, c. 460 - 395a.e.c., narrou a *História da Guerra do Peloponeso*.

⁶⁰ Historiador romano, 86 – 34 a.e.c. escreveu, dentre outras obras, *A conjuração de Catilina*.

seguintes o fizeram de modo muito efuso. Lívio redigiu a Cícero, para que se use a palavra grega, epitáfio. 22. T. Lívio. Viveu sessenta e três anos, de modo que, se queres não ser inconveniente, a morte não possa ser vista como prematura. O engenho foi feliz tanto nas obras quanto nos prêmios das obras, o próprio por muito tempo gozou da sorte próspera. Mas durante longo tempo de felicidade, ele foi ferido, nesse ínterim, pelas grandes chagas, pelo exílio, pela ruína das partes pelas quais ele apoiara, pela morte da filha, pelo fim tão triste e cruel. Assim como era digno ao homem, nada levou de todos os adversários senão a morte, que, em verdade, pôde parecer menos indigna àquele que a avaliar, porque ele sofreu de um inimigo vencedor nada mais cruel que aquilo que ele mesmo teria feito gozando da mesma sorte. No entanto, se alguém pesasse suas virtudes com os seus vícios, ele foi um grande e memorável homem e para executar seus louvores o trabalho precisaria de um Cícero como louvador. Como Tito Lívio⁶¹ é naturalmente o mais puro apreciador de todos os grande engenhos relatou o mais completo testemunho de Cícero.

23. Não vale o esforço referir o louvor de Cícero reportado por Cremúcio Cordão. De fato, nada nela é digno de Cícero, e nem mesmo isto, que por pouco é o mais tolerável. Cremúcio Cordão. “Julgava que desavenças privadas devem, de fato, ser colocadas de lado eventualmente, as públicas nunca devem ser exercidas pela força; um cidadão notável não só pela magnitude das virtudes, mas também pela quantidade”.

Aufídio Bassão. Assim morreu M. Cícero, homem nascido para a salvação da cidade, que por muito tempo defendida e administrada finalmente escorrega, na velhice, das mãos dele, ferida por este vício dele, porque nada agradou a Antônio para a salvação dele além que algo faltasse a ele. Viveu sessenta e três anos, de tal modo que ou atacava o outro ou, sucessivamente, era atacado; nada era mais raro do que um dia em que viu que a morte dele interessava a ninguém.

⁶¹ Idem, 59 a.e.c. – 17 d.C. Sua principal obra é a *História a partir da fundação de Roma*.

24. Também Asínio Polião, que lembrou Verres, réu de Cícero, morrendo bravamente, de todos é o único que narra a morte de Cícero de modo maligno, embora ainda que relutante trouxe a ele testemunho pleno. Asínio Polião. Todas e tantas obras deste homem permanecerão para todo o sempre e é inútil falar sobre o engenho e a indústria. A natureza e a sorte se compraziam igualmente com ele, já que a beleza da face e a boa saúde permaneceram com ele até a velhice. Então a paz duradoura, nas artes da qual tinha sido instruído, o tocou. Com efeito, a maior multidão dos maus cidadãos foi até o antigo rigor para os julgamentos precisos, muitos desses cidadãos ele tinha presos e incólumes pelo patrocínio. Ele teve a sorte mais feliz de buscar e conseguir o consulado, graças ao grande favor divino, sua sabedoria e indústria. Oxalá ele tivesse podido suportar as ocasiões favoráveis mais moderadamente e as adversas mais bravamente! Pois quando ambas chegaram a ele, não julgava que elas podiam mudar. Daí pesadas tempestades de invejas nascidas contra ele e uma confiança mais segura acrescida aos inimigos; pois ele mostrava brigas com mais ânimo do que as sustentava. Mas nunca a virtude perfeita recaiu sobre nenhum dos mortais; fica na maior parte da vida e do engenho o que deve ser julgado a respeito de um homem. Mas eu mesmo não julgaria que ele tivera um fim digno de ser lamentado, a não ser por ele próprio ter julgado que a morte foi tão lamentável. 25. Posso vos afirmar que não há nada mais disserto nas histórias dele do que o que eu lembrei neste lugar, de modo que, para mim, parece não só ter elogiado Cícero, mas rivalizado com Cícero. Não digo isto para afastar-vos nem para que não desejais ler as histórias dele; desejai e pagareis as penas de Cícero.

Entretanto, ninguém de todos os homens mais disertos lamentou melhor a morte de Cícero que Cornélio Severo⁶².

26. Cornélio Severo.

As bocas dos homens magnânimos, quase ainda respirando,

jazeram em sua própria rostra; mas de fato tudo sumiu,

⁶² Poeta da era de Augusto, o que se tem dele, está aqui reproduzido.

apenas porque a imagem de Cícero esquartejado apareceu.

Então relembram nas almas os grandes feitos do cônsul
e o bando da conspiração e a descoberta aliança da perniciosidade
e o crime extinto dos patrícios; o castigo de Cetego
e lembrou Catilina derrubado por seus votos nefandos.

Por que favor ou multidão, por que serviu às honras
do ano cheio? Por que a idade cultivada pelas artes sagradas?

Um único dia levou a glória da época, e tocada pelo luto
a facúndia da língua lácia emudeceu triste.

Uma vez a única salvação e tutela aos abalados,
sempre egrégio líder da pátria, aquele vencedor
do senado, do fórum, das leis, do ritual, da toga;
voz pública silenciada eternamente por armas crueis.

Rostos desformes, cabelos brancos espalhado em sangue
nefando, mãos sagradas e feitoras de tantas obras
tudo isso lançado o cidadão esmagou com pés soberbos
ovacionando-se, sem ter atentado aos destinos enganosos
e aos deuses. Antônio nunca remirá isto.

A doce vitória não fez isto nem contra o Persa Ematio
nem contigo, o cruel Sifas, ou com o inimigo Filipo.

E quando Jugurta triunfou, esvaíram-se todos os gracejos,
e quando o feroz Hanibal caiu em nossa ira
levou os membros inviolados até as sombras estíguas.

27. Não privarei nosso concidadão de um bom verso, do qual veio este muito melhor de Cornélio Severo:

a facúndia da língua lácia emudeceu triste.

Sextílio Enão foi um homem mais engenhoso do que erudito, um poeta inigualável e em algumas passagens bem como Cícero diz que são os poetas Cordubenses, com um tom um pouco cheio e estrangeiro. Ele, prestes a recitar esta mesma proscricção, na casa de Messala Corvino, chamara Asínio Polião e no início recitou este verso não sem aprovação:

Cícero deve ser lamentado e o silêncio da língua lácia.

Asínio Polião não recebeu isto com o mesmo ânimo e disse: “Messala, tu escolhes por ti mesmo o que acontece em tua casa; eu não vou ouvir isso, de quem me julga burro”, e assim levantou. Sei que Cornélio Severo também estava na recitação de Enão, a quem é evidente que não desprezou este verso tanto quanto Polião, porque ele próprio compôs um melhor, mas não diferente daquele.

Se eu paro por aqui, sei o que vai acontecer, que vós parareis de ler no lugar em que eu abandonar os escolares. Logo, para que queirais desenrolar o livro até o fim, adicionarei uma suasória semelhante à última.

7. Cícero delibera se queima seus escritos ou não, uma vez que Antônio promete a incolumidade se o fizer.

Esta suasória pauta-se na mesma ocasião que a anterior, explorando, no entanto, outro elemento do episódio. Os discursos em questão seriam, mais especificamente, as *Filípicas*, compostas para atacar Antônio, aludindo, em seu título, aos discursos de Demóstenes que tentaram convencer os atenienses da ameaça de Felipe da Macedônia.

1 Quinto Hatério. Não suportarás Antônio. A felicidade é intolerável em um mau engenho e nada provoca mais os avaros que a consciência da torpitude próspera. É difícil. Não suportarás, repito, e desejarás incitar novamente o inimigo à tua morte. No que concerne a mim, estou longe de Cícero; entretanto não estou apenas cansado de minha vida, mas também envergonhado. Nem mesmo por causa disto tu amas teu engenho: porque Antônio o odeia mais do que a ti? Ele diz conceder a ti que vivas, após imaginar como roubar até mesmo o que viveras. O pacto de Antônio é mais cruel que a proscrição. Havia o engenho contra o qual as armas triunvirais não tinham jurisdição. Antônio imaginou como, o que não pudera ser proscrito com Cícero, pudesse ser proscrito de Cícero. Eu te exortaria, Cícero, para que estimasses algo grande à vida se a liberdade tivesse o seu lugar na cidade, se a eloquência tivesse o seu na liberdade, se não se brincasse com a espada nas cervizes civis. Agora, para que saibas que nada é melhor que morrer, Antônio promete a vida a ti. Pende a tábula da nefasta proscrição; tantos pretores, tantos cônsules, tantos homens de ordem equestre morreram; não resta nenhum a não ser aqueles que possam ser escravos. Não sei se queres viver neste tempo, Cícero; não há ninguém com quem o queiras. Por Hércules! com razão viveste naquele tempo no qual César te pediu que vivesses sem nenhum pacto; no qual certamente a cidade não estava em pé, mas havia caído no colo de um bom príncipe.

2 Cesto Pio. Porventura a opinião me enganou? Antônio entendeu que, salvos os monumentos da eloquência, Cícero não pode morrer. És chamado para um pacto, pelo qual antes de ti é requerida a melhor parte de ti. Empréstame, por um instante, tua eloquência; rogo a Cícero, que está prestes a morrer. Se César e Pompeio te tivessem ouvido, nem teriam entrado na torpe sociedade, nem a teriam desmanchado; se tivessem querido usar do teu conselho, nem Pompeio teria dado suporte a César, nem César teria ultrajado Pompeio. Por que referirei o consulado benfazejo à cidade; por que exílio mais honesto que o consulado;

por que o poder de Sula, provocado pela liberdade do teu tirocínio, entre os inícios da tua juventude; por que Antônio, arrancado de Catilina, devolvido à cidade? Perdoa, Cícero, se eu tiver narrado essas coisas por muito tempo; talvez sejam ouvidas neste dia pela última vez. 3 Se Cícero morrer, jazerá entre Pompeio pai e filho, Afrânio⁶³, Petreio, Q. Cátulo⁶⁴, Marco Antônio, aquele indigno deste sucessor da sua raça; se se tornar escravo, viverá entre Ventídios⁶⁵, Canídios⁶⁶ e Saxas; assim resta dúvida se é melhor jazer com aqueles ou viver com estes? Pactuas em favor de um único homem às custas das coisas públicas. Sei que todo preço que ele instituiu é iníquo; não compro a vida de Cícero por tanto quanto a vende Antônio. Se te oferecesse este pacto: viverás, mas os olhos te serão arrancados; viverás, mas os pés serão debilitados; mesmo que pudesses suportar outros danos do corpo, terias excetuado todavia a língua. Onde está aquela tua sagrada oração: “de fato morrer é o fim da natureza, não uma punição”? É apenas para ti que isto não está claro? Mas pareces ter persuadido Antônio. Antes apegate à liberdade e adicione um único crime ao inimigo: morrendo, faz Antônio mais culpado.

4 Públio Asprenato. Que Antônio poupe Cícero, Cícero ele mesmo censurará sua eloquência? O que, no entanto, promete-se a ti sob esse pacto? Restituam-se Cn. Pompeio, M. Catão e aquele antigo senado da cidade, a quem Cícero, tão digno, falaria? O desprezo da pusilanimidade oprimiu muitos que hão de viver por preço caro a própria admiração pelo ânimo preparado para perecer resgatou os muitos que estavam prestes a perecer e a causa de viver para eles foi morrer bravamente. Permite ao povo romano dar um lance contra Antônio. Se queimares os escritos, Antônio promete a ti poucos anos: mas, se não queimares, o povo romano promete todos os anos.

⁶³ Lúcio Afrânio, cônsul em 60 a.e.c.

⁶⁴ Quinto Lutácio Catulo, cônsul em 78 a.e.c.

⁶⁵ Públio Ventídio Baço, general e protegido de César.

⁶⁶ Públio Canídio Crasso, general de Antônio; foi cônsul interino em 30 a.e.c.

5 Pompeio Silão. Quanto é para nós perder a eloquência de Cícero, e seguir a fidedignidade de Antônio? Tu chamas isso de misericórdia, o suplício tirado do engenho de Cícero? Confiemos em Antônio, Cícero, se os usurários fizeram bem em emprestar dinheiro a ele, se Cássio e Bruto fizeram bem em confiar a paz a ele. A um homem que ensandece tanto pelo vício da natureza quanto pela permissividade dos tempos, que se regozija com o sangue civil entre amores teatrais; a um homem que penhorou a cidade para os seus credores, cuja gula não puderam satisfazer os bens de dois príncipes, César e Pompeio! Usarei, Cícero, de tuas palavras: “para quem é cara a salvação que Antônio pode dar ou retirar?”. De nada vale preservar-se Cícero para que, conservado, eu deva a Antônio.

6 Triário. Outrora o povo romano foi compelido a tal necessidade que nada tivesse além de Júpiter, sitiado, e Camilo, exilado; todavia, nenhuma obra coube a Camilo maior que ter julgado indigno os homens romanos dever a salvação a um pacto. Ó que vida pesarosa, mesmo que fosse dada sem preço! Antônio, julgado um inimigo pela cidade, agora julga a cidade uma inimiga. Lépidio, para que ninguém pense que ele, sempre acessório da demência alheia, escravo de ambos os colegas, desagradou a Antônio, é o nosso senhor.

7 Argentário. Em nada se deve confiar em Antônio. Minto? De fato, o que não pode esse que pode matar Cícero, que não pode salvá-lo senão mais cruelmente do que o mata? Tu supões que a ti perdoa aquele que se enraivece com o teu engenho? Tu esperas a vida deste que ainda não se esqueceu de tuas palavras? Que o corpo, que é frágil e caduco, seja conservado, o engenho, que é eterno, pereça? 8 Eu me admiraria se a morte fosse mais cruel que o perdão de Antônio. Uma corajosa morte recolocou P. Cipião⁶⁷, que havia decaído em relação aos seus antepassados, no grupo dos Cipiões. Poupa-te da morte, para que pereça

⁶⁷ Públio Cornélio Cipião Africano, general que venceu Aníbal na segunda guerra púnica.

aquilo só que apenas em ti é imortal. Qual é o pacto? Retira-se o engenho de Cícero sem retirar a vida; prometem-se uns poucos anos de escravidão em troca do esquecimento do teu nome. Aquele não quer que tu vivas, mas fazer com que sobrevivas ao teu engenho; vive – para que Cícero ouça Lépido, Cícero ouça Antônio, ninguém a Cícero. Poderás tolerar que aquilo que Cícero tem de melhor antes esvaeça-se dele mesmo? Deixa então que o teu engenho dure além de ti, como a perpétua proscricção de Antônio.

Aurélio Fusco, o Pai. Tanto quanto o gênero humano permanecer incólume, tanto as letras terão sua honra; a eloquência, seu prêmio; tanto da cidade ou permanecerá a sorte ou durará a memória, o teu engenho vigorará admirável aos pósteros, e, proscrito em um único século, proscreverá Antônio por todos. Acredita em mim; é a mais vil a parte de ti que pode ou ser roubada ou ser tomada de ti, o verdadeiro Cícero é aquele que Antônio não pensa que possa ser proscrito a não ser por Cícero. 9 Ele não te poupa da proscricção, mas deseja suprimir a sua. Se Antônio trair a confiança, morrerás; se a mantiver, serás escravo. Quanto a mim, prefiro que ele engane. Por ti, M. Túlio, por sessenta e quatro anos belamente vividos, pelo consulado salutar à cidade, pela eterna, se permitires, memória de teu engenho, pela cidade, que, para que não julgues deixar a ele algo querido, pereceu antes de ti, peço e suplico que não morras, sabendo como não queres morrer.

10 Não conheço ninguém que tenha declamado a outra parte desta suasória; todos foram atentos aos livros de Cícero, ninguém a ele próprio, embora aquela parte de tal modo não seja má que Cícero, se esta condição tivesse sido oferecida a ele, não haveria de deliberar sobre ela. Assim, ninguém declamou esta suasória de modo mais eficaz que Silão Pompeio; em verdade, não se lançou àquelas coisas espetaculares às quais se lançou Céstio, que disse que este suplício era mais pesaroso que a morte, e que por isso Antônio o escolhia; a vida é breve para o homem, muito mais para o velho; e assim devia-se deliberar sobre a memória,

que prometia a eternidade aos grandes homens, a vida não devia ser comprada por qualquer o preço. Aqui, as condições eram intoleráveis. Nada era tão intolerável quanto ele mesmo queimar os monumentos de seu engenho. Faria uma injúria ao povo romano aquele, cuja língua ele próprio havia preparado para isto: que excedesse os estudos da insolente Grécia tanto pela eloquência quanto pela sorte; faria uma injúria ao gênero humano. Ele se arrependeria de ter comprado tão caro o sopro da vida, já que teria tido de envelhecer na servidão e de usar a eloquência apenas para isto: para louvar Antônio. Negociava-se mal com ele: dava-se a vida, roubava-se o engenho.

11 Silão Pompeio de tal modo procedeu que dizia que Antônio não pactuava, mas brincava; aquela não era uma condição, mas um insulto; pois, tendo queimado os livros, não obstante o mataria; Antônio não era tão estúpido que pensasse que importava ao caso os livros ser queimados por Cícero, cujos escritos eram celebrados por todo o mundo, nem pedia isto, que ele mesmo podia fazer, a não ser, por acaso, o direito sobre os escritos de Cícero não coubesse àquele a que não cabia o direito sobre Cícero; não buscava nada além de que aquele Cícero, após ter falado bravamente muitas coisas sobre o desprezo da morte, morresse perdido em torpes condições. Antônio não prometia a vida com condição, mas procurava a morte sob infâmia. Assim, aquilo pelo qual haveria de sofrer depois torpemente, agora deve sofrer bravamente.

E esta suasória(...)foi insigne. De fato, ele disse uma sentença no mais baixo e sórdido gênero de afetação, que faz sentido pela subtração ou adição de uma sílaba: “Que feito indigno! Então, perecerá o que Cícero escreveu, permanecerá o que Antônio proscreeveu?”.

12 Surdino, um jovem engenhoso, pelo qual peças gregas foram vertidas elegantemente ao latim, declamava esta suasória junto ao rétor Céstio Pio. Ele costumava dizer sentenças doces, embora mais frequentemente doces demais e requebradas. Nesta suasória, embora tivesse abraçado um juramento com belas ideias, adicionou: “assim te lerei”.

Céstio, homem muito sagaz, fingiu que não ouvira, para que censurasse o jovem pelo ornato quase indecente: “O que disseste? O quê? Assim eu te desfrutarei?” No entanto, Céstio não era admirador de nenhum engenho sequer, hostil até a Cícero. 13 Pois, quando Marco Túlio, filho de Cícero, obtivesse a Ásia, homem que nada teve do engenho paterno a não ser a urbanidade, Céstio jantava na casa dele. A M. Túlio tanto a natureza arrebatara a memória, quanto a embriaguez, se algo dela houvesse sobrado, levava embora; interrogava constantemente como era chamado aquele que se recostava no assento inferior, e, como frequentemente o nome de Céstio, fornecido a ele, tivesse-lhe escapado, por fim um escravo, a fim de que outro promenor fizesse a memória dele mais segura, ao senhor, que perguntava quem era aquele que se recostava no assento inferior, disse: “este é Céstio, que negava que o seu pai tivesse tido conhecimento das letras”; ordenou que trouxessem açoites rapidamente e vingou Cícero, como convinha, às custas do couro de Céstio.

14 No entanto, ele era altercador mesmo quando a piedade não o exigia. Ao filho de Hybreas, homem muito douto, quando debatia mal uma causa junto ao pai, disse: “nós somos mais que os nossos pais?” E, como em certa postulação Hybreas dissesse uma passagem inteira do pai dele literalmente, com todos reconhecendo-a, Marco disse: “vai, não achas que eu aprendi a de meu pai: 'até quando, Catilina, abusarás de nossa paciência?' ”.

Gargônio, amabilíssimo com os tolos, disse nesta suasória as duas coisas mais estúpidas que ele mesmo algum dia dissera. Uma, no princípio; pois, como tivesse começado segundo o costume muito comum entre os escolásticos, com um juramento, disse, de modo que se inchasse tanto quanto pudesse: “assim como ou Cícero inteiro viverá ou inteiro morrerá, assim também eu não destruirei, por pacto nenhum, aquilo que tiver dito hoje a favor do engenho de Cícero”. A outra coisa ele disse quando referia exemplos daqueles que morreram bravamente: “Juba e Petreio concorreram em suas chagas mútuas e emprestaram as mortes”.

5. Bibliografia.

6.1.) Antiga.

-*Rhétoric à Herennius*. Texte établi et traduit par Guy Achard. Paris: Les Belles Lettres, 1989.

ARISTOTE. *Art Rhétorique et Art Poétique*. Traduction nouvelle avec texte, introductions et notes par Jean Vouilquin et Jean Capelle. Paris: Librairie Garnier Frères, 1944.

CICERO. *De Oratore*. Tranlated by Edward William. Cambridge: Harvard University Press, 1958. 2 v.

- . *Brutus; Orator*. Translated by G. L. Hendrickson and H. M. Hubbel. London, Heninemann, 1988.
- MENANDRO EL RÉTOR. *Dos Tratados de Retórica Epidíctica*. Madrid: Editorial Gredos, 1996.
- QUINTILIANUS. *Declamationes*. Recensuit Constantinus Ritter. Leipzig: Teubner, 1965.
- QUINTILIEN. *Institution Oratoire*. Texte établi et traduit par Jean Cousin. Paris: Les Belles Lettres, 1976-1980. 7 vol.
- SUETONIUS. *De Grammaticis et Rhetoribus*. Harvard Unit Press, 1984.
- THE ELDER SENECA. *Declamations*. Translated by M. Winterbottom. London: Heinemann, 1974. 2 v.
- 6.2.) Moderna.
- CLARK, Donald Lemen. *Rhetoric in Greco-Roman Education*. Nova York: Columbia University Press, 1957.
- CLARKE, M. L. *The Thesis in the Roman Rhetorical Schools of the Republic*. The Classical Quarterly, New Series, Vol. 1, No. ¾., pp. 159-166.
- COLE, Thomas. *The origins of Rhetoric in Ancient Greece*. Baltimore & London The John Hopkins University Press, 1991.

EDWARD, William. *Seneca the Elder: Suasoriae*. Bristol: Bristol Classical Press, 1928.

FAIRWEATHER, Janet. *SENECA THE ELDER*. Cambridge: Cambridge University Press, 1981.

- *The Elder Seneca and Declamation*. ANRW. Berlin, II, v. 32, .1, p. 515-56, 1984.

FRYDMAN, Pablo Schwartz. *Estratégias da Tradição: Cícero nas Declamationes de Sêneca, o retor, e no Dialogus de Oratoribus de Tácito*. USP: Tese de Doutorado, 2004.

KENNEDY, George A. *A New History of Classical Rhetoric*. Princeton: Princeton University Press, 1994.

_____. *The Art of Persuasion in Greece*. Cambridge, Cambridge University Press, 1963.

_____. *The art of Rhetoric in the Roman World*. Princeton: Princeton University Press, 1972.

MARROU, Henri-Irenée. *Historie de l'éducation dans l'antiquité*. Paris: Seuil, 1948.

MENDELSON, Michael. *Declamation, Context, and Controversiality*. Rhetoric Review, Vol. 13, No. 1., pp. 92.107.

MURPHY, James Jerome & KATULA, Richard A. & HILL, Forbes I. & OCHS, Donovan J. *A synoptic history of classical rhetoric*. New York: Lawrence Erlbaum Associates, 2003.

PERNOT, Laurent. *La Rhétorique de L'éloge dans le monde gréco-romain*. Paris, Institut d'Études Augustiniennes, 1993, tomo 1.

_____. *Rhetoric in Antiquity*. Translated by W. E. Higgins. Washington D. C.: The Catholic University of America Press, 2005.

POULAKOS, John. *Sophistical Rhetoric in Classical Greece*. Columbia: University of South Carolina Press, 1995.

SCHIAPPA, Edward. *The Beginnings of Rhetorical Theory in Classical Greece*. New Haven: Yale University Press, 1999.

SHENK, Robert. *The Ancient Rhetorical Suasoria versus the Modern Technical Case*. *Rhetoric Review*, Vol. 7, No 1., pp. 113-127.

SIMONDS, Thomans Stanley. *The Themes Treated by The Elder Seneca*. Baltimore: The Lord Baltimore Press, 1899.

SUSSMAN, Lewis A. *The Artistic Unity of the Elder's Seneca first Preface and the Controversiae as a Whole*. *AJPh*. Baltimore, v. 92, p. 285-291, 1971.

-. *The Elder Seneca and Declamation since 1900. A Bibliography*. *ANRW*. Berlin, II, v.32, 1, p. 557-577, 1984.

VÁRIOS. *The Greek Sophists*. Penguin Classics, 2003.

WILLIAMS, James Dale. *An Introduction to Classical Rhetoric: essential readings*. West Sussex: Wiley-Blackwell, 2009.

WINTERBOTTOM, Michael. *Roman Declamation*. Bristol: Bristol Classical Press, 1990.

5. Anexo

L. ANNAEI SENECAE MAIORIS SUASORIARUM LIBER (SVASORIARVM LIBER)

1. (Deliberat Alexander, an Oceanum naviget)

[1] . . . sinunt. cuicumque rei magnitudinem natura dederat, dedit et modum. nihil infinitum est nisi Oceanus. Aiunt fertiles in Oceano iacere terras ultraque Oceanum rursus alia litora, alium nasci orbem, nec usquam rerum naturam desinere sed semper inde, ubi desisse videatur novam exurgere. Facile ista finguntur, quia Oceanus navigari non potest. Satis sit hactenus Alexandro vicisse, qua mundo lucere satis est. Intra has terras caelum Hercules meruit. Stat immotum mare, quasi deficientis in suo fine naturae pigra moles; novae ac terribiles figurae, magna etiam Oceano portenta, quae profunda ista vastitas nutrit, confusa lux alta caligine et interceptus tenebris dies, ipsum vero grave et defixum mare et aut nulla aut ignota sidera. Ea est, Alexander, rerum natura: post omnia Oceanus, post Oceanum nihil.

[2] ARGENTARI. Resiste, orbis te tuus revocat; vicimus qua lucet. Nihil tantum est, quod ego Alexandri periculo petam.

POMPEI SILONIS. Venit ille dies, Alexander, exoptatus quo tibi opera desset; idem sunt termini et regni tui et mundi.

MOSCHI. Tempus est Alexandrum cum orbe et cum sole desinere. Quod noveram, vici; nunc concupisco quod nescio. Quae tam ferae gentes fuerunt, quae non Alexandrum posito genu adorarint? qui tam horridi montes, quorum non iuga victor miles calcaverit? Ultra Liberi patris trophaea constitimus. non quaerimus orbem sed amittimus. Immensum et humanae intemptatum experientiae pelagus, totius orbis vinculum terrarumque custodia, inagitata remigio vastitas, litora modo saeviente fluctu inquieta, modo fugiente deserta; taetra caligo fluctus premit, et nescio qui, quod humanis natura subduxit oculis, aeterna nox obruit.

MVSAE. Foeda beluarum magnitudo et immobile profundum. testatum est, Alexander, nihil ultra esse, quod vincas; revertere.

[3] ALBVCI SILI. Terrae quoque suum finem habent et ipsius mundi aliquis occasus est. nihil infinitum est. Modum magnitudini facere debes, quoniam Fortuna non facit. Magni pectoris est inter secunda moderatio. Eundem Fortuna victoriae tuae quem naturae finem facit: imperium tuum cludit Oceanus. O quantum magnitudo tua rerum quoque naturam supergressa est: Alexander orbi magnus est, Alexandro orbis angustus est. Aliquis etiam magnitudini modus est: non procedit ultra spatia sua caelum; maria intra terminos suos agitantur. Quidquid ad summum pervenit, incremento non reliquit locum. non magis quicquam ultra Alexandrum novimus quam ultra Oceanum.

MARVLLI. Maria sequimur, terras cui tradimus? orbem, quem non novi, quaero, quem vici, relinquo.

[4] FABIANI. Quid? ista toto pelago infusa caligo navigantem tibi videtur admittere, quae prospicientem quoque excludit? non haec India est nec ferarum terribilis ille conventus.

immanes propone beluas, aspice, quibus procellis (Oceanus) fluctibusque saeviat, quas ad litora undas agat. tantus ventorum concursus, tanta convulsi funditus maris insania est. nulla praesens navigantibus statio est, nihil salutare, nihil notum. rudis et imperfecta natura penitus recessit. ista maria ne illi quidem petierunt, qui fugiebant Alexandrum. sacrum quiddam terris natura circumfudit Oceanum. illi, qui iam siderum collegerunt meatus et annuas hiemis atque aestatis vices ad certam legem redegerunt, quibus nulla pars ignota mundi est, de Oceano tamen dubitant, utrumne terras velut vinculum circumfluat an in suum colligatur orbem et in hos per quos navigatur sinus quasi spiramenta quaedam magnitudinis exaestuet; ignem post se, cuius augmentum ipse sit, habeat an spiritum. quid agitis, commilitones? domitorem[que] generis humani, magnum Alexandrum, eo dimittitis, quod adhuc quid sit disputatur? memento, Alexander, matrem in orbe victo adhuc magis quam (pa)cato relinquis.

[5] Divisio. Aiebat CESTIVS hoc genus suasoriarum aliter declamandum, (cum magis adulandum) esset quam suadendum. non eodem modo in libera civitate dicendam sententiam quo apud reges, quibus etiam quae prosunt ita tamen, ut delectent, suadenda sunt. et inter reges ipsos esse discrimen: quosdam minus aut magis [us] veritatem pati; Alexandrum ex iis esse, quos superbissimos et supra mortalis animi modum inflatos accepimus. denique, ut alia dimittantur argumenta, ipsa suasoria insolentiam eius coarguit: orbis illum suus non capit. itaque nihil dicendum aiebat nisi cum summa veneratione regis, ne accideret idem quod praeceptori eius, amitino Aristotelis, accidit, quem occidit propter intempestive liberos sales. nam cum se (deum) vellet videri et vulneratus esset, viso sanguine eius philosophus mirari se dixerat, quod non esset *ijcwvr, oi|o~ pevr te rJev ei makavressi qeoi`sin*. ille se ab hac urbanitate lancea vindicavit.

Eleganter in C. Cassi epistula quadam ad M. Ciceronem missa positum: multum iocatur de stultitia Cn. Pompei adolescentis, qui in Hispania contraxit exercitum et ad Mundam acie victus est. deinde ait: 'nos quidem illum deridemus, sed timeo, ne ille nos gladio *ajntimukthrivsh/*.

[6] In omnibus regibus haec urbanitas extimescenda est. aiebat itaque apud Alexandrum esse dicendam sententiam, ut multa adulatione animus eius permulceretur, servandum tamen aliquem modum, ne non veneratio (videretur sed irrisio) et accideret tale aliquid, quale accidit Atheniensibus, cum publicae eorum blanditiae non tantum deprehensae sed castigatae sunt. nam cum Antonius vellet se Liberum patrem dici et hoc nomen statuis (suis) subscribi iuberet, habitu quoque et comitatu Liberum imitaretur, occurrerunt venienti ei Athenienses cum

coniugibus et liberis et DIONUSON salutaverunt. belle illis cesserat, si nasus Atticus ibi substitisset: dixerunt despondere ipsos in matrimonium illi Minervam suam et rogaverunt, ut duceret. Antonius ait ducturum sed dotis nomine imperare se illis mille talenta. tum ex Graeculis quidam ait: *κὺρῖε, ὀ Ζεὺς ἢ μῆτεβρα σου Σεμεβλὴν ἀ]προῖκον εἰλῆεν.* huic quidem impune fuit, sed Atheniensium sponsalia mille talentis aestimata sunt. quae cum exigenterentur, complures contumeliosi libelli proponebantur, quidam etiam ipsi Antonio tradebantur, sicut ille, qui subscriptus statuae eius fuit, cum eodem tempore et Octaviam uxorem haberet et Cleopatram: *ἰΟκταουῖβα καὶ ἰΑϕηνα` ἰAntwnivw/. res tuas tibi habe.'* [7] bellissimam tamen rem Dellius dixit, quem Messala Corvinus desultorem bellorum civilium vocat, quia ab Dolabella ad Cassium transiturus salutem sibi pactus est, si Dolabellam occidisset, a Cassio deinde transit ad Antonium, novissime ab Antonio transfugit ad Caesarem. (hic est Dellius, cuius epistulae ad Cleopatram lascivae feruntur.) cum Athenienses tempus peterent ad pecuniam conferendam nec exorarent, Dellius ait: 'et tamen dicito illos tibi annua, bienni, trienni die debere.'

[8] Longius me fabellarum dulcedo produxit; itaque ad propositum revertar. aiebat Cestius magnis cum laudibus Alexandri hanc suasoriam esse dicendam, quam sic divisit, ut primum diceret, etiamsi navigari posset Oceanus, navigandum non esse: satis gloriae quaesitum. regenda esse et disponenda quae in transitu vicisset. consulendum militi tot victoriis lasso. de matre illi cogitandum. et alias causas complures subiecit. deinde illam quaestionem subiecit, ne navigari quidem Oceanum posse.

[9] FABIANVS philosophus primam fecit quaestionem eandem: etiamsi navigari posset Oceanus, navigandum non esse. at rationem aliam primam fecit: modum imponendum esse rebus secundis. hic dixit sententiam: illa demum est magna felicitas, quae arbitrio suo constitit. dixit deinde locum de varietate fortunae, et, cum descripsisset nihil esse stabile, omnia fluitare et incertis motibus modo attolli, modo deprimi, absorberi terras et maria siccari, montes subsidere, deinde exempla regum ex fastigio suo devolutorum, adiecit: 'sine potius rerum naturam quam fortunam tuam deficere.' [10] secundam quoque quaestionem aliter tractavit; divisit enim illam sic, ut primum negaret ulla in Oceano aut trans Oceanum esse terras habitabiles. deinde: si essent, perveniri tamen ad illas non posse. hic difficultatem navigationis, ignoti maris naturam non patientem navigationis. novissime: ut posset perveniri, tanti tamen non esse. hic dixit incerta peti, certa deseri: descituras gentes, si Alexandrum rerum naturae terminos supergressum enotuisset. hic matrem, de qua dixit: 'quomodo illa trepidavit, etiam quod Granicum transiturus esses!'

[11] GLYCONIS celebris sententia est: tou`to oujk Simovei~ oujde; Gravniko~. tou`to eij mhv ti kako;n h`n, oujk a]n e]scaton e[keito. hoc omnes imitari voluerunt. PLVTION dixit: kai; dia; tou`to mevgistovn ejstin, o{ti aujto; me;n meta; pavnta, meta; de; aujto; oujqevn. ARTEMON dixit: bouleuovmeqa eij crh; peraiou`sqai. ouj tai`~ Jellhsponitivai~ hj/ovsin ejfestw`te~ oujd j ejpi; tw`/ Pamfulivw/ pelavgei th;n ejmprovqesmon karadokou`men a[mpwsin. oude; Eujfavth~ tou`t j e[stin, oujde; j]ndo;~, ajll j ei[te gh`~ tevrma, ei[te fuvsew~ o{ro~, ei[te presbuvtaton stoicei`on, ei[te gevnesi~ qew`n, iJerwvterovn h] kata; nau`~ u{dwr.

Apaturius dixit: e]nqa me;n hJ nau`~ ejk mia`~ fora`~ eij~ ajnatolav~, e[nqa de; eij~ ta;~ ajoravtou~ duvsei~.

CESTIVS (dixit, cum saevitiam maris) descripsit: fremit Oceanus, quasi indignetur, quod terras relinquant. [12] corruptissimam rem omnium, quae umquam dictae sunt ex quo homines diserti insanire coeperunt, putabant DORIONIS esse in metaphrasi dictam Homeri, cum excaecatus Cyclops saxum in mare deiecit: *** haec quomodo ex corruptis eo perveniant, ut et magna et tamen sana sint, aiebat Maecenas apud Vergilium intellegi posse.

tumidum est o]rou~ o]ro~ ajpospa`tai. Vergilius quid ait? Rapit

haud partem exiguam montis.

Ita magnitudini [scedat] studet, (ut) non imprudenter discedat a fide. est inflatum kai; ceiriva bavlletai nh`so~. Vergilius quid ait [qui] de navibus?

Credas innare revolsas Cycladas.

non dicit hoc fieri sed videri. propitiis auribus accipitur, quamvis incredibile sit, quod excusatur antequam dicitur.

[13] Multo corruptiorem sententiam MENESTRATI cuiusdam, declamatoris non abiecti suis temporibus, nactus sum in hac ipsa suasoria, cum describeret beluarum in Oceano nascentium magnitudinem: *** efficit haec sententia, ut ignoscam MVSAE, qui dixit ipsis Charybdi et Scylla maius portentum: 'Charybdis ipsius maris naufragium' et, ne in una re semel insaniret: 'quid ibi potest esse salvi, ubi ipsum mare perit?'

DAMAS ethicos induxit matrem loquentem, cum describeret assidue prioribus periculis nova supervenisse: ***

BARBARVS dixit, cum introduxisset excusantem se exercitum Macedonum, hunc sensum: ***

[14] FVSCVS ARELLIVS dixit: testor ante orbem tibi tuum deesse quam militem. LATRO ðsedens hancð dixit. non excusavit militem sed dixit: dum sequar, quis mihi promittit hostem, quis terram, quis diem, quis mare? da, ubi castra ponam, ubi signa inferam. reliqui parentes, reliqui liberos; commeatum peto. numquid immature ab Oceano?

[15] Latini declamatores in descriptione Oceani non nimis viguerunt, nam aut tumi(de) descripserunt aut curiose. nemo illorum potuit tanto spiritu dicere quanto PEDO, qui (in) navigante Germanico dicit:

Iam pridem post terga diem solemque relictum
iamque vident noti se extorres finibus orbis,
per non concessas audaces ire tenebras
Hesperii metas extremaque litora mundi.
nunc illum, pigris immania monstra sub undis
qui ferat, Oceanum, qui saevas undique pristis
aequoreosque canes, ratibus consurgere prensis
, accumulatur fragor ipse metus , iam sidere limo
navigia et rapido desertam flamine classem,
seque feris credunt per inertia fata marinis
iam non felici laniandos sorte relinqui.
atque aliquis prora caecum sublimis ab alta
aera pugnaci luctatus rumpere visu,
ut nihil erepto valuit dinoscere mundo,
obstructo talis effundit pectore voces:
'quo ferimur?' fugit ipse dies orbemque relictum
ultima perpetuis claudit natura tenebris.
anne alio positas ultra sub cardine gentes
atque alium bellis intactum quaerimus orbem?
di revocant rerumque vetant cognoscere finem
mortales oculos. aliena quid aequora remis
et sacras violamus aquas divumque quietas
turbamus sedes?

[16] Ex Graecis declamatoribus nulli melius haec suasoria processit quam GLYCONI, sed non minus multa magnifice dixit quam corrupte. utr(or)umque faciam vobis potestatem, et volebam vos experiri non adiciendo iudicium meum nec separando a corruptis sana. potuisset [et] enim fieri, ut vos magis illa laudaretis, quae insaniunt, et nihilo minus poterit fieri, quamvis distinxerim. illa belle dixit: *** sed fecit quod solebat, ut sententiam adiectione supervacua atque tumida perderet; adiecit enim: *** illud quosdam dubios iudicii sui habet, ego non dubito contra sententiam ferre: uJgivaine gh`, uJgiaine h{lie. Makedovne~ a[ra cavo~ eijsa/ssousi.

(SVASORIARVM LIBER)

2. Trecenti Lacones contra Xerses missi, cum treceni ex omni Graecia missi fugissent,
deliberant, an et ipsi fugiant

[1] ARELLI FVSCI patris. At, puto, rudis lecta aetas, animus qui frangeretur metu insuetaque arma non passurae manus, hebetataque senio aut vulneribus corpora. quid dicam, potissimos Graeciae an Lacedaemoniorum electos? an repetam tot acies patrum totque excidia urbium, tot victarum gentium spolia? et nunc produntur condita sine moenibus templa? pudet consilii nostri; pudet, etiamsi non fugimus, deliberasse talia. 'at cum tot milibus Xerses venit.' hoc Lacedaemonii, et adversus barbaros? non refero opera vestra, non avos, non patres, quorum [non] exemplo ab infantia surgit ingenium; pudet Lacedaemonios sic adhortari, sed loco tuti sumus. licet totum classe Orientem trahat, licet intuentibus explicet inutilem numerum; hoc mari quod tantum ex vasto patet arguetur in minimum, insidiosis excipitur angustiis vixque minimo aditus navigio est, et huius quoque remigium arcet inquietum omne quod circumfluit mare, fallentia cursus vada altioribus internata, aspera scopulor(um) et cetera, quae navigantium vota decipiunt. pudet, inquam, Lacedaemonios et armatos quaerere, quemadmodum tuti sint. [2] Non referam Persarum spolia; certe super spolia nudus cadam. sciet et alios habere nos trecentos, qui sic non fugiant et sic cadant. Hunc sumite animum: nescio an vincere possimus; vinci non possumus. Haec non utique perituris refero, sed et si cadendum est, erratis, si metuendam creditis mortem. nulli natura in aeternum spiritum dedit statque nascentibus in finem vitae dies. ex inbecilla enim nos materia deus orsus est; quippe minimis succidunt corpora. indenuntiata sorte rapimur; sub eodem pueritia fato est, eadem iuventus causa cadit. optamus quoque plerumque mortem; adeo in securam quietem recessus ex vita est. at gloriae nullus finis est proximique deos hic acie caesi sacrum (habebitis.) feminis quoque frequens hoc in mortem pro gloria dīteres illudō quid Lycurgum, quid

interritos omni periculo quos memoria sacravit viros referam? ut unum Othryadem excitem, adnumerare trecentis exempla possum.

[3] TRIARI. Non pudet Laconas ne pugna quidem hostium sed fabula vinci? Magnum aes alienum virtutis est nasci Laconem. Ad certam victoriam omnes remansissent, ad certam mortem tantum Lacones. Ne sit Sparta lapidibus circumdata: ibi muros habet ubi viros. Melius revocabimus fugientes trecenos quam sequemur. 'Sed montes perforat, maria contegit.' numquam (in) solido stetit superba felicitas, et ingentium imperiorum magna fastigia oblivione fragilitatis humanae conlapsa sunt. scias licet ad finem non pervenisse quae ad invidiam perducta sunt. maria terrasque, rerum naturam statione mutavit sua: moriamur trecenti, ut hic primum invenerit quod mutare non possit. Si tam demens placitum consilium erat, cur non potius in turba fugimus?

[4] PORCI LATRONIS. In hoc scilicet morati sumus, ut agmen fugientium cogereamus? Rumori terga vertitis? sciamus saltem, qualis sit iste quem fugimus. Vix illud victoria dedecus elui potest; ut omnia fortiter fiant, feliciter cadant, multum tamen nomini nostro detractum est: iam Lacones, an fugeremus, deliberavimus. 'At enim moriemur.' quantum ad me quidem pertinet, post hanc deliberationem nihil aliud timeo, quam ne revertar. Arma nobis fabulae excutiunt? Nunc, nunc pugnemus; latuisset virtus inter trecenos. 'Ceteri quidem fugerunt.' si me quidem interrogatis, quid sentiam, et in nostrum et in Graeciae patrocinium loquar: electi sumus, non relictii.

[5] GAVI SABINI. Turpe est cuilibet viro fugisse, Laconi etiam deliberasse.

MARVLLI. In hoc restitimus, ne in turba fugientium lateremus? Habent quemadmodum se excusent Graeciae treceni: 'mu(ni)tas Thermopylas putavimus, cum relinqueremus illic Laconas'.

CESTI PII. Quam turpe es(se)t fugere, iudicastis, Lacones, tam diu non fugiendo. Omnibus sua decora sunt: Athenae eloquentia inclutae sunt, Thebae sacris, Sparta armis. ideo hanc Eurotas amnis circumfluit, qui pueritiam indurat ad futurae militiae patientiam, ideo Taygeti nemoris difficilia nisi Laconibus iuga; ideo Hercule gloriamur deo operibus caelum merito; ideo muri nostri arma sunt. [6] O grave maiorum virtutis dedecus: Lacones se numerant, non aestimant! Videamus, quanta turba sit, ut habeat certe Sparta etiamsi non fortes milites at nuntios veros. Ita ne bello quidem sed nuntio vincimur? merito hercules omnia contempsit quem Lacones audire non sustinent. Si vincere Xersen non licet, videre liceat; volo scire, quid fugiam. Adhuc non sum ex ulla parte Atheniensium similis, non muris nec (e)ducatione; nihil prius illorum imitabor quam fugam?

[7] POMPEI SILONIS. Xerses multos secum adducit, Thermopylae paucos recipiunt. nihil refert, quantas gentes in orbem nostrum Oriens effuderit, quantumque nationum secum Xerses trahat; tot ad nos pertinent quot locus ceperit. (Erimus inter fortes fugacissimi, inter fugaces tardissimi.)

CORNELI HISPANI. Pro Sparta venimus, pro Graecia stemus. Vincamus hostes, socios iam vicimus. Sciat iste insolens barbarus nihil esse difficilius quam Laconis armati latus fodere. Ego vero, quod discesserunt gaudeo: liberas nobis reliquere Thermopylas. nil erit, quod virtuti nostrae se opponat, quod inserat; non latebit in turba Laco; quocumque Xerses aspexerit, Spartanos videbit.

[8] BLANDI. Referam praecepta matrum, 'aut in his aut cum his'? minus turpe est a bello inermem reverti quam armatum fugere. referam captivorum verba? captus Laco 'occide' inquit, 'non servio'. non potuit capi, si fugere voluisset. Describite terrores Persicos; omnia ista, cum mitteremur, audivimus. Videat trecentos Xerses et sciat, quanti bellum aestimatum sit, quanto aptus numero locus. Revertamur ne nuntii quidem nisi novissimi? Quis fugerit, nescio; hos mihi Sparta commilitones dedit. Descriptio Thermopylarum. nunc me delectat quod fugerunt treceni; angustas mihi Thermopylas fecerunt.

[9] Contra. CORNELI (HI)SPANI. At ego maximum (video) dedecus futurum rei publicae nostrae, si Xerses nihil prius in Graecia vicerit quam Laconas. Ne testem quidem virtutis nostrae habere possumus; id de nobis credetur quod hostes narraverint. Habetis consilium meum; id est autem meum quod totius Graeciae. si quis aliud suadet, non fortes vos vult esse sed perditos.

CLAVDI MARCELLI. Non vincent nos sed obruent. satis fecimus nomini, ultimi cessimus. ante nos rerum natura victa est.

[10] Divisio. Huius suasoriae feci mentionem, non quia in ea subtilitatis erat aliquid, quod vos excitare posset, (sed) ut sciretis, quam nitide Fuscus dixisset vel quam licenter. ipse sententiam (non) feram: vestri arbitrii erit, utrum explicationes eius luxuriosas putetis an ðut poetasð Pollio Asinius aiebat hoc non esse suadere (sed) lascivere. recolo nihil fuisse me iuvene tam notum quam has explicationes Fusci, quas nemo nostrum non alius alia inclinatione vocis velut sua quisque modulatione cantabat. at quia semel in mentionem incidi Fusci, ex (ordine) omnibus suasoriis celebres descriptiunculas subtexam, etiamsi nihil occurrerit, quod quisquam alius in his suasor(iis) dixerit.

[11] Divisione autem (in) hac suasoria FVSCVS usus est illa vulgari, ut diceret non esse honestum fugere, etiam si tutum esset. deinde, aequè periculum esse fugere et pugnare.

In hac ipsa suasoria non sane refero memoria (dignam) ullam sententiam Graeci cuiusquam nisi DAMAE: *poi` feuvxesqe, oJpli`tai teivch*;

De positione loci eleganter dixit HATERIVS, cum angustias loco facundissime descripsisset: *natus trecentis locus.*

CESTIVS, cum descripsisset, quos (honores) habituri essent, si pro patria cecidissent, adiecit: *per sepulchra nostra iurabitur.* NICETES longe disertius hanc phantasiam movit et adiecit: **** nisi antiquior Xerses fuisset quam (ut) Demosthenes ORCHON hic diceret. **** hanc suam dixit sententiam aut certe non deprehensam, cum descripsisset oportunitatem loci et tuta undique pugnantium latera et angustias a tergo positas sed adversas hostibus: *****

[15] POTAMON magnus declamator fuit Mitylenis, qui eodem tempore vixit quo LESBOCLES, magni nominis et nomini respondentis ingenii. in quibus quanta fuerit animorum diversitas in simili fortuna, puto vobis indicandum, multo magis quia ad vitam pertinet quam si ad eloquentiam pertineret. utrique filius eisdem diebus decessit: Lesbocles scholam solvit, nemo umquam amplius (declamantem audivit. maiore) animo se gessit Potamon; a funere filii contulit se in scholam et declamavit. utriusque tamen adfectum temperandum puto: hic durius tulit fortunam quam patrem decebat, ille mollius (quam) virum.

[16] Potamon, cum suasoriam de trecentis diceret, tractabat, quam turpiter fecissent Lacones hoc ipsum quod deliberassent de fuga, et sic novissime clausit: *****

Insanierunt in hac suasoria multi circa Othryadem: MVRREDIVS, qui dixit: fugerunt Athenienses; non enim Othryadis nostri litteras didicerant. GARGONIVS dixit: Othryades, qui perit, ut falleret, revixit, ut vinceret. LICINIVS NEPOS: cum exemplo vobis etiam mortuis vincendum fuit. ANTONIVS ATTICVS inter has pueriles sententias videtur palmam meruisse; dixit enim: Othryades paene a sepulchro victor digitis vulnera pressit, ut tropaeo Laconem inscriberet. o dignum [in] Spartano atramentum, (o) virum, cuius ne litterae quidem fuere sine sanguine! CATIVS CRISPVS, municipalis (rhetor), cacozelos dixit post relatum exemplum Othryadis: *aliud ceteros, aliud Laconas decet; nos sine deliciis educamur, sine muris vivimus, sine vita vincimus.*

[17] SENECA fuit, cuius nomen ad vos potuit pervenisse, ingenii confusi ac turbulenti, qui cupiebat grandia dicere, adeo ut novissime morbo huius rei et teneretur et rideretur. nam et servos nolebat habere nisi grandes et argentea vasa non nisi grandia. credatis mihi velim non iocanti: eo pervenit insania ius, ut calceos quoque maiores sumeret, ficus non esset nisi mariscas, concubinam ingentis staturae haberet. omnia grandia probanti impositum est cognomen vel, ut Messala ait, cognomentum, et vocari coepit Seneca Grandio. aliquando

iuvene me is in hac suasoria, cum [in] posuisset contradictionem 'at omnes qui missi erant a Graecia fugerunt', sublatis manibus, insistens summis digitis, sic enim solebat, quo grandior fieret, exclama(vi)t: gaudeo, gaudeo! mirantibus nobis, quod tantum illi bonum contigisset, adiecit: totus Xerses meus erit. item dixit: iste, qui classibus suis maria subripuit, qui terras circumscripsit, dilatavit profundum, novam rerum naturae faciem imperat; ponat sane contra caelum castra: commilitones habeo deos.

[18] SAENIANVS multo potentius dixit: terras armis obsidet, caelum sagittis, maria vinculis; Lacones, nisi succurritis, mundus captus est.

Decentissimi generis stultam sententiam referam VICTORIS STATORI, municipis mei, cuius fabulis memoria dignissimis aliquis (delectetur. is huius) suasoriae occasione sumpsit contradictionem: 'at' inquit 'trecenti sumus' et ita respondit: trecenti, sed viri, sed armati, sed Lacones, sed ad Thermopylas. numquam vidi plures trecentos.

[19] LATRO in hac suasoria, cum tractasset omnia, quae materia capiebat, posse ipsos et vincere, posse certe invictos reverti (virtute) et beneficio loci, tum illam sententiam: si nihil aliud, erimus certe belli mora. postea memini auditorem Latronis ABRONIVM SILONEM, patrem huius Silonis, qui pantomimis fabulas scripsit et ingenium grande non tantum deseruit sed polluit, recitare carmen, in quo agnovimus sensum Latronis in his versibus:

ite agite, (o) Danai, magnum paeana canentes,
ite triumphantes: belli mora concidit Hector.

tam diligentes tunc auditores erant, ne dicam tam maligni, ut una syllaba surripi non posset; at nunc quilibet orationes in Verrem tuto dicet pro suo. [20] sed ut sciatis sensum bene dictum dici tamen posse melius, non ðprae ceterisð quanto decentius Vergilius dixerit hoc, quod valde erat celebre, 'belli mora concidit Hector':

quidquid ad adversae cessatum est moenia Troiae,
Hectoris Aeneaeque manu victoria Graium
haesit.

MESSALA aiebat hic Vergilium debuisse desinere; quod sequitur
et in decimum vestigia rettulit annum

elementum esse. MAECENAS hoc etiam priori comparabat.

[21] Sed ut ad Thermopylas revertar, DIOCLES CARYSTIVS dixit: *** APATVRIVS dixit *** CORVO (rhe)tori testimonium stuporis reddendum est, qui dixit: quid(ni), si iam Xerses ad nos suo mari navigat, fugiamus, antequam nobis terra subripiatur? hic est Corvus,

qui, cum temperaret scholam Romae, Sosio illi, qui Iudaeos subegerat, declamavit controversiam de ea, quae apud matronas disserebat liberos non esse tollendos et ob hoc accusatur rei publicae laesae. in hac controversia sententia eius haec ridebatur: inter pyxides et redolentis animae medicamina constitit mirata contio. [22] sed si vultis, historicum quoque vobis fatuum dabo. TVSCVS ille, qui Scaurum Mamercum, in quo Scau(ro)rum familia extincta est, maiestatis reum fecerat, homo quam improbi animi, tam infelicis ingenii, cum hanc suasoriam declamaret, dixit: expectemus, si nihil aliud, hoc effecturi, ne insolens barbarus dicat: 'veni, vidi, vici', cum hoc post multos annos divus Iulius victo Pharnace dixerit.

DORION dixit: andr~ *** aiebat NICOCRATES Lacedaemonius insignem hanc sententiam futuram fuisse, si media intercideretur.

[23] Sed ne vos diutius infatuem, quia dixeram me Fusci Arelli explicationes subiecturum, hic (finem) suasoriae faciam. quarum nimius cultus et fracta compositio poterit vos offendere, cum ad meam aetatem veneritis. interim (non) dubito, quin haec vos ipsa quae offensura sunt vitia delectent.

(SVASORiarVM LIBER)

3. Deliberat Agamemnon, an Iphigeniam immolet negante Calchante aliter navigari fas esse

[1] ARELLI FVSCI patris. Non in aliam condicionem deus fudit aequora quam ne omnis ex voto iret dies. nec ea sors mari tantum est; ceterum ipsa non sub eadem condicione sidera sunt? alias negatis imbribus exurunt solum, et miseri cremata agricolae legunt semina, et hoc interdum anno lex est. alias serena clauduntur, et omnis dies caelum nubilo gravat; subsidit solum, et creditum sibi terra non retinet. alias incertus sideribus cursus est et variantur tempora, neque soles nimis urgent neque ultra debitum imbres cadunt. quidquid asperatum aestu est, quidquid nimio diffluit imbre, invicem temperatur altero. sive ita natura disposuit, sive, ut ferunt, luna cursu gerit, quae sive plena lucis suae est splendensque pariter adsurgit in cornua, imbres prohibet, sive occurrente nubilo sordidiorem ostendit orbem suum, non ante finit quam in lucem redit, sive ne lunae quidem ista potentia est, sed flatus qui occupavere annum tenent; quidquid horum est, extra iussum dei tutum fuit adultero mare. 'At non potero vindicare adulteram.' prior est salus pudicae. ne quid huius virginitati timerem, persequer bar adulterum. Victa Troia virginibus hostium parcam, nihil adhuc virgo Priami timet.

[2] CESTI PII. Vos ego [adhunc], di immortales, invoco: sic reclusuri estis maria? obstate potius. Ne Priami quidem liberos immolaturus es. Describe nunc tempestatem. omnia

ista patimur, nec parricidium fecimus. Quod hoc sacrum est, virginis deae templo virginem occidere? libentius hanc sacerdotem habebit quam victimam.

CORNELI HISPANI. Infestae sunt, inquit, tempestates et saeviunt maria; neque adhuc parricidium feci. ista maria, si numine suo deus regeret, adulteris clauderentur.

MARVLLI. Si non datur nobis ad bellum iter, revertamur ad liberos.

ARGENTARI. Iterum in malum familiae nostrae fatale revolvimur: propter adulteram fratris liberi pereunt. Ista mercede nollem reverti. At Priamus bellum pro adultero filio gerit.

[3] Divisio. Hanc suasoriam sic divisit FVSCVS, ut diceret, etiamsi aliter navigari non posset, non esse faciendum, et sic tractavit, ut negaret faciendum, quia homicidium esset, quia parricidium, quo plus impenderetur quam peteretur: peti (Helenam), impendi Iphigeniam; vindicari adulterium, committi parricidium. deinde dixit, etiamsi non immolasset, navigaturum; illam enim moram naturae, maris et ventorum. deorum voluntatem ab hominibus non intellegi.

Hoc CESTIVS diligenter divisit: dixit enim deos rebus humanis non interponere arbitrium suum. (ut) interponant, voluntatem eorum ab homine non intellegi. ut intellegatur, non posse fata revocari. si non sint fata, (ne)sciri futura. si sint, non posse mutari.

[4] SILO POMPEIVS, etiamsi quod esset divinandi genus certum, auguriis negavit credendum: quare ergo, si nescit, Calchas, adfirmat? primum [et] scire se putat (hic communem locum dixit in omnes qui hanc adfectarent scientiam); deinde irascitur tibi; invitus militat. quaerit sibi tam magno testimonio apud omnes gentes fidem.

In ea descriptione, (quam) primam in hac suasoria posui, FVSCVS ARELLIVS Vergilii versus voluit imitari. valde autem longe petit et paene repugnante materia, certe non desiderante, inseruit. ait enim de luna: quae sive plena lucis suae est splendensque pariter assurgit in cornua, imbres prohibet, sive occupata nubilo sordidiorem ostendit orbem suum, non ante finit quam (in) lucem redit. [5] at Vergilius haec quanto et simplicius et beatius dixit:

luna	revertentes	cum	primum	colligit	ignes,
si	nigrum	obscurum	comprenderit	aera	cornu,

maximus agricolis pelagoque parabitur imber.

et rursus:

sin

pura nec obtusis per caelum cornibus ibit.

solebat autem Fuscus ex Vergilio multa trahere, ut Maecenati imputaret. totiens enim pro beneficio narrabat in aliqua se Vergiliana descriptione placuisse, sicut in hac ipsa suasoria

dixit: cur iste in Tires(iae) ministerium placuit? cur hoc os deus elegit? cur hoc sortitur potissimum pectus, quod tanto numine impleat? aiebat se imitatum esse Vergilium 'plena deo.'

[6] Solet autem Gallio noster hoc aptissime ponere. memini una nos ab auditione Nicetis ad Messalam venisse. Nicetes suo impetu valde Graecis placuerat. quaerebat a Gallione Messala, quid illi visus esset Nicetes; Gallio ait: 'plena deo'. quotiens audierat aliquem ex his declamatoribus, quos scholasti(ci) caldos vocant, statim dicebat: 'plena deo'. ipse Messala numquam aliter illum ab ignoti hominis auditione venientem interroga(vi)t, quam ut diceret: 'numquid plena deo?' itaque hoc ipsi iam tam familiare erat, ut invito quoque excideret. [7] apud Caesarem cum mentio esset de ingenio Hateri, consuetudine prolapsus dixit: 'et ille erat plena deo'. quaerenti deinde, quid hoc esse vellet, versum Vergilii rettulit et quomodo hoc semel sibi apud Messalam excidisset et numquam (non) postea potuisset excidere. Tiberius, ipse Theodorus, offendebatur Nicetis ingenio; itaque delectatus est fabula Gallionis. hoc autem dicebat Gallio Nasoni suo valde placuisse; itaque fecisse illum, quod in multis aliis versibus Vergilii fecerat, non subripiendi causa sed palam mutuandi, hoc animo ut vellet agnoscere. esse autem in tragoedia eius:

feror huc illuc, vae, plena deo.

Iam, (si) vultis, ad Fuscum revertar et descriptionibus eius vos (af)fatim satiabo ac potissimum eis, quas in simili huius tractatione posuit, cum diceret omnino non concessam futurorum scientiam.

(SVASORIARVM LIBER)

4. Deliberat Alexander Magnus, an Babylona intret, cum denuntiatum esset illi responso auguris periculum

[1] ARELLI FVSCI. Quis est qui futurorum scientiam sibi vindicet? novae oportet sortis is sit, qui iubente deo canat, non eodem contentus utero, quo imprudentes nascimur. quandam imaginem dei praeferat qui iussa exhibeat dei. sic est: tantum enim regem tantique rectorem orbis in metum cogit. magnus iste et supra humanae sortis habitum sit cui liceat terrere Alexandrum; ponat iste suos inter sidera patres et originem caelo trahat, agnoscat suum vatem deus. non eodem vitae fine aetatem agat; extra omnem fatorum necessitatem caput sit, quod gentibus futura praecipiat. si vera sunt ista, quid ita non huic studio servit omnis aetas? cur non ab infantia rerum naturam deosque qua licet discimus, cum pateant nobis sidera et interesse numinibus liceat? quid ita inutili desudamus facundia aut periculosis atteritur armis manus? [2] an melius alio pignore quam futuri scientia ingenia surrexerint? qui vero in media se, ut praedicant, fatorum misere signa, natales inquirunt et primam aevi horam omnium annorum habent nuntiam: quo ierint motu sidera, in quas discucurrerint partes: contrane dirus

steterit an placidus adfulserit Sol; in plenam lucem an initia surgentis acceperit, an abdiderit in noctem obscurum caput Luna; Saturnus nascentem (ad cultum agrorum) an ad bella Mars militem, an negotiosum in quaestus Mercurius exceperit; an blanda adnuerit nascenti Venus, an ex humili in sublime Iuppiter tulerit, aestimant. tot circa unum caput tumultuantis deos! [3] futura nuntiant? plerosque dixere victuros, et nihil metuentis oppressit dies. aliis dedere finem propincum, at illi superfuere (in)gementes inutili animae. felices nascentibus annos sponponderunt, at Fortuna in omnem properavit iniuriam. incertae enim sortis vivimus. unicuique ista pro ingenio finguntur, non ex (scientiae) fide. Erit aliquis orbe toto locus, qui te victorem non viderit? Babylon ei cluditur, cui patuit Oceanus?

[4] Divisio. In hac suasoria nihil aliud tractasse FVSCVM scio quam easdem quas supra rettuli quaestiones ad scientiam futuri pertinentis. illud, quod nos delectavit, praeterire non possum. declamitarat Fuscus Arellius controversiam de illa, quae, postquam ter mortuos pepererat, somniasse se dixit, ut in luco pareret. valde in vos contumeliosus fuero, si totam controversiam, quam ego intellego me dicere *** (cum autem) Fuscus declamaret et a parte avi non agnoscentis puerum tractaret locum contra somnia et deorum providentiam, et male de magnitudine eorum dixisset mereri eum, qui illos circa puerperas mitteret, summis clamoribus illum dixit Vergili versum:

scilicet is superis labor est, ea cura quietos
sollicitat.

[5] auditor Fusci quidam, cuius pudori parco, cum hanc suasoriam de Alexandro ante Fuscum diceret, putavit aequae belle poni eundem versum et dixit:

scilicet is superis labor est, ea cura quietos
sollicitat.

Fuscus illi ait: 'si hoc dixisses audiente Alexandro, scisses apud Vergilium et illum versum esse:

capulo tenus abdidit ensem.

et quia soletis mihi molesti esse de Fusco, quid fuerit, quare nemo videretur dixisse cultius, ingeram vobis Fuscinas explicationes. dicebat autem suasorias libentissime et frequentius Graecas quam Latinas.

HYBREAS in hac suasoria dixit: o|on e[chke Babulw;n mavntin ojcurwma.

(SVASORIARVM LIBER)

5. Deliberant Athenienses, an tropaea Persica tollant Xerse minante rediturum se, nisi
tollerentur

[1] ARELLI FVSCI. Pudet me victoriae vestrae, si sic fugatum creditis Xersen, ut reverti possit. tot caesa milia, nihil ex tanta acie relictum minanti, nisi quod vix fugientem sequi possit; totiens mersa classis. quid Marathona, quid Salamina referam? pudet dicere: dubitamus adhuc, an vicerimus. Xerses veniet? nescio quomodo languet circa memoriam iacturae animus et disturbata arma non repetit. prior enim metus futuri pignus est, et amissa, ne audeat, amissurum monent. ut interdum in gaudia surgit animus et spem ex praesenti metitur, ita adversis frangitur. omne excit(at) animum decus; ubi ignominia spem premit, ubi nullam meminit aciem nisi qua fugerit, haeret circa damna sua et quae male expertus est vota deponit. si venturus esset, non minaretur. suis ira ardet ignibus et in pacta non solvitur. [2] non denuntiaret, si venturus esset, neque armaret nos nuntio nec instigaret victricem Graeciam nec sollicitaret arma felicia; magis superveniret improvidis et(iam), et arma indenuntiata (ad)moveret. quantumcumque Oriens valuit primo in Graeciam impetu effusum est. hoc ille numero ferox et in deos arma tulerat. extincta tot ante Xersem milia, tot sub ipso iacent; nulli nisi qui fugerunt supersunt. quid dicam Salamina? quid Cynaegiron referam et te, Polyzele? et hoc agitur, an viceris! haec ego tropaea dis posui, haec in totius conspectu Graeciae statui, ne quis timeret Xersen minantem. me miserum! pugnante Xerse tropaea posui; fugiente tollam? nunc Athenae vincimur: non tantum credetur redisse sed vicisse Xerses. non potest Xerses nisi per nos tropaea tollere. [3] credite mihi, difficile est attritas opes recolligere et spes fractas novare et (ex) paenitenda acie in melioris eventus fiduciam surgere.

CESTI PII. 'Inferam' inquit 'bellum'; alia mihi tropaea promittit. Potest maior venire quam victus est?

ARGENTARI. Non pudet vos? pluris tropaea vestra Xerses aestumat quam vos.

[4] Divisio. FVSCVS sic divisit: etiamsi venturus est Xerses, nisi tollimus, non sunt tropaea tollenda: confessio servitutis est iussa facere. si venerit, vincemus. hoc non est diu colligendum: de eo dico 'vincemus' quem vicimus. sed ne veniet quidem. si venturus esset, non denuntiaret. fractus est et viribus et animo.

CESTIVS et illud adiecit, quod in prima parte tractavit, non licere Atheniensibus tropaea tollere: commune in illis ius totius Graeciae esse, commune bellum fuisse, communem victoriam. deinde, ne fas quidem esse: numquam factum, ut quisquam consecratis virtutis suae operibus manus (ad)ferret. ista tropaea non sunt Atheniensium, deorum sunt. illorum bellum fuit, illos Xerses vinculis, illos sagittis persequabatur. hic omnia ad impiam et superbam Xersis militiam pertinentia. [5] quid ergo? bellum habebimus? habuimus, et si

Xersem removeris, inuenietur alius hostis. numquam magna imperia otiosa. enim(eratio) bellorum prospere ab Atheniensibus gestorum. deinde, non erit bellum; Xerses enim non veniet. multo timidiore esse qui superbissimi fuerint. novissime, ut veniat, cum quibus veniet? reliquias victoriae nostrae colliget; illos adducet quos priore bello quasi inutiles reliquerat domi et si qui ex fuga conquisiti sunt. nullum habet militem nisi aut fastiditum aut victum.

[6] ARGENTARIVS his duobus contentus fuit: aut non venturum Xerses aut non esse metuendum, si venerit. his solis institit et illud dixit quod exceptum est: 'tollite' inquit 'tropaea'; si vicisti, quid erubescis? si victus es, quid imperas? locum movit non inutiliter: iudicare quidem se neque Xerses neque iam quemquam Persarum ausurum in Graeciam effundi, sed eo magis tropaea ipsis tuenda, si quis umquam illinc venturus hostis esset, ut conspectu tropaeorum animi militum accenderentur, hostium frangerentur.

[7] BLANDVS dixit: repleat ipse prius Athos et maria in antiquam faciem reducat. apparere vult posteris quemadmodum venerit: appareat quemadmodum redierit.

TRIARIVS omni dimissa divisione tantum exultavit, quod Xerses audiret venire: adesse ipsis novam victoriam, nova tropaea.

SILO POMPEIUS venusto genere sententiae usus est: 'nisi tollitis' inquit 'tropaea, ego veniam'; hoc ait Xerses: nisi haec tropaea tollitis, alia ponetis.

[8] Alteram partem solus GALLIO declamavit et hortatus ad tollenda tropaea dixit gloriae nihil detrahi: mansuram enim memoriam victoriae, quae perpetua esset. ipsa tropaea et tempestatibus et aetate consumi. bellum suscipiendum fuisse pro libertate, pro coniugibus, pro liberis; pro re supervacua et nihil nocitura, si defieret, non esse suscipiendum. hic dixit utique venturum Xerses et descripsit adversus ipsos deos tumentem; deinde, habere illum magnas vires: neque omnes illum copias in Graeciam perduxisse nec omnes in Graecia perdidisse. timendam esse fortunae varietatem. exhaustas esse Graeciae vires nec posse iam pati alterum bellum; illi esse immensam multitudinem hominum. hoc loco disertissimam sententiam dixit, quae vel in oratione vel in historia ponatur: diutius illi perire possunt quam nos vincere.

(SVASORIARVM LIBER)

6. Deliberat Cicero, an Antonium deprecetur

[1] Q. HATERI. Sciant posteri potuisse Antonio servire rem publicam, non potuisse Ciceronem. Laudandus erit tibi Antonius. in hac causa etiam Ciceronem verba deficient. Crede mihi: cum diligenter te custodieris, faciet tamen Antonius quod Cicero tacere non possit. Si intellegis, Cicero, non dicit 'roga, ut vivas' sed 'roga, ut servias'. Quemadmodum autem hunc senatum intrare poteris, exhaustum crudeliter, repletum turpiter? intrare autem tu

senatum voles, in quo non Cn. Pompeium visurus (es), non M. Catonem, non Lucullos, non Hortensium, non Lentulum atque Marcellum, non tuos, inquam, consules Hirtium ac Pansam? Cicero, quid in alieno saeculo tibi? iam nostra peracta sunt. [2] M. Cato, solus maximum vivendi moriendique exemplum, mori maluit quam rogare (nec erat Antonium rogaturus), et illas usque ad ultimum diem puras a civili sanguine manus in pectus sacerrimum armavit. Scipio, cum gladium in pectus abdidisset, quaerentibus qui in navem transierant militibus imperatorem 'imperator' inquit 'bene se habet'; victus vocem victoris emisit. 'Vetat' inquis '(me) Milo rogare, iudices'; i nunc et Antonium roga.

[3] PORCI LATRONIS. Ergo loquitur umquam Cicero, ut non timeat Antonius, loquitur umquam Antonius, ut Cicero timeat? Civilis sanguinis Sulla(na) sitis in civitatem redit, et ad triumviralem hastam pro vectigalibus civium Romanorum mortes locantur. unius tabellae albo Pharsalica ac Mundensis Mutinensisque ruina vincitur. consularia capita auro rependuntur. tuis verbis, Cicero, utendum est: 'o tempora, o mores!' Videbis ardentem crudelitatem simul ac superbia oculos; videbis illum non hominis sed belli civilis vultum; videbis illas fauces, per quas bona Cn. Pompei transierunt, illa latera, illam totius corporis gladiatoriam firmitatem; videbis illum pro tribunali locum, quem modo magister equitum, cui ructare turpe erat, vomitu foedaverat: supplex accidens genibus deprecaberis et ore, cui se debet salus publica, humilia in adulationem verba summittes? pudeat; Verres quoque proscriptus fortius perit.

[4] CLAUDI MARCELLI AESERNINI. Occurrat tibi Cato tuus, cuius a te laudata mors est. Quicquam ergo tanti putas, ut vitam Antonio debeas?

CESTI PII. Si ad desiderium populi respicis, Cicero, quando(que) perieris, parum vixisti; si ad res gestas, satis vixisti; si ad iniurias Fortunae et praesentem rei publicae statum, nimium diu vixisti; si ad memoriam operum tuorum, semper victurus es.

POMPEI SILONIS. Scias licet tibi non expedire vivere, si Antonius permittit, ut vivas. Tacebis ergo proscribente Antonio et rem publicam laniante, et ne gemitus quidem tuus liber erit? malo populus Romanus mortuum Ciceronem quam vivum desideret.

[5] TRIARI. 'Quae Charybdis est tam vorax? Charybdim dixi? quae, si fuit, animal unum fuit. vix me dius fidius Oceanus tot res tamque diversas uno tempore absorbere potuisset.' huic tu saevienti putas Ciceronem posse subduci?

ARELLI FVSCI patris. Ab armis ad arma discurritur; foris victores domi trucidamur, domi n(ostro) sanguini intestinus hostis incubat. quis non hoc populi Romani statu Ciceronem, ut vivat, cogi putat? Rogabis, Cicero, turpiter Antonium, (rogabis) frustra. Non te ignobilis tumulus abscondet, (nec) idem virtuti tuae (vitae)que finis est: immortalis humanorum operum custos memoria, qua magnis viris vita perpetua est, in omnia te saecula

sacratum dabit. [6] nihil aliud intercidet quam corpus fragilitatis caducae, morbis obnoxium, casibus expositum, proscriptionibus obiectum. animus vero divina origine haustus, cui nec senectus ulla nec mors, onerosi corporis vinculis exsolutus ad sedes suas et cognata sidera recurret. Et tamen, si ad aetatem annorumque numquam observatum viris fortibus numerum respicimus, sexaginta supergressus es, nec potes videri non nimis (diu) vixisse qui moreris rei publicae superstes. Vidimus furentia toto orbe civilia arma et post Italicas Pharsaliasque acies Romanum sanguinem hausit Aegyptus. quod indignamur in Ciceronem Antonio licere, in Pompeium Alexandrino licuit spadoni. sic occiduntur qui ad indignos confugiunt.

[7] CORNELI HISPANI. Proscriptus (senatus) est ille, qui tuam sententiam secutus est. tota tabula tuae morti proluditur. alter fratrem proscribi, alter avunculum patitur. quid habes spei? ut Cicero periret, tot parricidia facta sunt. Repete agedum tot patrocina, tot clientelas et maximum beneficiorum tuorum, ipsum (consulatum): iam intelleges Ciceronem in mortem cogi posse, in preces non posse.

ARGENTARI. Explicantur triumvralis regni delicata convivia, et popina tributo gentium instruitur. ipse vino et somno marcidus deficientes oculos ad capita proscriptorum levat. iam ad ista non satis est dicere: 'hominem nequam!'

[8] Divisio. LATRO sic hanc divisit suasoriam: etiamsi impetrare vitam ab Antonio [non] potes, (non est) tanti rogare. deinde, impetrare non potes. in priore illa parte posuit, turpe esse cuilibet Romano, nedum Ciceroni, vitam rogare. hoc loco omnium, qui ultro mortem adprehendissent, exempla posuit. deinde, inutilis [illis] vita futura (est) et morte gravior detracta libertate. hic omnem acerbitatem servitutis futurae descripsit. deinde, non futurum (bonae) fidei impetratum beneficium. hic cum dixisset: 'aliquid erit quod Antonium offendat, aut factum tuum aut dictum aut silentium aut vultus', adiecit sententiam: 'aut, (si non) erit, placiturus es.'

[9] ALBVCIUS aliter divisit. primam partem fecit moriendum esse Ciceroni, etiamsi nemo proscriberet. [cum] hic insectatio temporum [fuit]. deinde, moriendum esse illi [se] sua sponte, quom moriendum esset etiamsi mori nolisset. graves odiorum causas esse; maximam causam proscriptionis ipsum esse Ciceronem. et solus (ex) declamatoribus temptavit dicere non unum illi esse Antonium infestum. hoc loco dixit illam sententiam: si cui ex triumviris non es invisus, gravis es, et illam sententiam, quae valde excepta est: roga, Cicero, exora unum, ut tribus servias.

[10] CESTIVS sic divisit: mori tibi utile est, honestum est, necesse est, ut liber et illibatae dignitatis consummes vitam. hic illam sententiam dixit audacem: ut numereris cum Catone, qui servire Antonio (ne domino) quidem [nondum domino] potuit. MARCELLVS

hunc sensum de Catone melius: usque eone omnia cum fortuna populi Romani conversa sunt, ut aliquis deliberet, utrum satius sit vivere cum Antonio an mori cum Catone? sed ad divisionem Cesti revertamur. dixit utile esse, ne etiam cruciatus corporis pateretur: non simplici illum modo periturum, si in Antonii manus incidisset. et in hac parte cum descripsisset contumelias insultantium Ciceroni et verbera et tormenta, dixit illam multum laudatam sententiam: tu mehercules, Cicero, cum veneris ad Antonium, mortem rogabis.

[11] VARIVS GEMINVS sic divisit: hortarer te, si nunc alterutrum utique faciendum esset, aut moriendum aut rogandum, ut morereris potius quam rogares. et omnia complexus est quae a ceteris dicta erant, sed adiecit et tertium; adhortatus est illum ad fugam: illic esse M. Brutum, illic C. Cassium, illic Sex. Pompeium. et adiecit illam sententiam, quam Cassius Severus unice mirabatur: quid deficimus? et res publica suos triumviros habet. deinde etiam, quas petere posset regiones, percucurrit: Siciliam dixit vindicatam esse ab illo, Ciliciam a proconsole egregie administratam, familiares studiis eius et Achaiam et Asiam, Deiotari regnum obligatum beneficiis, Aegyptum et habere beneficii memoriam et agere perfidiae paenitentiam. sed maxime illum in Asiam et in Macedoniam hortatus est, in Cassi et in Bruti castra. itaque Cassius Severus aiebat alios declamasse, Varium Geminum vivum consilium dedisse.

[12] Alteram partem pauci declamaverunt; (fere) nemo ausus est Ciceronem ad deprecandum Antonium hortari; bene de Ciceronis animo iudicaverunt. GEMINVS VARIVS (de)clamavit alteram quoque partem et ait: spero me Ciceroni meo persuasurum, ut velit vivere. quod grandia loquitur et dicit: 'mors nec immatura consulari nec misera sapienti', non movet me; ideo iam perit? ego belle mores hominis novi: faciet, rogabit. nam quod ad servitatem pertinet, non recusabit; iam collum tritum habet. et Pompeius illum et Caesar subegerunt. veteranum mancipium videtis. et complura alia dixit scurrilia, ut illi mos erat.

[13] divisit sic, ut diceret non turpiter rogaturum, non frustra rogaturum. in priore parte illud posuit, non esse turpe civem victorem rogari a victo. hic, quam multi rogassent C. Caesarem, hic et Ligarium. deinde, ne iniquum quidem esse Ciceronem satisfacere, qui prior illum proscripsisset. qui litem incohasset, ab eo semper nasci satisfactionem, a coacto rogari. deinde, non pro vita illum sed pro re publica rogaturum: satis illum sibi vixisse, rei publicae parum. in sequenti parte dixit exorari solere inimicos: ipsum exoratum a Vatinio Gabinioque reis adfuisse. facilius exorari Antonium posse, qui ðcum tertioð esset, ne quis (ex) tribus hanc tam speciosam clementiae occasionem praeiperet. fortasse et irasci Antonium, qui ne tanti quidem illum putasset, quem rogaret. [14] fuga quam periculosa esset, cum descripsisset,

adiecit: quocumque pervenisset, serviendum illi esse: ferendam esse aut Cassii violentiam aut Bruti superbiam aut Pompei stultitiam.

Quoniam in hanc suasoriam incidimus, non alienum puto indicare, quomodo quisque se ex historicis adversus memoriam Ciceronis gesserit. nam, quin Cicero nec tam timidus fuerit, ut rogaret Antonium, nec tam stultus, ut exorari posse speraret, nemo dubitat excepto Asinio Pollione, qui infestissimus famae Ciceronis permansit. et is etiam occasionem scholasticis alterius suasoriae dedit. solent enim scholastici declamitare: deliberat Cicero, an salutem promittente Antonio orationes suas comburat. [15] haec inepte ficta cuilibet videri potest; Pollio vult illam veram videri; ita enim dixit in ea oratione quam pro Lamia (e)didit.

ASINI POLLIONIS. Itaque numquam per Ciceronem mora fuit, quin eiuraret [suas esse] quas cupidissime effuderat orationes in Antonium; multiplicesque numero et accuratius scriptas illis contrarias edere ac vel[ut] ipse palam pro contione recitare pollicebatur.

(Ad)ieceratque his alia sordidiora multo, ut ibi facile liqueret hoc totum adeo falsum esse, ut ne ipse quidem Pollio in historiis suis ponere ausus sit. huic certe actioni eius pro Lamia qui interfuerunt, negant eum haec dixisse, nec enim mentiri sub triumvirorum conscientia sustinebat, sed postea composuisse.

[16] Nolo autem vos, iuvenes mei, contristari, quod a declamatoribus ad historicos transeo. satisfaciam vobis, et fortasse efficiam, ut his sententiis lectis solida et verum habentia recipiatis. et quia hoc statim recta via consequi non potero, decipere vos cogar, velut salutarem daturus pueris potionem, summa parte poculi.

T. Livius adeo retractationis consilium habuisse Ciceronem non dicit, ut neget tempus habuisse; ita enim ait:

[17] T. LIVI. M. Cicero sub adventum triumvirorum urbe cesserat pro certo habens, id quod erat, non magis Antonio (se) eripi quam Caesari Cassium et Brutum posse. primo in Tusculanum fugerat, inde transversis itineribus in Formianum ut ab Caieta navem consensurus proficiscitur. unde aliquotiens in altum provectum cum modo venti adversi rettulissent, modo ipse iactationem navis caeco volvente fluctu pati non posset, taedium tandem eum et fugae et vitae cepit regressusque ad superiorem villam, quae paulo plus mille passibus a mari abest, 'moriar' inquit 'in patria saepe servata'. satis constat servos fortiter fideliterque paratos fuisse ad dimicandum; ipsum deponi lecticam et quietos pati quod fors iniqua cogeret iussisse. prominenti ex lectica praebentique immotam cervicem caput praecisum est. nec satis stolidae crudelitati militum fuit: manus quoque scripsisse aliquid in Antonium exprobrantes praeciderunt. ita relatam caput ad Antonium iussuque eius inter duas manus in rostris positum, ubi ille consul, ubi saepe consularis, ubi eo ipso anno adversus

Antonium quanta nulla umquam humana vox cum admiratione eloquentiae auditus fuerat. vix attollentes (madentes) lacrimis oculos homines intueri trucidati membra civis poterant.

[18] Bassus Aufidius et ipse nihil de animo Ciceronis dubitavit, quin fortiter se morti non praeberit tantum sed obtulerit:

AVFIDI BASSI. Cicero paulum remoto velo postquam armatos vidit, 'ego vero consisto' ait; 'accede, veterane, et, si hoc saltem potes recte facere, incide cervicem'. trementi deinde dubitantique 'quid, si ad me' inquit 'primum venissetis?'

[19] Cremutius Cordus et ipse ait Ciceronem, secum cogitasse, utrumne Brutum an Cassium an Sex. Pompeium peteret, omnia illi displicuisse praeter mortem.

CREMVTI CORDI. Quibus visis laetus Antonius, cum peractam proscriptionem suam dixisset esse (quippe non satiatus modo caedendis civibus sed differtus quoque), super rostra exponit. itaque, quo saepius ille ingenti circumfusus turba processerat, quae paulo ante coluerat piis contionibus, quibus multorum capita servaverat, tum per artus sublatus aliter ac solitus erat a civibus suis conspectus est, praependenti capillo orique eius inspersa sanie, brevi ante princeps senatus Romanique nominis titulus, tum pretium interfectoris sui. praecipue tamen solvit pectora omnium in lacrimas gemitusque visa ad caput eius deligata manus dextera, divinae eloquentiae ministra. ceterorumque caedes privatos luctus excitaverunt, illa una communem.

[20] BRVTTEDEI NIGRI. Elapsus interim altera parte villae Cicero lectica per agros ferebatur. sed ut vidit appropinquare notum sibi militem, Popillum nomine, memor defensum a se laetiore vultu aspexit. at ille victoribus id ipsum imputaturus occupat facinus caputque decisum nihil in ultimo fine vitae facientis, quod alterutram in partem posset notari, Antonio portat oblitus se paulo ante defensum ab illo. (et hic voluit positi in rostris capitis miserabilem faciem describere sed magnitudine rei obrutus est.) [21] [Bruttedi Nigri] ut vero iussu Antonii inter duas manus positum in rostris caput conspectum est, quo totiens auditum erat loco, datae gemitu et fletu maximo viro inferiae, nec, ut solet, vitam depositi in rostris corporis contio audivit sed ipsa narravit: nulla non pars fori aliquo actionis inclutae signata vestigio erat, nemo non aliquod eius in se meritum fatebatur. hoc certe publicum beneficium palam erat, illam miserrimi temporis servitatem a Catilina dilatam in Antonium.

Quotiens magni alicuius (viri) mors ab historicis narrata est, totiens fere consummatio totius vitae et quasi funebris laudatio redditur. hoc, semel aut iterum a Thucydide factum, item in paucissimis personis usurpatum a Sallustio, T. Livius benignus omnibus magnis viris

praestitit. sequentes historici multo id effusius fecerunt. Ciceroni hoc, ut Graeco verbo utar, *ejpitavfion* Livius reddit:

[22] T. LIVI. Vixit tres et sexaginta annos, ut, si vis afuisset, ne immatura quidem mors videri possit. ingenium et operibus et praemiis operum felix, ipse fortunae diu prosperae; sed in longo tenore felicitatis magnis interim ictus vulneribus, exilio, ruina partium, pro quibus steterat, filiae amatae exitu tam tristi atque acerbo, omnium adversorum nihil, ut viro dignum erat, tulit praeter mortem, quae vere aestimanti minus indigna videri potuit, quod a victore inimico (nihil) crudelius passus erat quam quod eiusdem fortunae compos victo fecisset. si quis tamen virtutibus vitia pensarit, vir magnus ac memorabilis fuit, et in cuius laudes (ex)equendas Cicerone laudatore opus fuerit.

Vt est natura candidissimus omnium magnorum ingeniorum aestimator T. Livius, plenissimum Ciceroni testimonium reddidit.

[23] CORDI CREMUTI non est operae pretium referre redditam Ciceroni laudationem; nihil enim in ea Cicerone dignum est, ac ne hoc quidem, quod paene maxime tolerabile est: CREMVTI CORDI. Proprias enim simultates deponendas interdum putabat, publicas numquam avide exercendas. civis non solum magnitudine virtutum sed multitudine quoque conspiciendus.

AVFIDI BASSI. Sic M. Cicero decessit, vir natus ad rei publicae salutem, quae diu defensa et administrata in senectute demum e manibus eius abit, uno ipsius vitio laesa, quod nihil in salutem eius aliud illi quam si caruisset Antonio placuit. vixit sexaginta et tres annos ita, ut semper aut peteret alterum aut invicem peteretur, nullamque rem rarius quam diem illum, quo nullius interesset ipsum mori, vidit.

[24] POLLIO quoque ASINIUS, qui Verrem, Ciceronis reum, fortissime morientem tradidit, Ciceronis mortem solus ex omnibus maligne narrat, testimonium tamen quamvis invitum plenum ei reddit:

ASINI POLLIONIS. Huius ergo viri tot tantisque operibus mansuri in omne aevum praedicare de ingenio atque industria superva(cuum est). natura autem atque fortuna pariter obsecuta est ei, (si) quidem facies decora ad senectutem prosperaque permansit valetudo. tunc pax diutina, cuius instructus erat artibus, contigit. namque [a] prisca severitate iudicium exacta maxima noxiorum multitudo provenit, quos obstrictos patrocinio incolumes plerosque habebat. iam felicissima consulatus ei sors petendi et gerendi magno munere deum, consilio (suo) industriaque. utinam moderatius secundas res et fortius adversas ferre potuisset! namque utraeque cum (e)venerant ei, mutari eas non posse rebatur. inde sunt invidiae tempestates

coortae graves in eum, certiorque inimicis adgrediendi fiducia. maiore enim simultates appetebat animo quam gerebat. sed quando mortalium nulli virtus perfecta contigit, qua maior pars vitae atque ingenii stetit, ea iudicandum de homine est. atque ego ne miserandi quidem exitus eum fuisse iudicarem, nisi ipse tam miseram mortem putasset.

[25] Adfirmare vobis possum nihil esse in historiis eius hoc, quem rettuli, loco disertius, ut mihi tunc non laudasse Ciceronem sed certasse cum Cicerone videatur. nec hoc deterrendi causa dico, ne historias eius legere concupiscatis; concupiscite et poenas certe non dabit.

Nemo tamen ex tot disertissimis viris melius Ciceronis mortem deploravit quam Severus Cornelius:

[26] CORNELI SEVERI

oraque		magnanimum		spirantia		paene		virorum
in	rostris	iacuere	suis.	sed	enim	abstulit		omnis,
tamquam		sola	foret,	rapti		Ciceronis		imago.
tunc	redeunt	animis		ingentia		consulis		acta
iurataeque		manus		deprensaque		foedera		noxae
patriciumque		nefas;		extincti		poena		Cethegi
deiectusque		redit		votis		Catilina		nefandis.
quid	favor	aut	coetus,	pleni	quid	honoribus		anni
profuerant,		sacris	exulta	quid		artibus		aetas?
abstulit	una	dies	aevi	decus,		ictaque		luctu
conticuit		Latiae		tristis		facundia		linguae.
unica		sollicitis		quondam		tutela		salusque,
egregium		semper	patriae	caput,		ille		senatus
vindex,	ille	fori,	legum	iurisque				togaeque,
publica	vox	saevis	aeternum	obmutuit				armis.
informes		voltus		sparsamque		cruore		nefando
canitiem		sacrasque		manus		operumque		ministras
tantium		pedibus		civis		proiecta		superbis
proculcavit		ovans	nec	lubrica		fata		deosque
respexit.		nullo	luet	hoc		Antonius		aevo.
hoc	nec	in	Emathio	mitis		victoria		Perse
nec	te,	dire	Syphax,	non	fecit	(in)	hoste	Philippo,
inque		triumphato		ludibria		cuncta		Iugurtha

afuerunt, nostraeque cadens ferus Hannibal irae
 membra tamen Stygias tulit inviolata sub umbras.

[27] Non fraudabo munic(ip)em nostrum bono versu, ex quo hic multo melior Severi
 Cornelii processit:

conticuit Latiae tristes facundia linguae.

SEXTILIUS ENA fuit homo ingeniosus magis quam eruditus, inaequalis poeta et plane
 quibusdam locis talis, quales esse Cicero Cordubenses poetas ait, (pingue) quiddam sonantis
 atque peregrinum. is hanc ipsam proscriptionem recitaturus in domo Messalae Corvini
 Pollionem Asinium advocaverat et in principio hunc versum non sine assensu recitavit:

Deflendus Cicero est Latiaeque silentia linguae.

Pollio Asinius non aequo animo tulit et ait: 'Messala, tu, quid tibi liberum sit in domo
 tua, videris; ego istum auditurus non sum, cui mutus videor'; atque ita consurrexit.

Enae interfuisse recitationi Severum quoque Cornelium scio, cui non aeque displicuisse hunc
 versum quam Pollioni apparet, quod meliorem quidem sed non dissimilem illi et ipse
 composuit.

Si hic desiero, scio futurum, ut vos illo loco desinatis legere, quo ego a scholasticis
 recessi; ergo, ut librum velitis usque ad umbilicum revolvere, adiciam suasoriam proximae
 similem.

(SVASORiarVM LIBER)

7. Deliberat Cicero, an scripta sua comburat promittente Antonio incolumitatem, si fecisset

[1] Q. HATERI. Non feres Antonium. (in)tolerabilis in malo ingenio felicitas est,
 nihilque (prava) cupientis magis accendit quam prosperae turpitudinis conscientia. difficilis
 est, non feres, inquam, et iterum inritare inimicum in mortem tuam cupies. Quod ad me
 quidem pertinet, multum a Cicerone absum, tamen non taedet tantum me vitae meae sed
 pudet. Ne propter hoc quidem ingenium tuum amas, quod illud Antonius plus odit quam te?
 Remittere ait se tibi, ut vivas, commentus, quemadmodum eripiat etiam quod vixeras.
 crudelior est pactio Antonii quam proscripio: ingenium erat, in quod nihil iuris haberent
 triumvralia arma. commentus est Antonius, quemadmodum, quod non poterat cum Cicerone
 (proscribi, a Cicerone) proscriberetur. Hortarer te, Cicero, ut vitam magni aestimares, si
 libertas suum haberet in civitate locum, si suum in libertate eloquentia, si non civili ense
 cervicibus luerentur. nunc ut scias nihil esse melius quam mori, vitam tibi Antonius promittit.

pendet nefariae proscriptionis tabula tot praetorii, tot consulares, tot equestris ordinis viri; paene nemo relinquitur, nisi qui servire possit. nescio, an hoc tempore vivere velis, Cicero; nemo est, cum quo velis. merito hercules illo tempore vixisti, quo Caesar ultro te rogavit, ut viveres, sine ulla pactione, quo tempore non quidem stabat res publica sed in boni principis sinum ceciderat.

[2] CESTI PII. Numquid opinio me fefellit? intellexit Antonius salvis eloquentiae monumentis non posse Ciceronem mori. ad pactionem vocaris, qua pactione melior inte(rim) pars tui petitur. Accommoda mihi paulisper eloquentiam, Cicero, nec perituram, rogo. si te audissent Caesar et Pompeius, neque inissent turpem societatem neque diremissent. si uti umquam consilio tuo voluissent, neque Pompeius *** Caesar. quid (referam) consulatum salutarem urbi, quid exilium consulatu honestius, quid provocatam inter initia adolescentiae libertate tirocinii tui Sullanam potentiam, quid Antonium avulsum Catilinae, rei publicae redditum? ignosce, Cicero, (si) diu ista narravero: forsitan hoc die novissime audiuntur. [3] Si occidetur Cicero, iacebit inter Pompeium patrem filiumque et Afranium, Petreium, Q. Catulum, M. Antonium illum indignum hoc successore generis. si serva(bi)tur, vivet inter Ventidios et Canidios et Saxas. ita dubium est, utrum satius sit cum illis iacere an cum his vivere? Pro uno homine iactura publica pacisceris? scio omne pretium iniquum esse, quod ille constituit: n(on) emo tanti Ciceronis vitam quanti vendit Antonius. si hanc tibi pactionem ferret: 'vives, sed eruentur oculi tibi; vives, sed debilita(bu)ntur pedes', etiamsi in alia damna corporis praestares patientiam, excepisses tamen linguam. Vbi est sacra illa vox tua: 'mori enim naturae finis est, non poena'? hoc tibi uni non liquet? at videris Antonio persuasisse. Adserere te potius libertati et unum crimen inimico adice: fac moriendo Antonium nocentiorum.

[4] P. ASPRENATIS. Vt Antonius Ciceroni parcat, Cicero in eloquentiam suam ipse animadvertet? quid autem tibi sub ista pactione promittitur? ut Cn. Pompeius et M. Cato et ille antiquos restituatur rei publicae senatus, dignissimus apud quem Cicero loqueretur? Multos care victuros animi sui contemptus oppressit. multos perituros parati ad pereundum animi ipsa admiratio eripuit et causa illis vivendi fuit fortiter mori. Permite populo Romano contra Antonium liceri: (si) scripta combusseris, Antonius paucos annos tibi promittit: at si non combusseris, fama populi Romani omnes.

[5] POMPEI SILONIS. Quale est, ut perdamus eloquentiam Ciceronis, fidem sequamur Antonii? Misericordiam tu istam vocas, supplicium sumptum (de) Ciceronis ingenio? Credamus Antonio, Cicero, si bene illi pecunias crediderunt faeneratores, si bene pacem Brutus et Cassius. hominem et vitio naturae et licentia temporum insanientem, inter scaenicos amores sanguine civili luxuriantem, hominem qui creditoribus suis oppigneravit rem

publicam, cuius gulae duorum principum bona, Caesaris ac Pompei, non potuerunt satisfacere! tuis utar, Cicero, verbis: 'cara est cuiquam salus, quam aut dare aut eripere potest Antonius?' Non est tanti servari Ciceronem, (ut) servatum Antonio debeam.

[6] TRIARI. Compulsus aliquando populus Romanus in eam necessitatem est, ut nihil haberet praeter Iovem obsessum et Camillum exulem. nullum tamen fuit Camilli opus maius quam quod indignum putavit Romanos salutem pactioni debere. O gravem vitam, etiamsi sine pretio daretur! Antonius hostis a re publica iudicatus nunc hostem rem publicam iudicat. Lepidus, ne quis illum putet male Antonio collegam placuisse, alienae semper dementiae accessio, utriusque collegae mancipium, noster (est) dominus.

[7] ARGENTARI. Nihil Antonio credendum est. mentior? quid enim iste non potest, qui occidere Ciceronem potest, qui servare nisi crudelius quam occidat non potest? ignoscere tu illum tibi putas, qui ingenio tuo irascitur? ab hoc tu speras vitam, cui nondum verba tua exciderunt? ut corpus, quod fragile et caducum est, servetur, pereat ingenium, quod aeternum est? ego mirabar, si non crudelior esset Antonii venia.

[8] *** P. Scipionem a maioribus suis desciscentem generosa mors in numerum Scipionum reposuit. Mortem tibi remittit, ut id pereat, quod in te solum immortale est. Qualis est pactio? aufertur Cicero ingenium; sine vitam. promittuntur (pro) oblivione nominis tui pauci servitutis anni. non ille te vivere vult sed facere ingenii tui superstitem. Videlicet Cicero audiat Lepidum, Cicero audiat Antonium, nemo Ciceronem. (Ingenium Ciceronis) pateris perire, ut, quod Cicero optimum habet, ante se efferat? sine durare post te ingenium tuum, perpetuam Antonii proscriptionem.

ARELLI FVSCI patris. Quoad humanum genus incolume manserit, quamdiu suis litteris honor, suum eloquentiae pretium erit, quamdiu rei publicae nostrae aut fortuna steterit aut memoria duraverit, admirabile posteris vigebit ingenium, et uno proscriptus saeculo proscribes Antonium omnibus. Crede mihi, vilissima pars tui est quae tibi vel eripi vel donari potest; ille verus est Cicero, quem proscribi Antonius non putat nisi a Cicerone posse. [9] Non ille tibi remittit proscriptionem sed tolli desiderat suam. Si fidem deceperit Antonius, morieris, si praestiterit, servies; quod ad me attinet, fallere (eum) malo. Per te, M. Tulli, per quattuor et sexaginta annos pulchre actos, per salutarem rei publicae consulatum, per aeternam, si pateris, ingenii tui memoriam, per rem publicam, quae, ne quid te putes carum illi relinquere, ante te perit, oro et obtestor, ne moriaris confessus, quam nolueris mori.

[10] Huius suasoriae alteram partem neminem scio declamasse. omnes pro libris Ciceronis solliciti fuerunt, nemo pro ipso, cum adeo illa pars non sit mala, ut Cicero, si haec condicio lata ei fuisset, deliberaturus non fuerit. itaque hanc suasoriam nemo declamavit

efficacius quam Silo Pompeius. non enim ad illa speciosa se contulit, ad quae Cestius, qui dixit hoc gravius esse supplicium quam mortem, et ideo hoc Antonium eligere. brevem vitam esse homini, multo magis seni; ita(que) memoriae consulendum, quae magnis viris aeternitatem promitteret, non qualibet mercede vitam redimendam esse. hic condiciones intolerabiles: (nihil humilior) esse quam monumenta ingenii sui ipsum exurere. iniuriam illum facturum populo Romano, cuius linguam dīncipem dē extulisset, ut insolentis Graeciae studia tanto antecederet eloquentia quanto fortuna. iniuriam facturum generi humano. paenitentiam illum acturum tam care spiritus empti, cum in servitute senescendum fuisset (et) in hoc unum eloquentia utendum, ut laudaret Antonium. male cum illo agi: dari vitam, eripi ingenium.

[11] SILO POMPEIVS sic egit, ut diceret Antonium non pacisci sed illudere: non esse illam condicionem sed contumeliam. combustis enim libris nihilominus occisurum. non esse tam stultum Antonium, ut putaret ad rem pertinere libros a Cicerone comburi, cuius scripta per totum orbem terrarum celebrarentur, nec hoc petere eum, quod posset ipse facere, nisi forte non esset in scripta Ciceronis ei ius, cui esset in Ciceronem. quaeri nihil aliud quam ut ille Cicero multa fortiter de mortis contemptu locutus ad turpes condiciones perductus occideretur. Antonium illi non vitam cum condicione promittere sed mortem sub infamia quaerere. itaque quod turpiter postea passurus esset, nunc illum debere fortiter pati. Et haec suasoria (Muredii insania) insignita est. dixit enim sententiam cacozeliae genere humillimo et sordidissimo, quod detractioe aut adiectione syllabae facit sensum: 'Pro facinus indignum! peribit ergo quod Cicero scripsit, manebit quod Antonius proscripsit.'

[12] Apud Cestium Pium rhetorem declamabat hanc suasoriam SVRDINVS, ingeniosus adulescens, a quo Graecae fabulae eleganter in sermonem Latinum conversae sunt. solebat dulces sententias dicere, frequentius tamen praedulces et infractas. In hac suasoria cum ius iurandum bellis sensibus prioribus complexus esset, adiecit: 'ita te legam!' CESTIVS, homo nasutissimus, dissimulavit exaudisse se, ut adolescentem ornatum, quasi imprudens obiurgaret: 'Quid dixisti, quid? ita te fruar?'

Erat autem Cestius nullius quidem ingenii (nisi sui amator), Ciceroni etiam infestus, quod illi non impune cessit. [13] Nam cum M. Tullius, filius Ciceronis, Asiam obtineret, homo qui nihil ex paterno ingenio habuit praeter urbanitatem, cenabat apud eum Cestius. M. Tullio et natura memoriam ademerat et ebrietas, si quid ex ea supererat, subducebat; subinde interrogabat, quid ille vocaretur, qui in imo recumberet, et cum saepe subiectum illi nomen Cestii excidisset, novissime servus, ut aliqua nota memoriam eius faceret certiore, interroganti domino, quis ille esset qui in imo recumberet, ait: 'hic est Cestius, qui patrem

tuum negabat litteras scisse.' adferri protinus flagra iussit et Ciceroni, ut oportuit, de corio Cestii satisfacit.

[14] Erat autem, etiam ubi pietas non exigeret, scordalus. Hybreae, disertissimi viri, filio male apud se causam agenti ait: ἡμεῖς οὐκ ἔπαυσαμεν πατρὸς σου;' et cum in quadam postulatione Hybreas patris sui totum locum ad litteram omnibus agnoscentibus diceret, 'age' inquit 'non putas me didicisse patris mei: quousque tandem abutere, Catilina, patientia nostra?'

GARGONIVS, (fatuorum) amabilissimus, in hac suasoria dixit duas res, quibus stultiores ne ipse quidem umquam dixerat: unam in principio; nam cum coepisset scholasticorum frequentissimo iam more, ut quam primum tantum tumeant quantum potest, a iure iurando et dixisset multa, (ait): ita aut totus vivat Cicero aut totus moriatur, ut ego quae hodie pro Ciceronis ingenio dixero nulla pactione delebo.' alteram rem dixit, cum exempla referret eorum, qui fortiter perierant: 'Iuba et Petreius mutuis vulneribus concucurrerunt et mortes faeneraverunt.'

